

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE**
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia

SUÉLEM DO SACRAMENTO COSTA DE MORAES

**O EMAGRECIMENTO EM DISCURSO: TENSIONAMENTOS
SOBRE A FABRICAÇÃO DO CORPO *MAGRO* NA REVISTA
*ANAMARIA***

Pelotas
2018

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Dissertação de Mestrado apresentada e submetida à Banca Examinadora, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação e Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Campus Pelotas.

Linha de pesquisa: Políticas e Práticas de Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Bárbara Hees Garré

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Bárbara Hees Garré
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Campus Pelotas

1º Avaliador: Profa. Dra. Patrícia Haertel Giusti
Universidade Católica de Pelotas

2º Avaliador: Profa. Dra. Angela Dillmann Nunes Bicca
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Campus Pelotas

Local: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Campus Pelotas

Aprovada pela Banca Examinadora em 18/12/2018.

Ficha Catalográfica

M827e Moraes, Suélem do Sacramento Costa de.
O emagrecimento em discurso : tensionamentos sobre a fabricação do corpo magro na revista AnaMaria / por Suélem do Sacramento Costa de Moraes. – 2018.
138 f. : il. color.
Orientadora: Profª. Drª. Bárbara Hees Garré.
Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2018.
1. Educação. 2. Emagrecimento discurso. 3. Corpo. 4. Relações de poder. 5. Pedagogias culturais. I. Garré, Bárbara Hees. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IF Sul. III. Título.

CDD 370

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Cristiane Pereira da Silva CRB 10/1880
Biblioteca IF Sul - Câmpus Pelotas



Figura 1: Ditadura da beleza?¹

¹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=453501428144809&set=a.113182098843412&type=3&theater> Acesso em: 22 de Agosto de 2018.

Penso que o trabalho que se deve fazer é um trabalho de problematização e de perpétua reproblemática. [...] e que o pensamento não é o que nos faz crer no que pensamos nem admitir o que nós fazemos; mas o que nos faz problematizar até o que nós somos nós mesmos.

(Michel Foucault)

AGRADECIMENTOS

Neste espaço deixarei registradas algumas palavras de agradecimento para pessoas que contribuíram significativamente para que fosse possível a realização deste curso de Mestrado. Mas antes disso, gostaria de demarcar o quanto essa formação representa para a minha constituição enquanto pessoa, saio deste curso uma Suélem diferente daquela que ingressou no mês de Abril do ano de 2017. Percebo meus deslocamentos nos atos e pensamentos mais ínfimos do meu cotidiano. Foram dois anos de verdadeira imersão no referencial teórico, nos estudos foucaultianos e nos estudos filosóficos. Neste período, experienciei sensações e sentimentos que me transformaram, me transbordaram e me desacomodaram de uma forma tão significativa que não existem palavras que possam descrever. Por isso, tudo se faz extremamente necessário agradecer.

A primeira pessoa a quem sinto-me convidada a agradecer é à minha orientadora, Professora Dra. Bárbara Hees Garré. É difícil descrever com palavras a magnitude dos sentimentos envolvidos neste agradecimento. Esta profissional foi incansável na elaboração deste trabalho, ela o produziu junto comigo, presenciou muitas lágrimas, muitos sorrisos e acompanhou de perto meus deslocamentos pessoais ao longo deste percurso... em cada palavra aqui escrita eu pude contar com sua leitura atenta, generosa e responsável, com seu olhar cuidadoso, com suas contribuições preciosas. Bárbara, sempre falamos isso, mas vale o registro: para muito além da relação de orientação, te tornaste uma grande amiga que levarei no lado esquerdo do peito por toda minha vida! Tenho um grande orgulho de ter sido tua orientanda, de ter começado minha trajetória acadêmica ao teu lado, pois és uma pessoa que eu admiro e respeito muito. Muito obrigada por tudo e espero que este seja nosso primeiro passo de uma longa e promissora parceria.

Às professoras que compuseram minha banca, meu muito obrigada por aceitarem nosso convite e contribuírem significativamente para a conclusão deste texto. Professora Dra. Ângela Dillmann Nunes Bicca, agradeço pelas tuas contribuições ao longo do curso, por todas as vezes que me ouviste e disponibilizaste teu tempo para pensar comigo este trabalho, pelas discussões oportunizadas nos seminários ministrados por ti e também pelas tantas referências bibliográficas que indicaste para encorpar minha pesquisa. Professora Dra. Patrícia

Haertel Giusti pelas contribuições importantes na banca de qualificação do projeto de pesquisa, as quais foram fundamentais para a finalização desta pesquisa.

Ao Programa de pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, e aos colegas da turma de 2017-1 do Mestrado em Educação e Tecnologia.

Ao GEEJS (Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação, Juventude e Subjetividade), agradeço a cada um dos colegas que compõem o grupo, pela relação de amizade estabelecida ao longo deste período, por todas as vezes que tivemos a oportunidade de discutir essa pesquisa e pelas contribuições de cada um de vocês nesta escrita. Um agradecimento especial ao meu colega Guilherme, minha dupla de orientação, um amigo muito precioso que esta trajetória me proporcionou. Muito obrigada por todas as vezes que dividimos alegrias, conquistas, artigos, mas também pelas vezes que fomos o apoio um do outro, pelas angústias e anseios compartilhados. Agradeço, especialmente, pelo incentivo nos momentos que precisei de uma palavra amiga e pelas tantas ideias tuas que compõem vários trechos deste texto, tenhas certeza de que este trabalho é nosso!

Aos colegas do GEECAF (Grupo de Estudos em Educação Cultura, Ambiente e Filosofia - FURG), grupo que tive a oportunidade de participar ao longo da elaboração desta pesquisa. Um agradecimento especial à Professora Dra. Paula Corrêa Henning, uma profissional que respeito e admiro profundamente, que me acolheu como pesquisadora voluntária com tanta generosidade em seu grupo, contribuindo significativamente para a conclusão desta pesquisa.

Aos colegas do DEAD (Departamento de Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense), onde atuo no meu fazer profissional.

Aos meus pais, Mara e Aldemir, obrigada por serem meu porto seguro em todos os momentos da minha vida, por sempre me incentivarem a ser uma pessoa melhor, a perseguir meus sonhos e meus objetivos. Amo muito vocês!

Aos meus irmãos Bruna e Gabriel. Bruna, nessa formação em especial eu sou grata pelas tantas vezes que paraste tudo o que estavas fazendo para me ouvir falar sobre meu trabalho e sobre minhas escolhas de pesquisa, poucas são as pessoas que ouvem, e tu, sempre me ouviste! Agradeço pelas tuas palavras de amor, consolo, apoio e incentivo, obrigada também pelos abraços amorosos e pelas taças de vinho, tudo isso foi fundamental em alguns momentos para que eu

conseguisse seguir em frente! Gabriel, te agradeço por mesmo estando longe de mim em quilômetros estares sempre perto em coração. Obrigada pelas tuas palavras de incentivo e de carinho, ainda que tantas delas por vídeo chamada, obrigada também pelos teus abraços, tenha certeza de que cada vinda tua renovou, ainda mais, minhas expectativas em relação à finalização deste curso. Obrigada em especial pela confecção do *Abstract* desta pesquisa. Vocês dois são meus grandes motivos de orgulho, obrigada por existirem, amo vocês!

Aos familiares que a vida me deu, Angela, Sílvio e Gabrielle, agradeço a vocês pelo carinho e incentivo.

Um agradecimento mais que especial faço aos meus sogros Cleuza e Roberto. Cleuza, te agradeço imensamente, pois foste fundamental para a finalização deste trabalho. Encarar um mestrado com um filho de três anos (na época) não foi uma decisão fácil, mas de ti tive somente palavras e gestos de incentivo, com o teu apoio às demandas cotidianas se tornaram leves. Obrigada pelas incontáveis vezes que tomaste conta do nosso Joãozinho para que eu pudesse estudar e participar dos seminários do turno da noite, por todas as vezes que cuidaste de mim, me ouviste e me acalentaste o coração. Roberto, agradeço por todo o suporte que me deste em tempo integral, és muito especial para mim. Sem medir esforços vocês me ajudaram constantemente em questões práticas ao longo deste percurso, palavras não expressam meu sentimento de gratidão, preciso deixar registrado que tenho muita sorte por poder contar na vida com pessoas tão generosas como vocês.

Ao meu primo Marcelo (mano), algumas conquistas pessoais que por tanto tempo almejei foram possíveis com o teu apoio e intervenção, coincidentemente ou não, essas conquistas aconteceram no mesmo período da elaboração desta pesquisa. Sabes o quanto és especial para mim, mas é preciso registrar que os deslocamentos que vivenciei em alguns aspectos, me ajudaram a me reinventar e me tornar uma pessoa diferente. Obrigada por acreditar em mim e me incentivar!

Agradeço aos meus queridos amigos, que entenderam minhas ausências, ouviram minhas angústias, meus “devaneios”, me apoiaram e contribuíram de algum modo nesta formação. Seria difícil mencionar todos, por isso, neste espaço, cito alguns que foram fundamentais:

Camila, a ti minha amiga “#DolfsulParaAVida” vai um agradecimento especial, por teres proporcionado o acontecimento do encontro de vida com a

orientadora deste trabalho. És aquela que me ajudou e me incentivou em cada pequena conquista ao longo desta jornada. Tu me inspiras com tua autoconfiança, com isso vou me reinventando e tenho aprendido a ser mais confiante. Muito obrigada, és muito especial em minha vida!

Fernanda minha amiga, obrigada por seres a melhor vizinha do mundo, minha cúmplice, “terapeuta-paciente” e o apoio fundamental para algumas jornadas, como ter sido a babá do meu filho naquelas noites intensas de estudos, por teres me ajudado em alguns detalhes de formatação, por teres lido alguns trechos e escutado constantemente minhas inquietações. És uma amiga incansável, que tem sempre uma palavra sábia nos momentos difíceis, tens, também, a risada mais sincera que já se viu e além disso, neste período me proporcionaste os melhores “recreios”, regados com o chimarrão mais saboroso, ou com a cerveja mais recompensadora, essas coisas todas deixaram um pouco mais leve o fardo dessa jornada tão turbulenta e produtiva de aprendizagens. Obrigada por dividir parte da tua vida comigo, és presente e és um presente, ou ainda, como falamos sempre: essa amizade é um reencontro!

Obrigada a este trio fundamental na minha construção enquanto pessoa: Cristina, Clarice e Silviane. Cristina tu és aquela que o amor transbordou e se tornou da família, pois os nossos corações há muito tempo se escolheram no meio de tanta gente para dar o *status* de “melhor amiga” para esta relação. Me presenteaste no meio desse emaranhado de descobertas e dedicação quase exclusiva aos estudos com um precioso e amado afilhado, a ti um agradecimento especial por compreender minhas ausências nessa fase inicial da vida do Théo. Clarice, não tenho palavras para agradecer pela tua disponibilidade em ajudar, poucas pessoas têm a tua generosidade, agradeço imensamente por ter a sorte de te chamar de minha amiga e dividir contigo tantas histórias de vida ao longo de tantos anos. Silviane minha amiga “de fé”, desde 2005 fazes parte intensamente da minha vida. Em especial, nesse trabalho, te agradeço pelos “papos” filosóficos. És aquela que fervorosamente esteve presente nas escolhas que fiz neste período, me acompanhou lado a lado em uma delas, a qual foi fundamental para a conquista de alguns deslocamentos importantes que percebo em minha vida. Obrigada, por tudo!

Por fim, meus grandes amores, Leonardo e João Vitor, a vocês eu dedico este trabalho! Leonardo meu amor, meu esposo, meu amigo, meu companheiro de vida e grande incentivador, te agradeço por compreenderes minhas ausências,

minhas crises de ansiedade e minhas lamentações. Por estares lado a lado me ouvindo constantemente, me apoiando, me incentivando e me ajudando a ser cada dia melhor em algum aspecto. Dividimos a vida já há algum tempo e neste período tenho vivenciado alguns deslocamentos que me modificaram significativamente, te agradeço por compreenderes minhas mudanças, me apoiares em cada escolha e me ajudares a perceber que eu sou capaz de fazer o que eu quiser! Já passamos por tantas coisas ao longo da nossa história que parece que estamos juntos desde sempre, mas especialmente neste período de Mestrado enfrentamos algumas provas, o bom é que temos ultrapassado todas elas com bravura e união. Obrigada pelo café amargo e quente todas as manhãs, servido na minha caneca preferida, obrigada pelo melhor abraço do mundo, pelas palavras de amor e de incentivo, e por seres um marido que não cansa de me elogiar e de me incentivar. Teu apoio foi fundamental para que eu conseguisse concluir esta etapa. Eu te amo muito! Obrigada por existires! João Vitor meu filho amado, és tão pequeno ainda e não compreendes as tantas vezes que precisei fechar a porta do quarto e me dedicar aos estudos, saibas que fiz isso sempre com uma vontade imensa de estar te abraçando e compartilhando contigo tuas imensas vitórias, ouvindo tuas histórias e brincando contigo de bonecos heróis. Não foi fácil para mim abrir mão de momentos importantes da tua vida para estar imersa nos estudos, mas um dia entenderás que fiz e faço tudo isso não só por mim, mas também por ti. Filho, és o maior motivo para eu acordar todos os dias sorrindo e sair para lutar pelas nossas conquistas. Te amo infinitamente, tanto que nem consigo transcrever em palavras meus sentimentos. Obrigada a vocês dois, minha família, que dividem a casa e a vida comigo, por todo apoio e companheirismo. Amo vocês!

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, linha de pesquisa Políticas e Práticas de Formação, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação e Tecnologia. O estudo teve por objetivo problematizar o *emagrecimento* em discurso, tensionando alguns ditos hegemônicos que reverberam pelos mais diversos ambientes de circulação social e que corroboram na fabricação de um padrão de beleza corporal, que parece ser o modelo estético vigente na atualidade, onde os corpos “devem” ser *magros* e saudáveis, como prerrogativa de uma vida longínqua. Destacam-se, nessa investigação, questões relacionadas ao corpo dos sujeitos, compreendendo que este corpo é fabricado culturalmente e conduzido através dos discursos que por ele perpassam. Assim, este trabalho situou-se em tensionar, principalmente, uma produção discursiva que reverbera na mídia e constitui algumas hegemonias subjetivantes, acerca de questões que versam sobre cuidados com o corpo. Nessa correnteza, compreende-se a mídia como uma pedagogia cultural, que ensina, educa e fabrica sujeitos e subjetividades. Tomou-se como *corpus* empírico dessa pesquisa as reportagens da seção “Dieta” da revista *AnaMaria*, uma mídia impressa de circulação semanal. Este artefato cultural disponibiliza aos seus leitores um conjunto de reportagens que abordam diferentes temáticas, as quais se constituem como uma espécie de manual, prometendo uma vida feliz e “bem sucedida” para aqueles que adotarem em suas práticas pessoais comportamentos, hábitos e atitudes ali descritos. Assim, o trabalho colocou sob suspeita algumas discursividades, especialmente aquelas que versam sobre um corpo dito *magro*. Entende-se que há um processo de subjetivação operacionalizado por essa mídia impressa, através de uma interpelação sutil, porém convidativa, que atinge de modo potente diferentes sujeitos. O referencial teórico e metodológico dessa pesquisa foram alguns conceitos do filósofo Michel Foucault, tomados como ferramentas de análise. Como principais achados da pesquisa observou-se que o discurso de *emagrecimento* funciona pela e na mídia, porém ele é apoiado por outros discursos, que dão solo para esse funcionamento. Além disso, observou-se que o teor das reportagens tem um caráter prescritivo, caracterizando-se como uma espécie de manual para a condução das condutas dos leitores, que se subjetivam e são incitados a viver um modo de ser que oportunize a obtenção e/ou a manutenção de um corpo *magro*.

Palavras-Chave: Educação; *Emagrecimento* em discurso; Corpo; Relações de poder; Pedagogias culturais.

ABSTRACT

This work is a Master's thesis presented to the Graduate Program in Education of the Federal Institute of Education, Science and Technology South Rio Grande, within the research field of Policies and Practices of Training, as a requirement to obtain the title of Master in Education and Technology. The study aimed to discuss *weight loss* in discourse, analyzing some hegemonic quotes that reverberate throughout various environments of social circulation and endorse the fabrication of a beauty standard, which seems to be the aesthetic model currently standing, in which bodies "must" be *slim* and healthy as a means to a long lifespan. Questions related to subjects' bodies stand out from this investigation, understanding that such a body is culturally fabricated and conducted through the discourses that pervade it. Hence, this work placed itself in analyzing, especially, a discursive production that reverberates in the media and constitutes hegemonic subjectifications regarding topics on body care. In this sense, the media is understood as a cultural pedagogy, that teaches, educates and fabricates subjects and subjectivities. The empirical *corpus* of this research was composed of articles from the Dieting section of *AnaMaria*, a magazine published in print on a weekly basis. Such cultural artifact provides its readers with a collection of articles of various themes, which constitute a kind of manual, promising a happy and "successful" life for those who adopt in their personal practices the behaviors, habits and attitudes there described. As such, this work challenged some discursivities, especially those that concern a body that is said to be *slim*. It is understood that there is a process of subjectification operated by such printed publication via a subtle, yet inviting, interpellation, that reaches various subjects in a powerful manner. The theoretical and methodological framework for this research was composed of concepts by the philosopher Michel Foucault, which were taken as analytical tools. As main findings from this research, it was observed that the discourse of *weight loss* is conducted by and within the media, although it is supported by other discourses, that serve as ground for such work. Moreover, it was observed that the content of the articles is of a prescriptive character, constituting a kind of manual for readers' behaviors, who subjectify themselves and are urged to live in a manner that allows the obtainment and maintenance of a *slim* body.

Keywords: Education; *Weight loss* in discourse; Body; Power relations; Cultural pedagogies.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
1. PRIMEIROS CONTORNOS.....	18
1.1. A Pesquisadora em Confissão.....	18
1.2. O material empírico: Seção “Dieta” da revista <i>AnaMaria</i>	22
2. DISCUSSÕES E TENSIONAMENTOS SOBRE UMA POLÍTICA DO CORPO.....	34
2.1. Construções discursivas acerca do corpo magro a partir da análise de Dissertações e Teses.....	34
2.2. Mapeando o conceito de corpo como alvo de tecnologias de poder.....	50
3. CONTORNOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: MAPEANDO ALGUNS CONCEITOS E/OU FERRAMENTAS POTENTES PARA A INVESTIGAÇÃO.....	63
4. A PALAVRA DE ORDEM É: EMAGREÇA!.....	79
4.1. Precisamos <i>emagrecer</i> : o autocontrole e a autorregulação do corpo e da mente dos sujeitos.....	82
4.2. Manual para um corpo <i>magro</i> , saudável, feliz e inteligente!.....	110
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS.....	132

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: DITADURA DA BELEZA?	4
FIGURA 2: ILUSTRAÇÕES DE ALGUMAS CAPAS DA REVISTA ANAMARIA	28
FIGURA 3: FONTE EDIÇÃO 1091 DA REVISTA ANAMARIA	87
FIGURA 4: DIETA DA INTELIGÊNCIA	90
FIGURA 5: EDIÇÃO 1083 DA REVISTA ANAMARIA	101
FIGURA 6: EDIÇÃO 1100 DA REVISTA ANAMARIA	102
FIGURA 7: EDIÇÃO 1086 DA REVISTA ANAMARIA	102
FIGURA 8: EDIÇÃO 1079 DA REVISTA ANAMARIA	103
FIGURA 9: INSTAGRAM WHINDERSSON NUNES	104
FIGURA 10: SIMONE GUTIERREZ (ATRIZ)	104
FIGURA 11: ANTES E DEPOIS DE UM CASAL	105
FIGURA 12: LEANDRO HASSUM (ATOR)	105
FIGURA 13: EDIÇÃO 1078 DA REVISTA ANAMARIA	106
FIGURA 14: SUBSTITUIÇÃO DO CAFÉ DA MANHÃ	119
FIGURA 15: O QUE FAZER PARA EMAGRECER?	119
FIGURA 16: O QUE FAZER PARA EMAGRECER RÁPIDO	120
FIGURA 17: DIETA DO OVO	120

APRESENTAÇÃO

Este trabalho objetivou problematizar o *emagrecimento* em discurso, tensionando alguns ditos hegemônicos que reverberam pelos mais diversos ambientes de circulação social e que corroboram na fabricação de um padrão de beleza corporal, que parece ser o modelo estético vigente na atualidade, onde os corpos “devem” ser *magros*. Para este estudo, por entendermos que são necessárias algumas escolhas e alguns abandonos em uma gama enorme de possibilidades de materiais de análise, optamos por um *corpus* empírico que nos pareceu potente, de grande circulação e está presente em diferentes espaços por onde transitamos, bem como nas mídias sociais. Tal escolha referiu-se à revista semanal *AnaMaria*.

Com essa dissertação, colocamos o pensamento em movimento, para refletirmos sobre algumas discursividades hegemônicas, tão recorrentes na atualidade, que versam sobre obtenção e/ou manutenção de corpos *magros*. Tais discursividades parecem estar cada vez mais naturalizadas e tomadas com força de verdade por muitos de nós. Não realizamos quaisquer julgamentos sobre tais questões, nem tampouco procuramos respostas para os questionamentos tensionados nesse estudo. Compreendemos que uma pesquisa que se situa no campo dos estudos culturais e dos estudos foucaultianos é potente quando oportuniza reflexões e inquietações. Assim, olhamos com prudência para algumas preeminências, refutando os dualismos e os binarismos típicos contemporâneos, desconfiando das hegemonias que atravessam nosso corpo social. Entendemos nesse estudo, que somos sujeitos produzidos cultural e historicamente, pelos discursos que por nós perpassam, pelas relações de poder e saber em que estamos engendrados e pelas verdades que escolhemos e que levamos para nossas práticas individuais.

Desse modo, no primeiro capítulo do trabalho são apresentadas algumas motivações que dispararam a vontade de trabalhar com a temática escolhida. Nessas primeiras linhas, o leitor encontra um texto escrito na primeira pessoa do singular, demarcando alguns caminhos trilhados ao longo da vida da pesquisadora, acontecimentos, sentimentos e experiências que foram de algum modo efervescendo, inquietando, desacomodando e constituindo um sujeito preocupado com questões relacionadas ao corpo. Essa investigação foi elaborada com a

intercessão constante do pensamento do filósofo francês Michel Foucault (2017), nesse contexto, tal capítulo foi escrito em forma de confissão, compreendendo esse conceito na perspectiva foucaultiana e entendendo que confessar é um ato que “produz em quem a articula modificações intrínsecas” (FOUCAULT, 2017, p. 69). O capítulo é dividido em duas seções, sendo que na primeira delas temos os atravessamentos pessoais que motivaram o estudo, conforme anteriormente anunciado e, na segunda, delineamos alguns caminhos teórico-metodológicos, bem como apresentamos e justificamos a escolha do nosso *corpus* empírico.

Na sequência, a escrita passa a ser organizada na primeira pessoa do plural, pois a partir do segundo capítulo é dado um tom coletivo para a elaboração dessa dissertação. Compreendemos que um trabalho como este é produzido a partir de diversos atravessamentos, teóricos e metodológicos, mas para além disso, essa pesquisa especificamente resulta de um encontro entre orientanda, orientadora, do referencial teórico que tomamos como base para nossos estudos, bem como das contribuições dos grupos de pesquisa os quais integramos. Nessa perspectiva, a investigação é decorrente de uma produção textual submetida constantemente ao olhar atento, responsável e generoso da orientadora para cada fragmento de texto apresentado pela orientanda. Além disso, essa trajetória foi balizada por um denso investimento da pesquisadora em estudos sobre alguns conceitos de Michel Foucault, visando a articulação deles com o material empírico. Desse modo, passamos a escrever no plural por entendermos que essa escrita é uma produção coletiva e intercedida pela obra deixada por Foucault.

O segundo capítulo foi dividido em duas seções. Na primeira delas fizemos um levantamento de pesquisas publicadas em alguns dos principais bancos de teses e dissertações. Investimos em abordar trabalhos com temáticas e referencial teórico afins com nossa pesquisa. Empreendemos uma leitura atenta desses materiais, trazendo para nossa escrita fragmentos dos autores e também o nosso olhar em relação a esses textos. Na segunda seção, realizamos um mapeamento do conceito de corpo em algumas obras do filósofo Michel Foucault. Procuramos articular esse conceito com nosso material empírico, buscando compreender o quanto nosso corpo é fabricado discursivamente e por ele perpassam relações de poder que conduzem, subjetivam e incitam os sujeitos a viverem de um modo e não de outro.

O terceiro capítulo situa-se em apresentar nosso referencial teórico, articulando alguns conceitos foucaultianos com o objeto de nossa pesquisa. Além

disso, nos debruçamos em explicar alguns caminhos metodológicos os quais optamos por percorrer ao longo dessa investigação, compreendendo que uma pesquisa situada no campo dos estudos culturais e dos estudos foucaultianos não requer um método fechado, mas sim pistas metodológicas.

O quarto capítulo desta dissertação também foi dividido em duas seções, e nele apresentamos as análises. Elaboramos articulações de fragmentos extraídos da seção “Dieta” da revista semanal *AnaMaria* com alguns conceitos do filósofo francês Michel Foucault, os quais utilizamos como ferramentas analíticas. Nas duas seções apresentamos os principais achados da pesquisa, na primeira delas mostramos que existe um discurso de *emagrecimento* que não funciona sozinho na revista, mas sim apoiado por outros discursos que aparecem recorrentemente nas edições semanais, bem como em outros artefatos midiáticos. Na segunda seção mostramos o quanto algumas discursividades que aparecem no material e na mídia em geral parecem ser organizadas como espécies de manuais da vida contemporânea, voltados a nos ensinar sobre modos de ser e de viver, que se reproduzidos em nossas práticas “garantiriam” longevidade, saúde e um corpo *magro*. Além disso, em ambas seções, mostramos de que modo algumas estratégias discursivas utilizadas pela revista e pela mídia contemporânea provocam efeitos subjetivantes nos corpos e dos sujeitos.

Finalmente, no quinto capítulo apresentamos algumas considerações. Não tomamos esse trecho da dissertação como conclusão pois compreendemos que encerramos este trabalho com muitas inquietações, desacomodações e questionamentos. Não tivemos o intuito de responder à pergunta de pesquisa que norteou nosso trabalho em nenhum trecho do texto que estamos concluindo. Nossa análise ao longo dessa construção, tendo em vista nossa perspectiva teórica e metodológica, foi a de tensionar e de problematizar discursividades, com as quais nos deparamos todos os dias em nossas rotinas mais comuns e que produzem uma rede discursiva que coloca em funcionamento um discurso. Nesta pesquisa, olhamos para um discurso de *emagrecimento*, que entra na ordem do verdadeiro de nosso tempo porque o assumimos como tal. Por isto, neste capítulo, apresentamos algumas considerações que achamos pertinentes e que perfazem o encerramento desta etapa.

1. PRIMEIROS CONTORNOS

As primeiras linhas deste trabalho estão voltadas a explicitar algumas razões que motivaram a realização deste estudo bem como em apresentar o material empírico sobre o qual nos debruçamos ao longo desta pesquisa. Deste modo, dividimos esse capítulo em duas seções, a primeira delas chamamos de “a pesquisadora em confissão”, nela demarcamos alguns atravessamentos pessoais que justificam, de algum modo, as escolhas da temática. Na segunda seção nos debruçamos em apresentar a revista *AnaMaria*, artefato midiático que tomamos como *corpus* empírico, bem como em justificar essa escolha. Neste capítulo, por entendermos que as motivações para organização da pesquisa são individuais, organizamos a escrita na primeira pessoa do singular, para demarcar a voz da pesquisadora nesta construção.

1.1. A Pesquisadora em Confissão

Conforme anunciado anteriormente, nesta seção pretendo expor aos meus leitores algumas das razões que motivaram a escolha desta problemática de pesquisa. Ressalto que para elaboração desse texto introdutório já estou tomada e inspirada pela obra de Michel Foucault. Assim, como o título já diz, apresento algumas confissões, porém é importante ressaltar que estou entendendo confissão conforme o filósofo nos ensina:

Ora, a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação. (FOUCAULT, 2017, p.69)

Optei por escrever esse capítulo em forma de confissão por entender que fui sendo constituída nas tramas discursivas em torno de uma política do corpo. Fui subjetivada a partir de diferentes relações de poder que me tornaram o que sou

hoje. Desse modo, me construí nesse sujeito, a partir de muitos e múltiplos atravessamentos que passo a narrar.

Sou economista e atuo na área como servidora pública federal, em uma instituição de ensino. Sentia necessidade de entender um pouco mais sobre a atividade fim desta instituição, a educação. Quando me tornei uma aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia, entendi que a educação é um campo extremamente amplo, que possibilita pesquisas nas mais diversas áreas de conhecimento. Por isso, optei por pesquisar sobre uma problemática que me acompanha há muito tempo e, com isso, pude trazer para esse texto atravessamentos pessoais significativos, pois me coloco muito nesta escrita.

Desde muito cedo enfrentei preconceitos por não me ver “enquadrada”² nos padrões de beleza impostos pela sociedade, pois por muito tempo estive com o peso “acima da média”. Há pouco tempo passei por uma “reeducação” alimentar com o auxílio de meu amado primo, que é médico e trabalha dentre outras especialidades, com questões relacionadas ao *emagrecimento*. Passei, também, a praticar regularmente exercícios físicos, com a orientação de um amigo querido que é educador físico. Nesse processo tenho *emagrecido*. Porém, atualmente, me vejo cada vez mais capturada por algumas discursividades presentes nos mais variados espaços por onde circulo, opto por escolhas “ditas saudáveis” de alimentação, consumo produtos e artigos esportivos, frequento academia de ginástica. Com tais práticas, venho entendendo o quanto faço parte e colaboro para que um discurso *de emagrecimento* se fortaleça e permaneça reverberando cada vez mais.

Agora gostaria de retomar um ponto que apresentei logo no início desta escrita: o sofrimento que vivi por não fazer parte do padrão “exigido” pela sociedade. Vivi na infância, especialmente no ambiente escolar, alguns episódios que marcaram a minha constituição de uma forma bem significativa. Sentia vergonha de praticar atividades físicas por me ver “diferente” de algumas colegas. Fui rotulada, pejorativamente, como “gordinha” e “gorducha” inúmeras vezes. Em um concurso de beleza, desses que as escolas promovem, obtive título de “garota simpatia”, em outra ocasião, caracterizada com um vestido de prenda (traje feminino da

² Vou demarcando entre aspas alguns termos, pois os tenho compreendido de forma diferente do senso comum. Parece-me equivocado, na perspectiva dos estudos foucaultianos, dizer que não estive enquadrada em padrões estéticos, ou que vivi com um peso acima da média. Entendo que essa forma de organizar o mundo é uma fabricação discursiva, a qual neste estudo estou tensionando e procurando rachar com algumas hegemonias.

indumentária gauchesca), ganhei a faixa da “prenda faceira”. Além disso, no ambiente familiar, muitas vezes, me senti à margem e deixei de vivenciar momentos importantes.

Outra coisa que me marcou muito foi que em diferentes etapas da vida, ouvi de várias pessoas frases emblemáticas, tais como: “pessoas gordinhas normalmente tem lindos rostos”, “todo gordinho é simpático”, “todo gordinho é inteligente, continue estudando”, “que sorriso lindo que tu tens”, “imagina que linda serias se tu emagreceste”. Assim, fui acreditando nessas “dicas” e acabei me constituindo compreendendo que era assim mesmo: eu “precisava” *emagrecer* para fazer parte desse mundo! É duro pensar que existe uma espécie de senso comum que permeia a sociedade, onde pessoas “acima do peso” tem enaltecidas qualidades como simpatia, beleza do rosto, inteligência, porém, como uma espécie de prêmio de consolação, afinal de contas esses sujeitos não possuem corpos condizentes com “padrões” de beleza.

Muitas vezes, senti vergonha de frequentar alguns lugares e até mesmo de conviver com pessoas que possuíam o corpo esbelto que eu tanto almejava. Vivenciei, recorrentemente, sentimentos de inferioridade perante os demais, e me percebia também incapaz de mudar de situação. Parecia um tipo de círculo vicioso que a comida proporcionava, pois quanto mais engordava, menos vislumbrava a possibilidade de *emagrecer* e assim me sentia ainda pior. É importante ressaltar que mesmo lutando contra o estereótipo que eu vestia, não deixei de vivenciar experiências e cumpri meus papéis sociais³ de “modo satisfatório”. Porém, em todos os ambientes por onde circulava em algum momento eu me percebia preocupada com pormenores, como as roupas que eu estava vestindo, ou a opinião do outro sobre mim, por exemplo.

Com o ingresso no Programa de Mestrado em Educação e Tecnologia do IFSul tive oportunidade de participar de seminários no campo dos estudos culturais e dos estudos foucaultianos. As leituras foram despertando uma vontade de compreender, uma vontade de saber cada vez maior, fui construindo um olhar

³ Importante ressaltar que quando menciono que cumpri meus “papéis sociais de um modo satisfatório”, estou me referindo àqueles papéis sociais que os sujeitos hegemonicamente compreendem como os necessários para o atendimento de uma vida “bem-sucedida”. Porém, nessa pesquisa, entendo que tais papéis sociais são fabricados discursiva e culturalmente. Além disso, em nesta perspectiva de estudos, com o aporte do referencial teórico do filósofo Michel Foucault, desconfio das hegemonias totalizadoras que conduzem e subjetivam, de algum modo, a nossa sociedade.

diferente e mais questionador. Passei a contemplar a vida de um modo diferente e a me permitir sentir e vivenciar coisas simples com uma conotação menos “dura” de mim para comigo mesma. Passei a entender que existe uma teia tão imensa de verdades produzidas, da qual não consegui escapar, aliás da qual ninguém escapa, mas alguns entendem que são fabricações e outros não. Compreendi, também, que essa produção de verdades fabrica inclusive, coisas como preconceito e discriminação em relação aos sujeitos que estão à margem de uma norma⁴. Norma essa que também vem sendo inventada, reinventada e reverbera na sociedade em que vivemos, causando efeitos nos nossos modos de ser, de viver e de compreender esse mundo do qual fazemos parte.

Nessa perspectiva, estando cada vez mais inquietada com os modos como vinha compreendendo algumas questões da minha construção enquanto pessoa, me coloquei a pensar nos motivos que me levaram a vivenciar os relatos que trago neste texto, bem como, de que maneira fui me construindo ao longo do tempo nessa Suélem tão preocupada com questões relacionadas ao corpo, e, principalmente, com a imagem que as outras pessoas estavam vendo do meu corpo. Assim, com os estudos foucaultianos me vi convidada a pensar sobre algumas construções discursivas que instituem verdades tão significativas, ao ponto de assim como eu, tantos sujeitos também acreditarem que uma constante busca pela conquista de um corpo *magro* é prerrogativa de uma vida feliz. Foi com essas inquietações todas que defini minhas intenções de pesquisa.

Aqui meu objetivo foi tentar compreender de que modo se dá a construção de um discurso de *emagrecimento*, pelo qual me vejo capturada e colaboro para que se fortaleça e seja reafirmado. Na próxima seção, apresento o material que me propus analisar, justifico essa escolha e apresento algumas de suas peculiaridades. Além disso, nesta seção, já estou preocupada em demarcar algumas pistas teórico-metodológicas pelas quais estou atravessada durante a construção dessa dissertação.

⁴ Aqui toma-se o conceito de norma a partir dos estudos do filósofo francês Michel Foucault, assim compreende-se que: “A norma não se define como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e coerção que é capaz de exercer em relação aos domínios nos quais se aplica. A norma é portadora, conseqüentemente, de uma pretensão de poder. A norma não é, sequer ou simplesmente, um princípio de inteligibilidade; ela é um elemento a partir do qual determinado exercício de poder encontra-se fundado e legitimado”. (FOUCAULT, 2001, p. 62).

1.2. O material empírico: Seção “Dieta” da revista *AnaMaria*

Nesta seção vou delinear alguns caminhos percorridos nessa pesquisa, bem como justificar a escolha do material empírico. Nessa perspectiva, cabe esclarecer que estou tomando, nesse estudo, a compreensão de corpo na correnteza dos estudos culturais, ou seja, um corpo produzido pela cultura. Quando penso em um sujeito que se propõe a praticar um modo de ser que o oportunize a conquista de um corpo dito *fitness*, por exemplo, logo imagino que ele provavelmente “deve” possuir um corpo esbelto, torneado, belo, saudável, ágil, disciplinado, feliz. E que, além disso, provavelmente esse sujeito é capturado por um discurso de *emagrecimento*. A imagem desse indivíduo é rapidamente formada, como alguém que representa, de algum modo, os padrões esteticamente estabelecidos na sociedade em que vivemos. É nesse contexto que tomo o entendimento sobre corpo, como uma construção histórica e cultural.

O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Não é, portanto, algo dado *a priori* nem mesmo universal: o corpo é provisório, mutável, mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz. (GOELLNER, 2010, p. 28)

Desse modo, venho compreendendo que existe um padrão estético normalizado, de certa forma já naturalizado e que está recorrentemente sendo reafirmado e fabricado pelas mídias em geral. O corpo construído nessa sociedade é *magro*, saudável, produtivo e jovem. Porém nos séculos passados os padrões eram outros. Em outras palavras, o corpo adquire “representações temporárias, efêmeras, inconstantes, variam conforme o tempo/lugar que este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido” (GOELLNER, 2010, p.29). Cabe referenciar um pensamento provocativo do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) que é o seu conceito de “modernidade líquida”. Para Bauman, vivemos em tempos onde a realidade é bastante mutável. Na modernidade, tudo flui como fluem as águas: “Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, [...] ‘inundam’, [...] diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos”. (BAUMAN, 2001, p.10) [grifos do autor].

Nessa correnteza, como na analogia referenciada, e, sendo o corpo um construto sociocultural, podemos ao longo da nossa existência experimentar uma multiplicidade incontável de identidades, pois, elas obedecem cada vez a modelos menos óbvios. Nessa perspectiva, o corpo é produzido também para além de referenciais biológicos, ou seja, pela sua aparência, pelo que o discurso produz sobre ele, ou ainda, o “corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele operam, a imagem que dele se produz” (GOELLNER, 2010, p.29). Assim, entendo que seja importante ressaltar que “o corpo é assumido como uma variável construída na interseção entre aquilo que herdamos geneticamente e aquilo que aprendemos ao nos tornarmos sujeitos de determinada cultura” (MEYER, 2010, p.19). Desse modo, é relevante demarcar o entendimento que tomo nesse trabalho para cultura, na correnteza dos estudos culturais:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas "culturas". Contribuem para assegurar que toda ação social é "cultural", que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (HALL, 1997, p. 16) [grifos do autor]

Nesse sentido, estou compreendendo cultura, em uma vertente pós-estruturalista, onde quaisquer práticas humanas, da ordem da produção de significados são culturas. Nesse estudo, há uma ruptura com as marcações fixas, haja vista que a cultura é produzida social e historicamente. Assim, não considero aqui o binarismo que versa sobre a existência de culturas populares e culturas elitizadas, ou, o entendimento do senso comum sobre o termo “cultura”, que remete à compreensão de cultura a atos grandiosos, teatrais, cênicos, publicações literárias e afins.

Nessa pesquisa, estou olhando para a produção discursiva que reverbera na mídia e que produz significados, por isso, é produtivo mencionar Alfredo Veiga-Neto (2014), renomado comentador sobre a obra do filósofo contemporâneo Michel Foucault. Diz ele que para que se compreendam “as práticas discursivas que colocam o discurso em movimento” é muito importante ter clareza de que “Foucault assume a linguagem como constitutiva do nosso pensamento e, em consequência, do sentido que damos às coisas, à nossa experiência, ao mundo” (VEIGA-NETO,

2014, p.89). Dessa forma, o filósofo Michel Foucault (2006b), possibilita compreender sobre os modelos cada vez mais efêmeros, de modos de ser e de viver, que acabam produzindo os sujeitos, ou mais especificamente, os seus corpos, ao longo do tempo:

Pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências. A história "efetiva" se distingue daquela dos historiadores pelo fato de que ela não se apoia em nenhuma constância: nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles. (FOUCAULT, 2006b, p. 27) [grifos do autor].

Considerando que nessa pesquisa me aproximo dos estudos de Michel Foucault, entre outros autores da mesma perspectiva teórica, entendo a potência do questionamento: como nos tornamos aquilo que somos? Assim, inquietada com o modo como os padrões fabricados discursivamente, vem normatizando nossos estereótipos de uma forma cada vez mais incisiva, decidi que se situaria aí meu objeto de pesquisa, que é procurar compreender como nos tornamos esses sujeitos assujeitados, interpelados por verdades fabricadas que ditam modos de ser!? Ou mais especificamente, a pergunta que me inquieta e que está presente de algum modo nas problematizações realizadas nesse trabalho é: **de que modo a mídia impressa, mais especificamente a revista *AnaMaria*, participa da produção de um discurso de emagrecimento?** Outras motivações perpassam por esse estudo, porém, o que me parece mais inquietante foi procurar compreender melhor como se produziu um padrão de corpo *magro* na atualidade, e, como somos subjetivados a persegui-lo.

Importante ressaltar que compreendo, nessa pesquisa, a mídia como uma pedagogia cultural, que ensina, educa e fabrica os sujeitos. Conforme Costa e Andrade “o conceito de pedagogias culturais tem sido uma ferramenta importante para que pesquisadores articulem cultura, educação e comunicação em estudos que visam problematizar a fabricação de sujeitos do tempo presente” (COSTA e ANDRADE, 2015, p.7). Desse modo, são os ditos que estão reverberando nos veículos de comunicação que acabam produzindo subjetividades que constituem modos de ser dos sujeitos.

Diversificados espaços e artefatos culturais estão hoje implicados tanto nas formas como as pessoas pensam e agem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca como nas escolhas que fazem e nas maneiras como organizam suas vidas. Nas complexas sociedades do mundo globalizado,

pedagogias são praticadas também por jornais, programas de TV, peças publicitárias, filmes, revistas, sites e inúmeros outros artefatos que atravessam a vida contemporânea. [...] O campo dos Estudos Culturais em Educação tem sido um espaço intelectual dedicado a examinar estes novos lugares de produção de sujeitos, sendo o controverso conceito de pedagogias culturais uma das ferramentas teóricas de grande utilidade. (COSTA e ANDRADE, 2015, p.7)

Nessa perspectiva, agora justifico a escolha do *corpus* empírico dessa pesquisa. Seguindo no entendimento dos estudos culturais, e, tendo em vista que somos, de algum modo, interpelados pelos discursos nos mais variados ambientes que frequentamos, surgiu a vontade de tentar compreender de que forma somos subjetivados por alguns apelos midiáticos. Então, passei a olhar para os artefatos midiáticos com os quais convivemos de uma forma mais questionadora, problematizando seus usos. Já havia percebido que minha temática poderia ser interessante, porém quando assumi a posição de sujeito pesquisadora, um corpo *magro* padronizado, belo, saudável, sorridente, estampado nas revistas, nas novelas, nos seriados, nas redes sociais, nos filmes, enfim, na mídia em geral, começou a ser de fato motivo de grandes inquietações.

A definição do *corpus* não foi fácil. Primeiramente porque eu tinha clareza da temática que pretendia investigar, mas não enxergava entre tantos materiais disponíveis um que especificamente me capturasse. Além disso, elaborando a seleção de leituras para a escrita da seção intitulada “Problematizando a construção discursiva midiática acerca do corpo *magro* a partir da análise de dissertações e teses” tive contato com inúmeras pesquisas que se aproximavam do meu objeto de estudo e observei que várias delas se ocuparam em analisar o mesmo tipo de material empírico: revistas femininas voltadas ao corpo e/ou à saúde. Foi então que me coloquei a pensar sobre o tipo de mídia que eu gostaria de analisar, pois, mesmo sabendo que cada pesquisa é única, eu gostaria de elaborar uma dissertação, com um certo grau de ineditismo, e, pensava que talvez conseguisse isso com a escolha do material empírico.

Assim, passei a buscar possibilidades e a minha primeira ideia foi pesquisar perfis públicos de celebridades de algumas ditas “musas” *fitness* na Rede Social *Instagram*. Imaginava que naquele espaço eu encontraria dicas de saúde, beleza e de práticas desportivas, bem como uma grande interação dos seguidores sobre esses assuntos. Porém, quando selecionei alguns desses perfis para analisar, percebi que essas “musas” estão conectadas com estratégias da sociedade de

consumo e utilizam esses espaços recorrentemente para publicidade dos produtos pelos quais são patrocinadas. Então, decidi descartar essa hipótese, pois entendi que não era exatamente esse tipo de mídia que eu gostaria de investigar, embora reconhecendo a potência de problematizar questões atreladas ao consumo *fitness*.

Foi, então, que passei a buscar outras possibilidades, no entanto, não gostaria que esse material fosse algo que tivesse uma finalidade específica. Vou tentar explicar melhor, por exemplo, quando leio a revista *Boa Forma, Corpo a Corpo, Men's Health*, estou consumindo mídias onde já conheço o teor dos conteúdos e sei que eles estarão voltados a ensinar modos de ser *fitness*, magro, saudável, dessa maneira, o público alvo e leitor dessas revistas já está de algum modo capturado por tais discursos. E eu pensava em pesquisar em alguma mídia que circulasse em diversos ambientes e que estivesse destinada a um grande público, ensinando sobre modos de ser *magro*, imbricados entre outras temáticas. Imaginava que o material teria que ser algo que operasse de uma forma sutil e convidativa.

Assim, certo dia percebi o quanto encontro exemplares da revista *AnaMaria* em diferentes ambientes, por exemplo, na fila das mais diversas redes de supermercados, vejo a revista quase junto aos caixas, encontro também para vender em algumas farmácias, padarias, lojas de produtos populares, minimercados, tabacarias, bancas de revistas, nas salas de espera de consultórios médicos e de salões de beleza. No supermercado, a exposição da revista está recorrentemente em uma posição de um certo destaque, normalmente na altura dos olhos, como uma estratégia de mercado, buscando atrair os consumidores. Mas, além disso, o que despertou minha atenção para essa revista foi, também, a existência de uma tarja amarela, no lado direito e na parte superior fazendo um chamamento para a leitura da matéria da seção “Dieta”. Assim, passei a adquirir os exemplares semanais para analisá-los com mais atenção. No primeiro deles, na tarja amarela constava uma frase emblemática: “Você tem que perder peso? Descubra a resposta e se necessário, emagreça sem sofrer! E com direito a enfiar o pé na jaca!”. Nas semanas subsequentes segui observando que a chamada para a matéria sobre *emagrecimento* permanecia em amarelo, convidativa e na mesma disposição visual.

Entendo que essa tarja amarela não está ali por acaso, faço uma analogia da cor com o semáforo, equipamento que orienta o trânsito rodoviário por meio de lanternas luminosas. Sinal amarelo significa “atenção”, assim no trânsito, quando

nos deparamos com o sinal amarelo, devemos diminuir a velocidade do veículo e prestar atenção, pois rapidamente ele mudará para vermelho e deveremos parar o carro. Estou compreendendo que o amarelo da tarja esteja ali naquele local de destaque na revista *AnaMaria* justamente por essa razão, para que olhemos e prestemos atenção, para que diminuamos a velocidade e atentemos à chamada da matéria. Ali está, semanalmente, um convite à leitura da seção “Dieta” da revista, onde os leitores encontram reportagens que estão para além de dicas de *emagrecimento*, aparecem algumas afirmações emblemáticas de profissionais e cientistas da área da saúde, legitimando com suas vozes autorizadas a veracidade de um discurso de *emagrecimento*, além disso, em todas as edições existem ditos muito convidativos que ensinam de que modo os leitores devem agir e se comportar para alcançarem tal corpo *magro* e saudável.

Assim, observei que não somente na seção “Dieta” mas ao longo de toda revista há uma espécie de manual que dita regras para como as mulheres, consumidoras principais dessa mídia, devem viver, ali existem dicas de educação financeira, moda, educação dos filhos, tratamento com animais de estimação, vida dos famosos, *emagrecimento*, alimentação saudável, bem estar, culinária, como tratar patologias, como encontrar a felicidade, religiosidade, entre outros que serão explanados logo em seguida. Desse modo, temáticas femininas variadas aparecem na revista, ensinando modos de ser e de viver. O termo manual “caracteriza-se, em geral, pelo predomínio do discurso instrucional e didático, em que as orientações são dadas usando-se o imperativo, o infinitivo, sempre numa interlocução direta com o leitor” (COSTA, 2008, p. 131). Dessa forma, me parece que a revista *AnaMaria* dialoga com as suas leitoras podendo ser considerada uma espécie de manual de comportamento feminino. Abaixo, apresento algumas capas da revista, para efeito ilustrativo.



Figura 2: Ilustrações de algumas capas da revista AnaMaria

Aqui, destaco algumas enunciações que constam em uma das capas da revista, visando elucidar a potência desses ditos: “20 produtos incríveis pra cabelo por até R\$ 20,00”; “O sutiã perfeito: Como escolher a peça certa para o seu tipo de corpo”; “Amor e educação: Lições para tornar seu filho um adulto afetuoso”; “Adestre seu cão em casa: Passo a passo pra ensinar seu pet a sentar e deitar”; “Preciso salvar minha filha: Grávida de cinco meses, Eliana deixa a TV por problemas na gestação”; “Você tem que perder peso? Descubra a resposta e, se necessário emagreça sem sofrer! E com direito a enfiar o pé na jaca!”; “A verdade sobre o óleo de coco: Ele pode até engordar”; “O segredo da felicidade: Por Adriana Mena Queiróz, a faxineira que virou juíza”. Assim, segundo Scalzo (2011) “Uma boa revista precisa de uma capa que ajude a conquistar os leitores e os convença a levá-la para casa.” (SCALZO, 2011, p. 62).

Em complemento às chamadas de capa, entendo que há necessidade de apresentar também, superficialmente, as seções da revista: Na seção “recadinho” um editor da revista faz uma chamada, na primeira página interna, problematizando e fazendo menção à matéria que tratará de questões comportamentais, tais como saúde, filhos, por exemplo. Na seção “pitacos” as leitoras escrevem para a edição através de algum dos canais de comunicação da revista e ganham visibilidade mencionando seus pontos de vista sobre a edição anterior, o teor desses relatos varia entre parabenizações e críticas. Na “coluna animal” aparecem fotos enviadas pelas leitoras de seus *pets*. “Papa Francisco” é uma seção destinada à religiosidade, onde há a apresentação de uma mensagem papal, cujo conteúdo é extraído da

missa que o “Santo Padre” celebra toda manhã na Casa Santa Marta, no Estado do Vaticano. Seção “Gente” é destinada a apresentar fotos e notícias sobre a vida dos famosos. “Frases” são excertos proferidos por alguma celebridade, a respeito de assuntos em geral, retirados de outras mídias, acompanhados de fotos de quem fez a fala. Em “crônica” uma pessoa da editora problematiza algum acontecimento midiático em destaque na semana, como por exemplo o primeiro capítulo de uma novela, ou comentários sobre alguma personagem de alguma trama da Rede Globo. “Picadinho de notícias” é destinado a apresentar “truques” caseiros que visam a saúde e/ou bem-estar. Em algumas edições, aparece uma seção destinada a dicas de finanças. Em outras, constam dicas de alimentação saudável, nessa seção aparecem também algumas explicações sobre algum questionamento do tipo “mito ou verdade?”, por exemplo: “pode ou não pode molhar o celular?”. Por fim, esse espaço também é destinado para dicas de “cultura⁵”, livros, filmes, peças de teatro recém lançados. A matéria “Capa” traz imagens e entrevista com a celebridade que pousou na foto central da capa da revista.

“Dieta” é a seção na qual me debrucei para operacionalizar minhas análises. Esse espaço ocupa uma posição de certo destaque na revista, tem reportagens de duas ou mais páginas, recorrentemente no centro do caderno. Aparecem imagens grandes de pessoas *magras*, saudáveis, com corpos bem torneados. As reportagens versam sobre regimes, receitas de alimentos saudáveis e “corretos para quem estiver em dieta” e, algumas vezes, aparecem fragmentos extraídos das falas do “dono” da imagem fotografada, onde essa pessoa dá dicas de como ela vive, para que assim as leitoras saibam o que fazer e o que comer para conseguir conquistar um corpo *magro* como o da fotografia. Em algumas edições, nessa seção, aparecem imagens do tipo “antes e depois”. Nesse espaço, não necessariamente o modelo fotografado é uma celebridade, o importante mesmo é que seja *magro*!

A Seção “culinária” traz receitas de preparações de alimentos em geral. “Moda” é uma parte da revista com muitas imagens e dicas sobre a roupa e o calçado certos para cada tipo de corpo. “Beleza” é uma parte da revista destinada a apresentar dicas de cuidado com o corpo, cabelos, unhas, e, recorrentemente nesse espaço existem alguns produtos divulgados, chamados de “produtos amigos”. “Filhos” é uma seção destinada às dicas de como as mulheres podem cuidar de

⁵ O termo “cultura” nessa seção da revista está sendo tomada a partir do senso comum, assim, não está compreendida na vertente das teorizações do campo dos Estudos Culturais.

seus filhos, neste espaço aparecem reportagens que trazem chamadas como: “Sim, crianças também podem meditar!”; “O que fazer para seu filho dormir tranquilo”; “Amor como a maior de todas as heranças”. A Seção “Saúde” é destinada à explanação de produtos naturais e seus usos em benefícios da saúde. “Especialistas” é uma seção destinada a uma “voz autorizada” para falar sobre algum assunto que pode ser motivo de preocupação das leitoras, por exemplo: “como deve ser a rotina de uma grávida no trabalho”, nesse caso a especialista que falou na reportagem foi uma médica do trabalho. “Coluna da estopinha” é destinada a apresentação de curiosidades sobre cuidado com os animais. “Cabeceira” apresenta, semanalmente, algum livro em destaque e reportagem atrelada ao tema central do livro divulgado, exemplo: “Ouse ser Grande”; “Viver em paz para morrer em paz”; “Jeito de falar”. “Dinheiro” é uma seção que não está todas as semanas na revista, porém quando está, ocupa posição de destaque na edição, nela são apresentadas dicas de como economizar em algumas circunstâncias: “Casamento bom, bonito e barato”. As seções “horóscopo”, “diversão” e “novelas” são também fixas nas edições semanais. “Mensagem da Karlinha” é a finalização da revista, ali é apresentada alguma reflexão sobre relacionamentos, seguida de uma “conversa entre amigas” onde a escritora responde alguma inquietação enviada pelas leitoras, através dos canais de comunicação, e, no fim, ela assina: “sua amiga, Karlinha”. Algumas seções são variáveis, aparecem em algumas semanas e em outras não, como por exemplo “carreira”, “casa”, “autoajuda”, “idade é relativo”, “internet”, entre outras.

Foi então que percebi que a revista *AnaMaria* poderia ser uma mídia potente, tendo em vista que atinge um público considerável, predominantemente feminino e que não está somente tentando *emagrecer*, já que o teor da revista está muito além do foco desta pesquisa, que são os discursos de *emagrecimento*. Então, me propus a analisar alguns ditos que aparecem nesta revista como *corpus* empírico desta investigação. Entendo que *AnaMaria* é prescritiva nas diferentes abordagens e constitui-se quase como um manual de felicidade e realização pessoal, conforme pode ser observado nas capas ilustradas, bem como nos excertos que apresentei. No livro “Jornalismo de revista”, Scalzo (2011) mapeia um histórico sobre a emergência das revistas no Brasil e no mundo, assim, destaco abaixo uma abordagem sobre as revistas para mulheres:

As revistas femininas existem desde que surgiram revistas no país [...] Traziam as novidades da moda, importadas da Europa, dicas e conselhos culinários, artigos de interesse geral, ilustrações, pequenas notícias e anedotas. Esse modelo foi repetido, com pequenas diferenças, durante todo século XIX e a primeira metade do século XX. (SCALZO, 2011, p.33).

Com isso, olho para a revista *AnaMaria*, meu *corpus* discursivo, como uma forma de atualização contemporânea desse modelo de séculos anteriores que na atualidade vem sendo retomado, repetido e reverberado. Nessa perspectiva, “É possível afirmar que a mídia se ocupa em produzir novos discursos: na ideia de que promove a possibilidade de repeti-los e, como tal, de reorganizá-los e, a partir disso, construir outros” (MARCELLO, 2003, p.77). Dessa maneira, entendo que há uma produção discursiva acerca de modos de ser e de viver na mídia contemporânea em geral, que me parece ser evidenciada em revistas femininas. Especialmente nas edições semanais da *AnaMaria*, tenho me inquietado com a sutileza de um discurso de *emagrecimento*, que aparece nas enunciações recorrentemente, ou seja, há um discurso que é produzido e repetido semanalmente convidando as leitoras a adotarem um modo de ser voltado ao *emagrecimento*.

A revista *AnaMaria* é de tiragem semanal e pode ser comprada fisicamente junto aos revendedores, além disso, seu conteúdo pode ser acessado pelos assinantes em formato digital, através de aplicativo disponível para *tablets* e *smartphones*. *AnaMaria* possui uma página na Rede Social *Facebook* e nela encontrei algumas informações que considerei relevantes, no sentido de demonstrar que estou olhando para uma mídia potente, que está no mercado há um bom tempo e que está focada em ensinar, em educar e em construir modos de ser. Interessa, nesta pesquisa, olhar para os modos de ser que estão sendo produzidos, quando a revista nos ensina semanalmente como devemos viver e o que devemos fazer para alcançarmos o *emagrecimento*.

A revista *AnaMaria* é da Editora Caras e foi lançada em outubro de 1996, com a missão de: “Ser a amiga que estimula, orienta e acolhe a mulher, ajudando-a a melhorar sua autoestima, seu convívio familiar e tornando sua vida mais prática e prazerosa”. Com essa autodescrição tive certeza de que o público alvo dessa mídia é o feminino. Um ponto importante a ser destacado é que a revista é popular, a leitora paga um valor acessível e adquire dois exemplares, um deles é o “*AnaMaria* Receitas” - que é um encarte, onde constam várias “Receitas: Testadas e aprovadas” - e o outro é a revista *AnaMaria*, explanada anteriormente. Além disso,

na rede social *Facebook* também encontrei a página virtual da revista, e, de lá extraí um texto relevante, compreendido nesse espaço como a “história” da revista:

AnaMaria é a revista popular feminina mais antiga do Brasil, pioneira ao falar com mulheres do que hoje é chamado de a nova classe média. Lida por 1 milhão de pessoas semanalmente, a publicação aborda temas como culinária, moda, beleza, saúde, bem-estar, casa, filhos e dinheiro, entre outros. As matérias buscam oferecer um serviço relevante para as leitoras, promovendo mais qualidade de vida.⁶

Na mesma rede social, descobri que a referida revista recebeu o Prêmio Abril de Jornalismo em 2009. Além disso, na descrição “sobre” onde são inseridas informações adicionais da página no *Facebook*, encontrei a seguinte frase: “A maior e melhor revista popular feminina do País!”. Nesse contexto, cabe referenciar um fato que ocorreu logo no início dessa pesquisa, quando ainda estava definindo qual seria o material empírico. Fui na banca de revistas comprar o exemplar semanal e fiz algumas perguntas ao vendedor, perguntei se a revista tinha uma boa aceitabilidade, se era bem vendida e se ele entendia, pela sua experiência, que essa seria uma mídia bem popular entre as mulheres que vão na sua banca procurando a mesma, a resposta dele foi apenas uma frase: “se eu não tiver a revista *AnaMaria*, nem preciso abrir a minha banca!”.

Uma fragilidade que cabe ser apontada nessa trajetória de definição de um material empírico é que tive muita dificuldade de acesso a algumas informações que considero relevantes, uma vez que meus *e-mails* não foram respondidos pela Editora da revista *AnaMaria*, e, além disso, nos outros canais de comunicação para os leitores recebi apenas respostas demasiadamente sucintas sobre alguns questionamentos realizados, principalmente sobre tiragem e número de assinaturas vigentes. No entanto, entendi que ainda que desconheça a informação sobre o número exato de exemplares vendidos, tenho convicção de que essa revista tem uma grande vendagem. Além disso, como não tive acesso a números, decidi consultar a página da revista no *Facebook* e constatei que naquele dia (22 de agosto de 2017) existiam 4.738.210 pessoas que “curtiram” a página, o que compreendo que seja um número significativo, denotando a popularidade e aceitação da revista, de alguma forma.

⁶ As informações apresentadas nesse texto foram todas extraídas da *homepage* da revista *AnaMaria*, na rede social *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/revistaanamaria/about/?ref=page_internal>, acesso em: 22 de Agosto de 2017.

Nessa perspectiva, venho refletindo sobre o quanto parecem existir estratégias múltiplas de governo dos corpos, desse modo entendo a revista *AnaMaria* como uma estratégia de condução das condutas dos seus leitores. Além disso, ao longo dessa pesquisa e com todos os atravessamentos que me produzem enquanto sujeito, venho compreendendo que há um forte apelo midiático incentivando os sujeitos a serem *magros*. Porém, de modo especial, vou atentar para os ditos que aparecem na revista *AnaMaria*, uma vez que essa mídia é composta por discursividades muito emblemáticas, os quais penso que quando operacionalizados com algumas ferramentas foucaultianas poderão ser problematizadas de modo potente. O enfoque dessa pesquisa se dá em compreender de que modo a mídia impressa, mais especificamente a revista *AnaMaria*, participa da produção de um discurso de *emagrecimento*?

Dando seguimento ao trabalho, no próximo capítulo, apresento discussões que resultam de um grande investimento em mapear pesquisas junto a alguns dos principais bancos de teses e dissertações. Nesse mapeamento, procurei investir em trabalhos com temáticas próximas a que estou investigando, e/ou, que fossem inspiradas pelo referencial teórico do filósofo francês Michel Foucault. Com essas leituras fui observando de que modo outros pesquisadores têm articulado questões relacionadas ao corpo e percebi que seria relevante dedicar uma seção do trabalho para mapear esse conceito, a partir da compreensão de Michel Foucault. Compreendo que o conceito de corpo perpassa todas as linhas da minha pesquisa, de algum modo, assim nessa seção pretendo demarcar como estou tomando o corpo no meu trabalho, um corpo que é subjetivado e engajado em relações de poder que o produzem e o fabricam.

É importante, ainda, explicar que a partir do próximo capítulo passo a escrever na primeira pessoa do plural esse texto, compreendendo que um trabalho acadêmico não se faz solitariamente, mas sim com múltiplos atravessamentos. Entendo, ainda, que embora essa Dissertação seja requisito para a aquisição do título individual de Mestre em Educação, ela está sendo cuidadosamente elaborada por mim e minha Orientadora. Além disso, escrevemos essas linhas embasadas nas discussões e estudos desenvolvidos nos grupos de estudo e pesquisa dos quais somos integrantes, e, além disso, é importante ressaltar que em todo esse texto há a inspiração fundamental do nosso maior intercessor, o filósofo francês Michel Foucault.

2. DISCUSSÕES E TENSIONAMENTOS SOBRE UMA POLÍTICA DO CORPO

O objetivo do segundo capítulo dessa pesquisa é demarcar nosso entendimento sobre o conceito de corpo, para que possamos tensionar e discutir acerca de uma política do corpo, especialmente de um corpo capturado pelo discurso de *emagrecimento*. Para tanto, na primeira seção começamos nossa construção trazendo para essa pesquisa contribuições provenientes de escritas de outros pesquisadores, observamos como foram operacionalizados seus materiais de análise com suas ferramentas metodológicas e, como essas pesquisas relacionaram a mídia na construção discursiva de um modelo estético de corpo *magro* e saudável, tão em voga na atualidade.

No segundo momento nos empenhamos em elaborar um mapeamento consistente a respeito do conceito de corpo, conforme os estudos do filósofo que norteia essa escrita, Michel Foucault. Nessa seção buscamos dissertar sobre o quanto nosso corpo é alvo de tecnologias de poder, em diferentes contextos e momentos históricos. Nos ocupamos, também, em problematizar algumas hegemonias que versam sobre a manutenção e/ou aquisição de um corpo *magro*.

2.1 Construções discursivas acerca do corpo magro a partir da análise de Dissertações e Teses

Para a elaboração dessa pesquisa foi primeiramente realizada uma revisão bibliográfica junto ao Banco de Teses e Dissertações do Portal CAPES, bem como à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. O objetivo dessa busca foi localizar trabalhos que utilizassem o referencial teórico do filósofo Michel Foucault e que trabalhassem de algum modo questões relacionadas à mídia na construção discursiva dos sujeitos para a busca de corpos saudáveis e *magros*. Localizamos dissertações, teses e artigos relacionados e elencamos algumas que consideramos muito potentes. Com isso, partiremos para a observação e alguns apontamentos a respeito do modo como outros pesquisadores estão operando com as ferramentas foucaultianas para as análises de seus materiais empíricos.

Dessa maneira, a partir deste levantamento verificamos que existem outras investigações realizadas, em consonância com a linha de pesquisa que estamos trabalhando, que já foram inclusive publicadas nos bancos de dados oficiais. Com

isso, percebemos a relevância de temática. Além disso, estamos tomando como *corpus* de análise uma revista popular, de ampla circulação, sobre a qual não localizamos outros trabalhos até o momento, o que nos respalda para que tenhamos um trabalho com um certo grau de ineditismo.

Nesse contexto, apresentamos a Dissertação de Mestrado “Tudo, menos ser gorda: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza” apresentada por Jaqueline Martins, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Marisa Vorraber Costa, para obtenção do título de Mestre do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo dessa investigação foi o de tentar entender de que forma as articulações dos livros de literatura infanto-juvenil, com discursos que reverberam na mídia, vem sugerindo na contemporaneidade que ser um sujeito gordo é um problema, que requer isolamento e cura. A pesquisadora se debruçou em analisar as condições de possibilidade históricas e culturais para o que, atualmente, esteja instaurado como um “imperativo da magreza”, operando com o conceito foucaultiano de dispositivo, no caso um “dispositivo da magreza”. Nesse sentido, a autora utilizou o termo “ser gordo”, porém, levando em consideração não somente um corpo “fora de forma”, mas também, “um modo de vermos e pensarmos a ‘alma’ desses sujeitos”. (MARTINS, 2006, p.6) [grifos da autora].

A metodologia utilizada para elaboração dessa pesquisa foi composta por três fases, coleta de materiais midiáticos, análise textual da literatura infanto-juvenil selecionada e pesquisa de campo com alguns alunos. Cabe mencionar que a autora é professora de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o que oportunizou a realização da referida pesquisa de campo. Para tanto, foi utilizado como *corpus* empírico algumas mídias impressas e televisivas, um conjunto de dezoito livros da literatura infanto-juvenil, que abordam temáticas que atravessam questões relacionadas ao corpo, bem como, entrevista de campo com alguns alunos, da faixa etária dos nove aos onze anos de idade. Os alunos entrevistados frequentavam uma turma do quarto ano do Ensino Fundamental, de uma Escola da rede privada, localizada na cidade de Porto Alegre/RS. Esses alunos realizaram a leitura prévia de sete dos dezoito livros referidos, e foram submetidos a uma série de atividades coordenadas pela pesquisadora, que anotou todas as informações que considerou pertinentes, com a finalidade de coleta de informações qualitativas, para posterior análise.

Em relação ao referencial teórico, a autora expôs que a sua pesquisa está situada no campo dos Estudos Culturais em Educação, numa vertente pós-estruturalista, sob a inspiração do filósofo Michel Foucault. Nesse sentido, cabe referenciar que há uma seção específica na qual é apresentado o conceito de dispositivo em Foucault. Tal conceito para a autora representa a articulação conceitual central da sua pesquisa, tendo em vista que ela procura investigar o dispositivo da magreza. Nessa perspectiva, para atendimento de uma urgência histórica, conforme sugere Foucault acerca do conceito de dispositivo, a autora apresentou na sua pesquisa uma série de recortes midiáticos, que apareceram no ano de 2004 na televisão e revistas e que na sua concepção:

Constroem uma rede de significados sobre o corpo gordo e conseqüentemente sobre a identidade do sujeito gordo, que não é natural, mas que se constitui histórica e culturalmente através de um conjunto articulado de condições de possibilidades específicas que permitiram a emergência da noção problemática *ser gordo*. (MARTINS, 2006, p. 29-30) [grifos da autora]

Além disso, é importante ressaltar que nessa seção estão evidenciados alguns discursos que reverberam na mídia sobre o tema em questão e que apontam recorrentemente para o quanto, em nossa sociedade contemporânea ocidental, o “ser gordo” tem sido construído como uma patologia, que deve ser de alguma forma medicalizada visando a cura. Também é relevante mencionar o quanto esse modo de ser vem sendo tratado como uma anormalidade. Muitos exemplos são pertinentes na investigação da autora, porém um deles foi significativo por haver uma grande aproximação com a temática que investigamos que coloca o *emagrecimento* em discurso, trata-se de uma propaganda de um produto emagrecedor que apresenta a ilustração da boneca *Barbie*, porém esteticamente fora dos padrões comerciais da boneca, por ser uma representação gorda da mesma, acompanhada da frase: “o mundo nunca vai ser assim.” (MARTINS, 2006, p.32). Nessa reflexão, a autora convida os leitores a pensarem no quanto o mundo vem sendo assim, sim! Ela sugere que olhemos para os ambientes por onde circulamos e observemos que ali existem muitas pessoas que estão fora dos padrões estéticos estipulados pela sociedade. Além disso, referencia a quantidade de apelos midiáticos que atentam para a urgência da necessidade de *emagrecimento* da população, desconstruindo o argumento da campanha publicitária que afirmava que “o mundo nunca vai ser assim”.

Muito pertinente para que possamos observar como a autora vai construindo o conceito de “dispositivo da magreza” é a contextualização histórica sobre vários acontecimentos ao longo dos tempos que vem produzindo esse modo de “ser gordo” na contemporaneidade:

Pensando a história não como uma linearidade de fatos, mas como produto dos acontecimentos, o que procurei [...] foi mostrar algumas das injunções históricas em que se constituiu o dispositivo da magreza e emergiu a problemática de *ser gordo*, já que as pessoas gordas sempre existiram. Assim, o que mudou foi o modo como olhamos o significado do *ser gordo*. Isso vai na corrente do que Foucault propunha com a genealogia, ou seja, uma pesquisa que não pretende buscar um ponto de origem, [...] mas sim buscar as condições históricas que tornaram possível o aparecimento, a emergência da problemática. (MARTINS, 2006, p. 38) [grifo da autora]

Nesse sentido, Martins (2006) observa que emergem cada vez mais saberes que categorizam os sujeitos em relação ao seu peso. A mídia, articulando o dispositivo da magreza, vem cada vez mais ensinando modos de ser que visam o *emagrecimento* dos indivíduos e que incentivam ao consumo de produtos e serviços que viabilizem a obtenção do tão almejado corpo *magro*. Dessa maneira, tendo em vista que no contexto desta investigação “hoje o que se instaura como vilão e como risco é a obesidade, vista como um grande mal a ser combatido” (MARTINS, 2006, p. 39), as mídias que, de certa forma, regulamentam os comportamentos dos sujeitos, podem ser consideradas estratégias biopolíticas de governo dos corpos das populações.

Em outra seção, a autora apresenta um breve apanhado histórico sobre a emergência da infância, para ratificar a importância da literatura infanto-juvenil, como uma pedagogia cultural potente para esses indivíduos. Então, partindo para as análises que culminam nos principais achados dessa pesquisa, a autora mapeia cognições entre os exemplares dos livros anteriormente mencionados e percebe que “focos analíticos, elaborados a partir da repetição de características atribuídas ao *ser gordo*, mostram uma fixação das formas pelas quais esses sujeitos se tornam visíveis e enunciáveis” (MARTINS, 2006, p. 54) [grifo da autora]. Desse modo, a autora entende que o dispositivo da magreza está funcionando quando opera o modo de ser gordo como uma patologia e que o sujeito gordo se afasta da norma que versa sobre a beleza atribuída à magreza.

Sobre a pesquisa de campo realizada com os alunos, a autora relata que foram recorrentes respostas que apontavam para a beleza/saúde e a feiura/doença baseados nos padrões estéticos sugeridos pelo senso comum construído, no sentido

que os gordos são feios e adoecidos e que o sujeito *magro* é belo e é saudável. Além disso, nessa análise, a autora percebe que nos livros analisados também há uma certa recorrência nas histórias, evidenciando o gênero feminino como o mais atingido pelos discursos padronizadores de uma estética do corpo *magro*.

Porém, entendendo que para que o dispositivo da magreza funcione, há a necessidade de que todos os sujeitos de alguma forma sejam realocados para dentro da “norma”, a autora percebe que o dispositivo vem se atualizando. Assim, ainda que a maior parte das mídias pesquisadas apontem para as mulheres como alvo de biopolíticas, outras produções discursivas também aparecem, buscando capturar, também, os homens com essa preocupação sobre a necessidade da obtenção do corpo *magro* e saudável. Dessa maneira, com um olhar atravessado pelas práticas neoliberalistas contemporâneas, o homem também se torna alvo de uma normalização, já que também é um consumidor que precisa ser subjetivado a adquirir esse modo de *ser magro*, ao qual a pesquisa se debruça.

Outra proposição interessante apresentada trata da “ambivalência do *ser gordo*”, a autora problematiza em suas análises o quanto os sujeitos gordos são considerados alegres e engraçados pelo senso comum, mas também são, ao mesmo tempo, relatados nessas construções discursivas como tristes, infelizes, depressivos e em situações constrangedoras que remetem ao estereótipo destoante do padrão construído pela sociedade acerca da beleza. A pesquisa de campo realizada com os alunos, sobre os apelidos recorrentemente pejorativos utilizados para personificar os personagens dos livros, “bolota”, “gorducho”, e outros semelhantes, demonstra nos relatos a reprovação das crianças sobre esse tipo de conotação. Cabe referenciar que em um dos livros havia uma história de uma personagem que era “magra demais”, ou seja, estava também, de algum modo, fora de uma norma construída e dos padrões estéticos vigentes, porém, sobre esse livro os alunos relataram que foi interessante a leitura pois mostrou que as pessoas também não gostam de ser tão magras. Assim, segundo a autora, o *ser magro* por, talvez, estar mais próximo daquilo que se entende como o “normal” não causa tanto estranhamento.

E, por fim, uma última recorrência analisada pela autora foi a compulsividade por comida retratada nos personagens das histórias analisadas. Todos os sujeitos ali estavam naquele modo de ser gordo em decorrência de algum tipo de descontrole ou compulsão alimentar. “Posicionar o gordo como compulsivo, como sem controle

sobre si mesmo é patologizá-lo” (MARTINS, 2006, p. 65). Dessa maneira, aparece novamente a ratificação do dispositivo da magreza em funcionamento: “patologizar o gordo e a produzir, assim, corpos *magros*; é esse o tipo de governo que esse dispositivo produz”. (p. 65). Além disso, quando as crianças falaram sobre compulsividade elas reafirmaram a ideia de que o sujeito gordo não tem controle sobre seus atos, e que só é assim, gordo, porque come demais e adquire comportamentos de descuido com seu corpo.

Na sequência, a autora apresenta uma seção onde são trabalhados os desfechos das obras literárias analisadas. Em alguns livros, a solução da questão sobre o “ser gordo” é dada no sentido de incentivar as personagens a que se aceitem como são, mostrando como é possível ser feliz e pertencente a este mundo mesmo estando fora do padrão estético construído pela sociedade contemporânea ocidental. Por outro lado, outros finais contemplam que os personagens “viveram felizes para sempre” depois de terem conseguido *emagrecer*, ou em outras palavras, capturados pelo dispositivo da magreza enquadraram-se na “norma”. Importante ressaltar que nos desfechos em que as personagens *emagreceram*, alguns foram incentivados por um discurso construído, que versa sobre padrões de beleza aceitáveis, e perderam o peso necessário para que se tornassem aceitos pela sociedade. Já outros, capturados pelo mesmo discurso, mas com o saber médico legitimando a verdade fabricada de que é preciso ser *magro* para ser saudável. E por fim, outros poucos livros tiveram um desfecho onde o gordo decide que não vai *emagrecer* e que vai viver feliz sendo gordo, porém, nas tramas das histórias aparecem tentativas sem sucesso de *emagrecimento*, por parte de tais personagens.

Pensando a partir do conceito de poder-saber de Foucault [...] podemos identificar que esses livros apresentam uma forma de poder, exercida através de uma forma de saber – o corpo magro como corpo ideal – que embora passe pelo corpo, não se dirige ao corpo, mas à alma do sujeito, uma vez que esses livros operam no sentido de mostrar a responsabilidade dos sujeitos em relação aos seus corpos. Ou seja, o poder como uma organização política para o coletivo, um poder biopolítico, de controlar a vida da população, um poder normatizador-coletivo, que se encontra no âmago do dispositivo da magreza. (MARTINS, 2006, p. 75)

Com a análise realizada sobre a pesquisa de Martins, entendemos que o dispositivo da magreza é muito potente na correnteza dos estudos nos debruçamos, pois, compreender como se produzem os sujeitos capturados por um discurso de *emagrecimento*, a partir dos atravessamentos midiáticos, é uma tarefa que requer

compreender minimamente como essas produções discursivas vem se produzindo e cada vez mais se fortalecendo na sociedade em que vivemos.

Na sequência, apresentamos a Dissertação de Mestrado, intitulada “Corporeidades em tempos de Biopoder: O discurso midiático sobre o cuidado com o corpo” apresentada por Deyvisson Pereira da Costa, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Maria Luisa Martins de Mendonça, para conclusão do Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, da Universidade Federal de Goiás. A pesquisa articula relações importantes referentes à mídia e aos atravessamentos que vão produzindo subjetividades, no sentido da busca pelo corpo “perfeito” e saudável. O material empírico analisado foram discursividades constantes em seis exemplares da revista *Boa Forma*, bem como enunciações publicadas por algumas vozes autorizadas de profissionais do campo da Educação Física, que escrevem para a revista do Conselho Federal de Educação Física.

Logo no início da explanação Costa (2009) já deixa delineado quais os objetivos da sua pesquisa, que versam sobre a compreensão a respeito dos processos de subjetivação no que tange às tecnologias contemporâneas de construção corporal, “a partir das relações da mídia com campos de saber referentes às atividades físicas orientadas com fins de manutenção ou obtenção de saúde”. (COSTA, 2009, p.14). Tendo como referencial teórico-metodológico algumas ferramentas foucaultianas, Costa elaborou uma pesquisa qualitativa, baseada em uma analítica discursiva na perspectiva foucaultiana, para considerações referentes aos dados encontrados em seu material empírico. Além disso, aparecem relações imprescindíveis sobre poder disciplinar, biopoder e biopolítica, com o objetivo de organização e descrição das análises.

O autor selecionou algumas seções fixas da revista *Boa forma*: “*fitness*”, “Eu Consegui”, “O Melhor de Você” e “Pergunte ao *personal*”. Todas elas repletas de ditos que incentivam leitoras a uma busca por um corpo saudável e esteticamente condizente com os modelos vigentes na sociedade contemporânea. Além disso, desde as capas ocupadas por belas mulheres, famosas e dotadas de corpos nos padrões de beleza contemporâneos, até nos detalhes em trechos de matérias e títulos de cada seção, o autor percebeu que é muito presente a alusão aos discursos que fomentam o disciplinamento voltado à educação dos corpos.

Na correnteza dos estudos culturais, o autor apresenta relações entre cultura, linguagem e mídia, visando entender como se produz na contemporaneidade uma cultura do corpo saudável. Utilizando o referencial teórico de Douglas Kellner e Stuart Hall, bem como aproximações com as teorizações de Michel Foucault “para a compreensão do cuidado com o corpo no mundo contemporâneo e da produção de subjetividades através da mídia” (COSTA, 2009 p. 30). Desse modo, com o olhar atravessado por algumas ferramentas foucaultianas, o pesquisador foi percebendo a estratégia disciplinar utilizada pela revista, que busca condicionar o comportamento das leitoras. Elas que almejam atingir corpos no padrão estético e saudável, em voga na atualidade, são capturadas, de alguma forma, pelos discursos que por ali perpassam. Além disso, com base nas análises realizadas, ele percebeu que discursos que incitam práticas de autorregulação e de cuidado com o corpo, atreladas aos mecanismos de controle disciplinar, são muito potentes e estão fortemente presentes nessa mídia impressa.

O autor elaborou suas análises baseando suas reflexões em três instrumentos foucaultianos, a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame, compreendendo-os como instrumentos de subjetivação, adestramento e disciplinamento dos corpos. Além disso, a fim de compreender de que modo operam os discursos dos profissionais do campo da Educação Física, que são as vozes autorizadas a falar sobre saúde e corpo na revista *Boa Forma*, o autor direcionou seu olhar, no que tange à “vigilância hierárquica do corpo saudável”, para o veículo midiático de maior credibilidade nessa área, a revista do Conselho Federal de Educação Física. Assim, para a legitimação do que aparece na revista *Boa Forma* e no sentido de demonstrar credibilidade para as leitoras “os dizeres do especialista são exigidos e convocados” (COSTA, 2009, p. 57).

É justamente uma materialidade [...] que permite ao discurso midiático construir os receituários para aquisição de corpos saudáveis, crível, verificado e explicado a partir de formulações de campos de saber, especialmente da Educação Física. Assim, ambos discursos exercem controle sobre o corpo social. (COSTA, 2009, p. 64)

Em seguida, Costa apresentou problematizações na seção chamada “sansão normalizadora: disciplina do corpo e controle de peso”. Percebendo “as relações entre as definições do corpo saudável e seus cuidados que priorizam atividades físicas disciplinadas e práticas alimentares reguladas” (COSTA, 2009, p. 65). Nesse trecho, o autor evidenciou palavras como “culpa” e “sofrimento”

constantes nas construções discursivas da revista, no sentido de se fazer necessário às leitoras que resistam aos alimentos ditos “do mal” para a produção de seus corpos saudáveis e desejavelmente esbeltos. Nesse contexto, as leitoras são incentivadas a sentirem-se mal quando sucumbem e não dominam o autocontrole às tentações alimentares. Autocontrole, liberdade regulada, disciplinamento, culpa, punição, confissão, mecanismos necessários para o bom funcionamento das engrenagens de qualquer sistema disciplinar, ficam evidentes para o autor nessa fase das análises, pois “para manter ou tornar o corpo saudável os indivíduos recorrem cada vez mais às regras, normas e regularidades” (COSTA, 2009, p. 69).

Além disso, a mídia vem cada vez mais ensinando modos de ser e de viver que visam a prevenção de doenças da população. Normalização e regulação de condutas, disciplinamento e autocontrole dos sujeitos e, incentivo de hábitos saudáveis de alimentação, atrelados à prática regular de atividades físicas. Assim, “a publicidade é capaz de promover objetivação do corpo e subjetivação dos indivíduos como saudável ou doente e propor o controle do corpo social”. (COSTA, 2009, p. 72).

Nesse contexto, o autor abordou o terceiro instrumento foucaultiano, o exame, na seção intitulada “O autoexame do corpo e de si”, que trata da produção de modos de ser dos sujeitos, incentivados pelas tecnologias de poder disciplinar e do biopoder. Assim, para o disciplinamento do corpo, a revista *Boa Forma* apresenta enunciações que motivam as leitoras na busca de um ideal de corpo *magro* e saudável. Além disso, aparecem exemplificações muito emblemáticas sobre o assunto em questão, são elas: o estereótipo da boneca *Barbie* e os corpos cada vez mais esguios das modelos famosas. Nesse ponto, a “confissão” ganha destaque na pesquisa, quando as leitoras são convidadas pela revista *Boa Forma* a elaborarem um “diário (quase) secreto” onde registram tudo o que comem, em que horário e como se sentem, além de conseguirem ponderar se extrapolaram ou mantiveram-se dentro do que programaram-se a fazer no sentido da aquisição do corpo dito *magro*. Importante ressaltar aqui, o quanto o exercício do cuidado individual do sujeito e a escrita sobre esse cuidado representam um tipo de investimento em si próprio, gerando, portanto, condições de possibilidades para um posterior exame, que é fundamental para o funcionamento desse mecanismo disciplinar. “Nesse modo de subjetivação o indivíduo é convocado a se tornar responsável por seus atos e

pensamentos e, ainda, gerir os riscos dos comportamentos em desacordo com as normas higiênicas, sanitárias e estéticas”. (COSTA, 2009, p. 95)

Nessa perspectiva, compreendemos que foi relevante a leitura atenta dessa dissertação para a construção do nosso material, pois olhar para as produções de outros autores, que trabalham na mesma correnteza de estudos é muito importante para que possamos problematizar a potência das nossas escolhas de pesquisa.

Na continuidade desta busca por pesquisas que se aproximassem do nosso estudo, analisamos a Dissertação “Uma Boa Forma de Ser Feliz: Representações do corpo feminino na revista *Boa Forma*”, apresentada por Sandra dos Santos Andrade, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Dagmar Estermann Meyer, para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2002. A pesquisadora se valeu de uma abordagem interdisciplinar entre os estudos de análise cultural e análise do discurso, considerando que operou numa vertente pós-estruturalista. O objetivo da pesquisa se situou em “mostrar de que modo a revista *Boa Forma* participa da constituição de identidades femininas ao produzir modos de ser e de viver” (ANDRADE, 2002, p. 13).

Os materiais que compuseram o *corpus* empírico deste estudo foram oito exemplares dos anos de 1999, 2000 e 2001 da revista *Boa Forma*, e o recorte estudado foram fragmentos que faziam menção aos “desafios de verão” que convidavam as leitoras a uma série de atividades físicas, dietas alimentares, pesagem, medições de partes específicas dos corpos, bem como fotos do “antes e depois”, com o intuito de transformarem-se para a “estação mais esperada do ano” (ANDRADE, 2002, p.57), no caso o verão. Além desses, mais três exemplares foram analisados, as edições do mês de abril dos anos subsequentes aos dos “desafios” onde apareciam fotos e relatos das “vencedoras”, agora *magras!* Assim, a autora fez uma analítica discursiva sobre alguns ditos da revista, utilizando uma análise cultural, objetivando olhar para essas discursividades visando compreender de que modo são articuladas e delineadas as estratégias que promovem representações do corpo feminino.

Nessa perspectiva, em seguida, a autora apresentou um capítulo destinado às “Representações do corpo feminino no Brasil no Século XX”, problematizando o modo como vem sendo construída, ao longo dos anos, a noção que temos atualmente de que um corpo bonito é um corpo *magro*. Essa verdade que de algum

modo está presente em nossas concepções, parece estar atrelada aos discursos que reverberam durante muito tempo na sociedade em que vivemos. Além disso, compreendemos haver uma produção discursiva pelos mais variados ambientes por onde circulamos, que vai nos conduzindo, de algum modo, assim, vamos sendo subjetivados e produzidos como sujeitos disciplinados e autocontrolados. Desse modo, a autora problematizou também um tipo de senso comum que remete a gordura à displicência daquele que se torna gordo, como sendo um sujeito que não consegue se autodisciplinar nem se autogovernar.

É relevante também observar que a autora teceu seus apontamentos conectando os interesses econômicos de uma visão neoliberalista contemporânea, às alterações dos significados do que era “belo” outrora para o modelo estético vigente na atualidade:

Em séculos anteriores, a gordura foi sinônimo de saúde, beleza e sedução. No século XX, principalmente a partir da segunda metade, essa representação sofre modificações, talvez uma inversão. A magreza encarna o novo “ideal” de beleza, e a gordura associada à doença, à falta de controle sobre o corpo. O crescimento da indústria, as novas frentes de trabalho, a necessidade de mão de obra maior e melhor qualificada, a otimização do tempo e dos espaços exige corpos mais ágeis, mais aptos. Assim, o excesso de peso começa a atrapalhar. [...] O corpo [...] é produzido como um elemento discursivo de múltiplas instâncias econômicas, sociais e culturais, como por exemplo, da mídia e da medicina. [...] expressa visões de mundo de grupos que têm o poder de representar e dizer pelo outro; esses grupos exprimem verdades que se legitimam e se tornam hegemônicas, produzindo, assim, sempre novos processos que posicionam, de modos diferenciados, os sujeitos na ordem social. (ANDRADE, 2002, p. 32).

Além disso, Andrade (2002) abordou um tema muito potente e que faz todo sentido quando olhamos para a construção dos padrões estéticos femininos atuais, que é o discurso da eugenia, que versa sobre algumas estratégias de controle da saúde da população. Nessa perspectiva, a medicina social e as políticas de higienização voltadas à população no início do século passado buscavam manutenção e purificação da raça, e isso ocorria de uma forma mais incisiva sobre as mulheres, que eram persuadidas a adquirir cada vez mais hábitos de higiene e cuidado com seus corpos, para que assim, tivessem maior probabilidade de gerar filhos mais próximos da “normalidade”. No estudo, a autora remeteu esse modo “normal” à algumas características: heterossexualidade e sanidade física e mental, por exemplo. Além disso, a autora abordou “os processos de significação pelos quais o corpo tem sido narrado [...] que permitem percebê-lo como lugar na história.

Permitem entendê-lo como constructo social e cultural fabricado no cotidiano”. (ANDRADE, 2002, p. 45).

Para compreendermos como a autora operacionalizou suas análises faz-se necessário mencionar que seus estudos estão situados na correnteza dos estudos culturais e que ela compreende os artefatos midiáticos “produtos da cultura” e a “linguagem entendida como produtora de significação” (ANDRADE, 2002, p.47). Assim, os textos da *Boa Forma* são produtos de uma padronização cultural que reverbera na mídia e que produzem significados sobre representações do corpo feminino. Desse modo, a autora passou à operacionalização das análises do seu material empírico, com seus capítulos organizados da seguinte forma: “O corpo do desafio de verão – Um final feliz?” subdividido em: “Pintou uma dúvida, responda já!”, “O peso dos seus sonhos? Receita abaixo”, “Curvas sinuosas? Informe-se aqui!” e “Corpo: uma questão de linguagem” e outros dois nomeados: “O corpo do *desafio* de verão – ‘garotas superpoderosas’” e “O corpo novinho em folha termina aqui?”. Consideramos pertinente apresentar esses títulos, pois as discursividades analisadas pela autora nesses trechos demonstram como essa mídia impressa vem educando, ensinando e subjetivando as leitoras para que vivam de um modo e não de outro.

Nesse sentido, as leitoras da revista *Boa Forma* são incitadas a encarar “desafios” para que adquiram até o verão um corpo esteticamente condizente com certas padronizações atuais que versam sobre magreza. Assim, as leitoras subjetivadas pelas verdades que reverberam em torno dessa temática na mídia em geral e que são reafirmadas pela revista *Boa Forma*, acabam motivadas a fazer escolhas ditas saudáveis e ditas corretas, para que autodisciplinadas cheguem ao final do “desafio” vestindo um corpo dito perfeito. É muito relevante refletirmos sobre o modo que algumas construções discursivas são tomadas como verdades e sobre como nos permitimos subjetivar por alguns ditos hegemônicos que nos interpelam e nos ensinam modos de ser.

Para que consigamos compreender as problematizações mencionadas, relatamos de uma forma resumida algumas análises realizadas pela autora durante sua pesquisa e como os exemplares da revista foram compondo o “desafio”. Primeiramente, viu-se na revista imagens de modelos que “já” desfilam um “ideal” de corpo, e é esse o corpo que as leitoras serão convidadas a adquirir no final do “desafio”. Apresentou, também, “receitas milagrosas”, compostas por dietas e

exercícios, para que essa conquista seja efetivamente possível. Nesse contexto, torna-se a revista a voz autorizada a ensinar um modo de ser. Essa voz é composta pelo corpo editorial, e conforme Andrade (2002), essa equipe conta com profissionais da área da saúde, bem como instrutores físicos.

Nos próximos exemplares, apareceram imagens caseiras, provavelmente produzidas pelas próprias leitoras, sem se valerem de cenários e nem figurinos especiais, acompanhadas por seus depoimentos. Dessa maneira, aquelas que se viram convidadas a participar do “desafio” demonstram que “qualquer uma de nós” poderá conseguir *emagrecer*, se estiver dedicada e se, verdadeiramente, colocar em prática tudo o que está ensinado no manual apresentado na revista. Foi desse modo que a revista mostrou quem “topou” o “desafio” e convidou às demais a também “transformarem seus corpos”.

Em outras edições, essas mesmas leitoras apareceram “em fotos produzidas pela edição da revista. Os cabelos estão arrumados, a roupa é mais ‘transada’, a maquiagem é suave e o sorriso é obrigatório, pois estão muito *felizes*” (ANDRADE, 2002, p. 64) [grifos da autora]. As leitoras apareceram posteriormente em imagens somente de rosto, rostos esses muito nítidos, bem maquiados e novamente felizes. Desse modo, a revista direcionou suas discursividades para aquelas pessoas que devem ser atingidas, uma vez que “A revista *Boa Forma* imagina e deseja seu público: feminino, jovem, de classe média, branco, ativo, moderno, que trabalha fora, preocupado com a saúde e a boa forma” (ANDRADE, 2002, p. 70) e, “provavelmente heterossexual” (p.77).

Na seção intitulada “O peso dos seus sonhos? Receita abaixo” a autora apresentou uma análise sobre as imagens e dietas alimentares que apareceram na revista, enfatizando o quanto essa mídia demonstra que as escolhas ditas saudáveis podem ser atraentes e envolventes para quem deseja a construção de um “corpo de verão”. Além disso, apareceu uma reflexão muito emblemática extraída dos escritos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman sobre a liquidez das identidades contemporâneas. Segundo a autora as “identidades, assim como o corpo, não são produtos finais [...] são objeto de uma contínua construção” (ANDRADE, 2002, p. 80). Além disso, ela também relacionou a questão do corpo aos estudos deixados pelo filósofo francês Michel Foucault sobre poder disciplinar, no sentido de que a responsabilidade pela construção e manutenção de um corpo almejado é totalmente individual e requer autorregulação. Nessa correnteza, Andrade (2002) relacionou os

efeitos do poder disciplinar sobre os corpos dos indivíduos ao investimento financeiro que fazem em consumo de produtos e serviços *emagrecedores* e explicou o quanto esse tipo de comportamento corrobora para o crescimento de manuais, como ela caracteriza a revista *Boa Forma*.

Na continuidade, a autora apresentou a análise da seção que remete aos exercícios físicos, com imagens de modelos em plenas práticas e com ditos repletos de “frases de incentivo” às leitoras, ensinando, subjetivando, pois, para que se consiga o corpo almejado é necessário exercitarem-se, é preciso que estejam em movimento. Muito relevante, nesse sentido, é a articulação com os estudos de Foucault: “essa manipulação do corpo remete ao conceito de docilidade [...] que nos trouxe a ideia de corpo adestrado, moldado, controlado” (ANDRADE, 2002, p. 91). Uma ilustração significativa consta nessa parte da dissertação, a revista disponibilizou, em um dos exemplares durante o “desafio”, um calendário composto por trinta dias e intitulado “seu desafio dia-a-dia”, onde foram propostas atividades físicas e autoavaliação em relação à dieta alimentar. Em relação a essa seção, deixamos nas palavras da autora, uma reflexão:

[...] todo programa *Desafio de Verão* caracteriza-se como um guia norteador das condutas femininas, pois a revista funciona como um instrumento de treinamento e educação do corpo [...] dizendo o que comer, como e quando, que atividades praticar, com que intensidade, com que roupa, que horário e lugar, para finalmente e com isso, mostrar que há “um” corpo, “um” estilo de vida que deve ser conquistado e um outro que deve ser abandonado [...] vergonha e culpa estão postas em relação a ser gorda e flácida, a não ter controle sobre o corpo, [...] a não saber governar sua conduta. Censura e controle são exercidos [...] por diversas instâncias sociais e culturais, e, nesse exemplo são exercidos pela revista e pelo autogoverno, pelo controle de si. [...] Essas últimas são características consideradas positivas, pois, refletem um desejo, um esforço individual de ser belo e saudável, mostrando características de um indivíduo centrado em sua estética e em sua saúde através do rigor de dietas e exercícios. (ANDRADE, 2002, p. 95)
[grifos da autora]

Na continuidade, “Corpo: uma questão de linguagem”, é uma seção que evidencia questões referentes aos Estudos Feministas, no que tange à “compreensão de construções históricas e sociais em torno do sexo, pluralizando as concepções de feminino e masculino e enfatizando os mecanismos e as instituições culturais e sociais que estão envolvidas nessa construção” (ANDRADE, 2002, p. 97). A autora refletiu sobre as referidas construções, que produzem tantas diferenciações entre gêneros, proeminentes ao longo da história dos sujeitos. Nessa perspectiva, o que consideramos significativo e que está conectado com o tema de nossa investigação foram reflexões referentes ao corpo feminino. Estudos da perspectiva

pós-estruturalista rompem com os binarismos do tipo “juventude/velhice, [...] beleza/feiura, magro/gordo” (ANDRADE, 2002, p.99), porém, conforme a autora, a revista *Boa Forma* colabora para que discursos binários sejam cada vez mais reafirmados, produzindo um senso comum de certa forma naturalizado de que existe “um corpo” perfeito, padronizado e que deve ser almejado pelas mulheres em geral. A autora trouxe, nessa seção, também questões de linguagem, na construção das discursividades que aparecem na revista, considerando tais binarismos, “à medida que a revista afirma que o corpo jovem, belo, saudável, *magro*, ativo e natural é a representação do corpo ideal, ela também está afirmando tudo aquilo que ele não é, ou não deve ser: velho, feio, doente, gordo, sedentário” (ANDRADE, 2002, p.99) [grifos da autora].

Ainda sobre a linguagem, a autora “brincou com as palavras” quando tentou buscar significados a terminologias que aparecem na revista, e que nos parecem muito relevantes quando pensamos na nossa pesquisa, sobre uma construção discursiva de um corpo padronizado dito *magro*: “corpo esculpido”, “corpo enxuto” e “corpo elástico”:

Os significados construídos pela linguagem são características de um dado momento e de uma determinada cultura e são utilizados de acordo com as significações que se busca atribuir a uma dada aparência de corpo, como fica enfatizado nas expressões utilizadas pela *Boa Forma* na intenção de dizer o que “é o corpo”. [...] Esse jogo de palavras constituído no contexto da mídia colabora para a construção de identidades nos sujeitos, re/arranjando-os em novas e outras posições sociais. [...] *Boa Forma*, por exemplo, que se utiliza da força das palavras [...] para impor ao corpo feminino os critérios representados no social como ideal. (ANDRADE, 2002, p. 104) [grifos da autora]

Na sequência, Andrade apresentou um capítulo novo para dissertar sobre as “vencedoras” do *Desafio de Verão*, com enfoque predominantemente foucaultiano, ela trabalhou com a ferramenta “confissão” para a operacionalização de suas análises. Intitulado “O corpo das vencedoras do *Desafio de Verão*: Garotas Superpoderosas”, o capítulo começa com Andrade novamente brincando com as palavras, ela apresenta brevemente informações sobre o desenho animado, no qual se inspirou para chamar essas mulheres que chegaram com sucesso ao final do “desafio” de “superpoderosas” - “Florzinha, Lindinha e Docinho”. As personagens do desenho animado “meninas superpoderosas”, fazem parte de uma ficção que relata as aventuras dessas meninas, que foram inventadas em um laboratório, e a elas foram atribuídos superpoderes. Uma delas é morena, uma é loira (a mais frágil) e a outra é ruiva, em analogia com as diferenças existentes entre as mulheres do

“mundo real”. Assim como no “desafio”, as vencedoras também possuíam características distintas e conquistaram seus “corpos de verão” produzidos de alguma forma “extraordinária”: “venceram a luta contra a balança, a preguiça e a má alimentação” (ANDRADE, 2002, p. 112). A participação das vencedoras foi incentivada em forma de fotos e depoimentos, demonstrando às demais leitoras que atingir o “corpo” almejado é possível para qualquer uma que realmente quiser, mas, principalmente, que estiver disposta a encarar todas as instâncias do “desafio”. Além disso, a “utilização pela revista de pessoas comuns [...] garante uma identificação direta com as leitoras” (ANDRADE, 2002, p.117).

Levando em conta que o capítulo priorizava a ferramenta foucaultiana “confissão” é relevante citar o ciclo em que se engendravam as leitoras, as que escreviam seus depoimentos para a revista e as que liam tais relatos, para que possamos pensar sobre como somos, de algum modo, interpelados pelos discursos midiáticos:

A leitora depoente vem então contar o final feliz de uma luta contra a balança, a celulite, a flacidez, a falta de autoestima, de amor próprio... Isso só é/foi possível, porque a leitora, antes de falar à revista, sentiu-se interpelada pelo seu discurso, viu-se endereçada nas matérias publicadas, nas dietas, nas dicas, nos produtos oferecidos, nos programas como o *Desafio de Verão*. E a leitora, ao ler o depoimento de uma outra, sente-se novamente interpelada, sente-se reconfortada e identificada naquela narrativa pessoal de uma pessoa comum. Assim constitui-se um ciclo onde, sempre, novas e outras leitoras vão identificando-se nos modos de endereçamento habilmente articulados pelos diversos veículos da mídia. (ANDRADE, 2002, p. 120) [grifos da autora]

Finalmente, no capítulo chamado “O corpo novinho em folha ‘termina’ aqui?” a autora demonstrou o quanto essa construção do corpo para a “estação mais esperada do ano” vem sendo fabricada discursivamente por diferentes mídias. Ela mostrou um exemplo sobre um quadro proposto pelo programa da Rede Globo de Televisão *Vida e Saúde* onde telespectadoras eram convidadas a participar de um “desafio”, sim, novamente a palavra desafio evidenciada... Para tanto, as mulheres que aceitavam o “desafio” eram submetidas a práticas que as doutrinavam e ensinavam como deveriam se comportar para que conseguissem, ao final, conquistar o corpo almejado. As estratégias empreendidas pelo programa eram semelhantes àquelas que visualizamos na revista, vozes autorizadas de profissionais da área da saúde sendo consultadas, garantindo a legitimidade das informações. As participantes falavam sobre seus anseios e dificuldades publicamente. Um ponto importante que cabe ser referenciado é o quanto os

depoimentos dessas mulheres comuns foram utilizados demarcando a felicidade e a autoestima como resultados que chegariam em conjunto com o *emagrecimento*. Elas também tiveram suas imagens expostas, “o antes e depois” novamente foi uma ferramenta muito potente para atrair o interesse das telespectadoras.

Aqui não entraremos na riqueza de detalhes que aparecem no capítulo escrito para finalização da pesquisa da autora, porém é importante ressaltar que conforme Andrade (2002) a representação do corpo feminino se dá através da linguagem e é resultado de uma construção cultural, que está atrelada a um local e a um tempo específicos. Nesse contexto:

Há um corpo que deve ser preparado para o verão e outro corpo para as outras estações. O corpo idealizado e padronizado deve ser capaz de se metamorfosear a cada nova estação ou a cada representação de corpo que se estabelece como verdadeira. [...] a ideia de corpo enquanto projeto [...] que se molda e se reconstrói de acordo com o desejo de cada uma ou com o padrão de corpo do momento. (ANDRADE, 2002, p. 123)

Nesse sentido, compreendemos que a análise dessa dissertação foi de grande relevância para a nossa pesquisa, pois também estamos analisando enunciações de uma mídia impressa e entendendo a revista como uma pedagogia cultural que ensina, educa e fabrica sujeitos. Além disso, olhar para um trabalho que utiliza ferramentas foucaultianas operacionalizadas, junto a um tema relacionado com o da nossa pesquisa, contribuiu significativamente com nossos estudos.

Na próxima seção, nos debruçamos em discorrer sobre o conceito de corpo como alvo de tecnologias de poder. Compreendemos que o conceito de corpo em Michel Foucault é uma fundamentação teórica imprescindível para a construção dessa pesquisa, já que estamos tratando do *emagrecimento* em discurso e tal processo atravessa e produz os corpos dos sujeitos.

2.2 Mapeando o conceito de corpo como alvo de tecnologias de poder

Antes de entrarmos efetivamente nas teorizações a respeito do conceito de corpo, articulado às tecnologias de poder, entendemos que precisamos demarcar de qual lugar estamos falando para o nosso leitor, para que fiquem claras as problematizações que tecemos nesta seção. Este trabalho está situado no campo dos estudos culturais e tem como referencial teórico e metodológico alguns conceitos do filósofo francês Michel Foucault, os quais utilizamos como ferramentas analíticas.

Como já apontamos no capítulo 1 nosso objetivo de pesquisa é problematizar alguns ditos hegemônicos que versam sobre o *emagrecimento* e que nos incitam a adotar em nossas rotinas, práticas que promovam a obtenção de um corpo *magro*. Tais discursividades circulam nos mais diversos ambientes por onde frequentamos e nos interpelam de um modo muito sutil, porém eficaz, nos convidando a viver de um modo e não de outro. Nessa perspectiva, como estamos analisando discursos que produzem efeitos em nosso corpo, compreendemos a necessidade de nos debruçarmos de modo mais cuidadoso sobre o conceito de corpo a partir dos estudos do filósofo.

Desse modo, empreendemos em um olhar atento para algumas obras e procuramos trazer para nossas discussões, escritas que evidenciassem o entendimento do filósofo a respeito do corpo. Além disso, nessa seção, tratamos dos deslocamentos que ocorreram ao longo dos séculos, efetivamente na forma como nossos corpos têm sido alvo das tecnologias de poder. Assim, no trecho abaixo referenciado temos uma breve contextualização histórica no que tange ao controle social dos corpos dos sujeitos:

Se se fizesse uma história do controle social do corpo, seria possível mostrar que, até o século XVIII inclusive, o corpo dos indivíduos é essencialmente superfície de inscrição de suplícios e penas. O corpo estava feito para ser castigado. Já nas instâncias de controle, que surgem a partir do século XIX, o corpo adquire uma significação totalmente diferente; não é mais o que deve ser supliciado, mas o que deve ser formado, reformado, corrigido, o que deve adquirir aptidões, receber certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar. (CASTRO, 2016, p. 88).

Nessa perspectiva, começamos esse mapeamento retomando o primeiro capítulo de *Vigiar e Punir*, onde Foucault (2014b) nos brinda com um relato detalhado de um rito de suplício do corpo de um condenado, que ocorrera no ano de 1757. Em seguida, apresenta o regulamento da “casa dos jovens detentos de Paris”, redigido em 1838, como exemplo de castigos dos corpos, de suplício e de utilização de tempo. Foucault traça esse histórico para que possamos tentar compreender como a justiça penal moderna vem sendo, ao longo dos séculos, reformada, reinventada e repensada. Hoje não são empreendidas técnicas de violência, nem tampouco de sofrimento físico, porém vivenciamos a existência de castigos que privam os sujeitos infratores de seus bens ou de seus direitos de liberdade.

Assim, para pensarmos sobre os deslocamentos que ocorreram ao longo dos séculos a respeito da forma como tem se estabelecido os castigos dos corpos dos sujeitos, precisamos compreender também como emergiram as tecnologias de

poder. Assim, Foucault (2008c) se ocupa em explicar aos leitores a lógica cristã do poder pastoral, um poder que se exercia do pastor em relação ao seu rebanho, um poder que se exercia sobre uma multiplicidade de sujeitos, mas que também era individualizado, pois o pastor pastoreava, cuidava e zelava por cada uma das ovelhas do seu rebanho, tal rebanho, comumente encontrava-se em movimento. Era um poder que agia efetivamente sobre as almas. “O pastor guia para a salvação, prescreve a lei, ensina a verdade”. (FOUCAULT, 2008c, p. 221). Quando trata sobre o poder soberano, demarca que esta forma de poder não era individual, nem tampouco preocupava-se com o bem-estar de um rebanho. O foco da soberania estava centrado no território e na relação dos súditos com este território. Assim, se tratava de uma forma de poder político que era exercido pelo soberano/rei em relação aos seus súditos, com o objetivo de governar um território.

No século XVI emergiram alguns problemas relacionados ao governo de uma multiplicidade de sujeitos, que passaram a ocupar um território e a viver organizados em cidades e famílias. Nessa perspectiva, questões referentes ao cotidiano dos indivíduos passaram a ser observadas, tais como higiene, educação das crianças, entre outras. Estamos falando de um período em que a pastoral cristã era a maior instituição que conduzia as condutas e, inclusive, as almas dos sujeitos, isso ocorria de um modo individualizante, numa lógica de pastoreio, ou seja, o pastor pastoreando seu rebanho. Porém, uma “razão governamental” teve que ser pensada e inventada, foi o primeiro deslocamento observado por Foucault (2008c) da pastoral das almas ao governo político dos homens.

Assim, nesse período, temos o exercício de um do poder soberano, que em dado momento passou a ocorrer concomitantemente ao exercício do poder pastoral. Tais tecnologias de poder, conforme apontou Foucault (2008c), se exercem de modo articulado, não há sucessão, mas atravessamentos. O soberano era o rei, aquele que governava o território, as riquezas, os bens produzidos pelos súditos. Segundo Castro (2016) a relação de soberania entre os pares era vertical e exploradora: “O soberano se apropria dos frutos da terra, dos objetos fabricados, das armas, da coragem, do tempo de seus súditos. [...] Os gastos do soberano com seus súditos são inferiores às riquezas que são deles extraída”. (CASTRO, 2016, p.405).

Como nessa seção mapeamos o conceito de corpo como alvo das tecnologias de poder, é importante ressaltarmos que na soberania havia uma relação de ameaça e de violência, do soberano para com seus súditos, assim, “o

corpo do soberano deve ser perfeitamente visível e identificável”, ou seja o soberano é único, já o corpo dos súditos não é individual, pois o súdito é um “sujeito múltiplo” (CASTRO, 2016, p. 405) que tem seu “corpo supliciado, [...] fragmentado [...] o indivíduo não é outra coisa senão um corpo assujeitado.” (CASTRO, 2016, p. 406). O corpo do súdito é, portanto, o local de aplicação do poder do soberano, onde se reafirma a desproporção entre quem detém e quem não detém forças, Foucault (2014b). Nessa perspectiva, é importante compreender que o criminoso que é condenado ao suplício do corpo atenta contra o poder do soberano, que é quem o castiga. Os castigos são públicos para que se delineie a verticalidade do poder e para que os demais súditos se sintam intimidados a não cometer atos ditos ilícitos.

Desse modo, o poder do soberano se exercia, pois o rei tinha o direito de matar, era permitido o suplício dos corpos dos súditos, foi o que Foucault (2010) denominou “Direito de Espada”. Porém, do século XVII ao XVIII emergiram novas tecnologias de poder, compreendidas por Foucault por disciplinas, essas também voltadas ao corpo individual dos sujeitos, porém, as punições e seus objetivos passam a ser impressos nos corpos dos indivíduos de um modo diferente. Nesse viés, “Se não é mais ao corpo a que se dirige a punição, [...], sobre o que, então, se exerce? A resposta dos teóricos [...] é simples, quase evidente. Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma.” (FOUCAULT, 2014b, p. 21).

Nessa perspectiva, na soberania os castigos, os suplícios, as condenações eram centradas no direito de vida e de morte do soberano sobre os súditos e o sujeito infrator acabava sendo extinto do corpo social, pois cometia um crime contra o soberano. Por outro lado, com as disciplinas, a punição passou a ser diferente, os castigos não eram mais direcionados ao suplício dos corpos, mas sim ao controle, à reforma, à cura e à reinserção dos apenados para o seio do corpo social, tendo em vista que seus crimes eram cometidos contra a sociedade e não mais contra um sujeito específico, o soberano.

É relevante demarcar que compreendemos que estamos constantemente engendrados em algum regime disciplinar, começamos a ser treinados nas nossas famílias, ocupamos os bancos escolares, frequentamos algum culto religioso, temos nosso trabalho, enfim, nos mais diversos locais sociais pelos quais circulamos, temos nossos corpos treinados, docilizados, subjetivados, ainda que esse processo ocorra sutilmente. Quando escapamos daquilo que é considerado “normal” somos capturados por outras instâncias disciplinares, como a prisão ou o hospital

psiquiátrico, por exemplo. Nessa perspectiva, tomamos como sujeito “anormal” ou “à margem”, não somente o criminoso, mas também o doente, o leproso, o louco, ou seja, todo aquele que não é “normal⁷”, todo aquele que necessita de reforma e de cura.

Assim, o conceito de “corpo dócil” é extremamente importante para a compreensão da relação de utilidade e treinamento dos corpos dos sujeitos. Em *Vigiar e Punir*, Foucault discorre sobre essa teorização explicando que “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014b, p. 134). Destacamos, então, a relação que Foucault (2014b) faz do sujeito com o corpo, que trata das tecnologias de poder que são aplicadas aos indivíduos para o controle das operações de seus corpos, docilizando-os, subjetivando-os. Além disso, “o corpo se inscreve em um regime de visibilidade e materializa imagens e identidades de sujeitos historicamente produzidas e modificadas”. (FERNANDES, 2015, p. 94). Desse modo, nossos corpos são as exterioridades, visíveis, dos discursos pelos quais somos capturados, das tecnologias de poder em que estamos engendrados, que nos subjetivam e conduzem sutilmente nossas condutas.

Nessa perspectiva, em Foucault (2014b) observamos a existência de três grandes mecanismos disciplinares, a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame. A vigilância hierárquica é um mecanismo que disciplina o corpo pelo olhar de quem vigia, ou seja, o vigiado sujeita-se e, de forma autônoma, realiza as tarefas que está destinado a executar, se autodisciplinando e autorregulando. Percebemos então, o poder funcionando em uma engrenagem onde o domínio sobre o corpo do outro se dá de modo sutil e sem necessidade do uso de violências.

Além disso, o que Foucault denominou de exame é uma estratégia disciplinar de suma importância pois consiste em observar no nível das minúcias os indivíduos, visando reconhecer similaridades e recorrências, bem como discrepâncias e diferenciações entre os sujeitos, com o objetivo de homogeneizar os corpos e normalizá-los. Para tanto, faz-se necessário conhecer os sujeitos cada vez mais, percebendo diferenças entre eles que definem quem são os “normais” e os “anormais”, ou ainda, “[...] se estabelece a demarcação entre os que serão

⁷ Um sujeito normal, será aquele que encontrar-se em consonância com a norma, considerando que norma “é um elemento a partir do qual determinado exercício de poder encontra-se fundado e legitimado”. (FOUCAULT, 2001, p.62)

considerados inaptos, incapazes e os outros. Ou seja, [...] se faz a demarcação entre o normal e o anormal.” (FOUCAULT, 2008c, p. 75). Já a sanção normalizadora, versa sobre as penalizações e se dá no sentido da observância de um regulamento, com o intuito de corrigir imperfeições de condutas de alguns sujeitos, fazendo com que todos os indivíduos se pareçam entre si.

Com a disciplina, nos séculos XVII e XVIII, nasce uma arte do corpo humano que busca não apenas o acréscimo de habilidades, nem tampouco o fortalecimento da sujeição, mas a formação de um mecanismo pelo qual o corpo se torna tanto mais obediente quanto mais útil, e vice-versa. Com as disciplinas, o corpo entra numa maquinaria que o explora, desarticula-o e o recompõe. Não se trata de obter corpos que façam o que se deseja, mas que funcionem como se quer, com as técnicas, a rapidez e a eficácia que se pretende deles. As disciplinas são, ao mesmo tempo, uma anatomia política do corpo e uma mecânica do poder (CASTRO, 2016, p. 89)

Assim, conforme Foucault (2014b) temos como foco das disciplinas o corpo, que é trabalhado em busca da maximização da sua utilidade, que é reformado e transformado tornando-se cada vez mais dócil. Desse modo, o poder disciplinar funciona de forma produtora, pois empreendendo mecanismos disciplinares e tendo como objeto de estudo o corpo do homem observou-se, também, a emergência de alguns saberes, como por exemplo as ciências humanas. Nessa perspectiva, as disciplinas agem no corpo individual dos sujeitos, visando torná-los dóceis e úteis para o bom funcionamento das engrenagens de poder/saber.

Em “História da Sexualidade: a vontade de saber” Foucault (2017) se debruça no capítulo intitulado “o dispositivo da sexualidade” em explicar numa abordagem histórica e cultural algumas condições de possibilidade que tornam a sexualidade um dos grandes mecanismos de controle dos corpos dos sujeitos. Ele discorre sobre a importância da “colocação do sexo em discurso”, ou seja, falar sobre a sexualidade e compreender como alguns atravessamentos se engendram e fabricam o modo como vivenciamos nossas sexualidades hoje, compreendendo também a emergência de alguns campos de saber.

Nessa correnteza, o filósofo demarca “quatro grandes conjuntos estratégicos que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo” (FOUCAULT, 2017, p. 113), que são a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Com isso, Foucault observou que ao longo dos tempos desenvolve-se uma espécie de fabricação de uma sexualidade dita normal. Compreender o dispositivo da sexualidade não é entender como os sujeitos praticam

o ato sexual, mas sim o quanto a existência de uma tecnologia de controle das condutas gera efeitos nos nossos modos de ser e de viver contemporâneos. Assim, nossa sexualidade hoje faz parte de uma construção histórica na qual tivemos nossos corpos subjetivados por relações, muitas vezes reprimidas, outras delas subversivas, mas que foi passando por certos deslocamentos, entrando na ordem discursiva que assumimos como verdadeira.

Foucault (2017) situa esta obra na história da sociedade contemporânea, entendendo que há um processo que não apenas subjetiva, mas também objetiva nossos corpos, incitando a nos manter em um estado de vida dito normal, saudável e cada vez mais próximo das normas vigentes.

O dispositivo da sexualidade tem como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global. (FOUCAULT, 2017, p. 116)

Assim, com a compreensão acerca do funcionamento do dispositivo da sexualidade, o autor mostra o quanto existem relações de poder que são inerentes à sociedade e que funcionam por um estado de vida da população. Ainda que nesta obra o autor não demarque estar tratando de estratégias biopolíticas que colocam em funcionamento o biopoder, seu olhar está situado em compreender como um poder sobre a vida tem funcionado há tantos anos em nossa sociedade.

Desse modo, a partir da segunda metade do século XVIII observamos um novo deslocamento, aparece uma nova tecnologia de poder, que não exclui a primeira, mas que a complementa. Conforme Foucault (2010) o deslocamento se deu da “anatomopolítica do corpo humano” para a “biopolítica da espécie humana”, que pode ser articulado com a emergência de uma nova organização social e da necessidade de governar múltiplos indivíduos, uma sociedade disciplinar que passa a ser compreendida como uma sociedade de normalização. Considerando que tomamos o conceito foucaultiano de sociedade de normalização, que é uma forma de andamento da sociedade, “que descreve o funcionamento e a finalidade do poder”(CASTRO, 2016, p. 309) vemos, portanto, funcionando conjuntamente tecnologias disciplinares e regulamentadoras, atuando sobre os corpos individuais e sobre a população. Importante demarcar que por tecnologias regulamentadoras compreendemos todas as práticas que buscam aproximar, cada vez mais, a população de uma “norma”.

Nessa correnteza, aparece um novo corpo, o corpo social, a população.

Esse novo corpo, compreendido por uma série de indivíduos “sob a ação econômico-política do governo” (FOUCAULT, 2008a, p. 55). Assim, com a emergência desse novo corpo social surge a necessidade de conhecer, de hierarquizar, de categorizar, de quantificar a população, com o objetivo de desenvolver modos de governamentalidade⁸ e de controle da coletividade.

Nessa perspectiva, observamos o advento de alguns saberes, que emergem em decorrência da necessidade de conhecer e compreender a sociedade para que se pudesse governá-la. Assim, transformar o coletivo em numerável e quantificável foi uma estratégia que, desde o século XVIII, vem sendo empreendida e que oportuniza a existência de uma racionalidade governamental. Nesse sentido, a estatística se instituiu como um saber que viabilizou uma tecnologia de poder que numera, quantifica, busca encontrar fragilidades, rupturas, para que se governe uma população buscando cada vez mais aproximar todos os indivíduos de uma norma, encontrando nos números regularidades e desvios. Assim, as estatísticas “constituem informações sobre os diferentes aspectos da vida da população, delimitando principalmente os espaços considerados problemáticos” (TRAVESSINI e BELLO, 2009, p. 137).

Nesse sentido, importante nos remetermos a pensar sobre o conceito de norma, que “é um elemento a partir do qual determinado exercício de poder encontra-se fundado e legitimado” (CASTRO, 2016, p. 310). A norma é um conceito foucaultiano fundamental para compreendermos, de algum modo, como somos governamentalizados e governamentalizáveis. A partir da norma, os indivíduos são balizados como “normais” ou “anormais” utilizando-se, para tanto, a ferramenta estatística para categorizar, hierarquizar e numerar a população no que tange aos fenômenos próprios das suas vidas, tais como nascimentos, óbitos, enfermidades.

Nessa perspectiva, conforme Castro (2016), a norma está situada no campo da comparação e da diferenciação, buscando auferir um ponto médio, que então deve ser perseguido pelo maior número possível de indivíduos, buscando tornar a

⁸ Tendo em vista que não vamos discorrer sobre o conceito de governamentalidade neste trabalho, consideramos importante apresentar uma nota, com as palavras do autor, o filósofo Michel Foucault, para compreendermos o contexto do trecho em que mencionamos o termo: “Por esta palavra, ‘governamentalidade’, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo a população, por principal saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança.”. (FOUCAULT 2008c, p. 143) [grifos do autor]

população cada vez mais uniforme e semelhante. Conforme Foucault (2010) o poder sobre o corpo, nesse viés, não é individualizante, mas sim massificante, “que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie” (FOUCAULT, 2010, p. 204). Além disso, o poder que se inscreve sobre o homem-espécie é um poder que age por intermédio de tecnologias regulamentadoras e tem por objetivo a vida dos sujeitos, ou em outras palavras, segundo Foucault (2010), é a política do fazer viver e deixar morrer somente em última instância.

Desse modo, observam-se estratégias biopolíticas que emergem em torno de uma prática governamental que preza pela longevidade e pela preservação da vida dos indivíduos. São estratégias que fabricam um modo de ser mais saudável, potencializando, portanto, um estado de vida da população. Com isso, questões relacionadas à higiene passam a ser observadas, bem como o advento da medicina moderna. Nesse viés, um exemplo que podemos tomar como estratégia biopolítica da atualidade são as campanhas de vacinação, que atuam na ordem da prevenção de doenças. Porém, é importante ressaltar que todas essas preocupações para o prolongamento das vidas dos sujeitos da forma mais saudável possível são estratégias biopolíticas, a partir das quais torna-se possível o exercício do biopoder. Um poder que funciona atacando problemas inerentes à uma população, medicalizando, precavendo e antevendo fatores que, futuramente, poderão diminuir a força produtiva dos sujeitos. Assim:

Ao falarmos de biopolítica, estamos nos referindo a todo um conjunto de ações, saberes e estratégias que se efetivam sobre uma população e que objetivam promover a vida humana dessa população. Pode-se dizer, então, que a biopolítica é a maneira pela qual se racionalizou, na modernidade, o governo das populações de modo a garantir-lhes maior segurança, sobrevivência, natalidade, longevidade, saúde, felicidade, etc. Nesse sentido, a biopolítica se exerce por meio do *biopoder*, um tipo de poder que atua sobre os indivíduos, mas não entendidos ou tomados em sua singularidade – como é o caso do *poder disciplinar* – e sim enquanto membros de um conjunto ou coletividade a que denominamos “população”. (VEIGA-NETO, 2006, p. 2) [grifos do autor]

Nessa perspectiva, a vida dos sujeitos é preservada e mantida, também pelo prisma neoliberal que rege nossa modernidade. Corpos produtivos, saudáveis, felizes, disciplinados, eficientes são o cerne para o funcionamento pleno da sociedade em que vivemos. Desse modo, o biopoder opera através de estratégias biopolíticas, sob uma lógica biológica, medicando, prevenindo, curando e extinguindo do corpo social, apenas em última hipótese, aquele que apresentar riscos para a coletividade ou, aquele que inevitavelmente for a óbito. Compreendendo que esse óbito é retardado o máximo possível, para que o sujeito

contribua produtivamente no seio social por maior tempo.

Assim, não existe uma benevolência pairando na sociedade de normalização, que preza pela vida salutar dos cidadãos, mas sim estratégias biopolíticas que têm como foco o prolongamento e a manutenção das vidas, corroborando, portanto, para o funcionamento do biopoder, no sentido da manutenção de uma nova ordem social. “São formas de poder perpassadas pelo biopoder, o poder que se organiza em torno da vida, e também sobre o corpo; há, portanto, uma biopolítica investida de biopoderes.” (FERNANDES, 2015, p. 92).

Dados alguns conceitos importantes trazemos, agora, algumas analogias entre tais conceituações foucaultianas e nosso objeto de pesquisa, olhando para o corpo como alvo das tecnologias de poder, um corpo subjetivado pelo *emagrecimento* em discurso. Discurso esse que é reverberado e reafirmado pela e na mídia, recorrentemente. Por isso, encerrando esse trecho da pesquisa, o qual consideramos fundamental para sustentação de nossas problematizações, nos permitimos articular alguns ditos foucaultianos com questões que vivenciamos em nossos cotidianos, convidando nosso leitor para que pense conosco sobre algumas inquietações que nos movem enquanto pesquisadoras.

Trabalhar com a inspiração do filósofo Michel Foucault nos encoraja a fazer articulações de seus conceitos com as nossas vidas, pois, compreendemos que estudar filosofia e fazer pesquisa a partir de um referencial teórico tão emblemático como o foucaultiano, desacomoda e movimentava o pensamento. Estudar filosofia desse modo nos incita a questionarmos o mundo que habitamos, a nos perguntarmos sobre tantas verdades totalizadoras com as quais nos deparamos diariamente. Estudar por esse viés, nos motiva a pensarmos sobre tudo o que está dado e que é preexistente, mas que é, tantas vezes, somente replicado e reproduzido por muitos de nós.

Por isso tudo nos perguntamos, por que será que sofremos por não estarmos vestindo um corpo *magro*, esguio e condizente com os modelos fabricados pela e na mídia? Quando percebemos que estamos fora dos padrões vigentes do século XXI, e não queremos ou, não conseguimos, obter um corpo *magro* será que não fomos tão disciplinados como “deveríamos”? Por que nos submetemos a adotar em nossas rotinas, práticas que algumas vezes nos geram desconforto, visando o *emagrecimento*?

O poder disciplinar parece estar bem presente em nossas rotinas,

conduzindo de algum modo nossas condutas e nossos corpos. Em poder-corpo, Michel Foucault (2006c) fala sobre estratégias de poder voltadas ao corpo de um modo emblemático e que consideramos extremamente relacionado com o que temos tratado nessa pesquisa, um poder “que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’” (FOUCAULT, 2006c, p. 147) [grifo do autor]. Então, nos remetemos a pensar sobre nosso cotidiano e em quanto estamos, de algum modo, capturados por alguma estratégia que nos disciplina e nos controla.

O controle-estimulação de que fala Foucault nos parece ser a forma de poder que funciona, por exemplo, através da mídia. Pensando em nosso *corpus* empírico, podemos observar o quanto a revista *AnaMaria* veicula semanalmente ditos emblemáticos, que se situam nessa estratégia de estimulação das leitoras. Quando observamos a “garota da capa” vestindo um corpo *magro*, somos incitadas a adquirir o exemplar da revista para a leitura atenta do que ali estiver “prescrito”, fazemos isso estimuladas pelo desejo de *emagrecer* e tornar nossos corpos mais parecidos com aquele padronizado e estampado na imagem.

Outra estratégia significativa que a revista que estamos analisando utiliza recorrentemente é a apresentação de modelos que não são famosas e que alcançaram o “tão almejado *emagrecimento*”, ou seja, com isso a mídia mostra que é possível *emagrecer*, pois pessoas comuns que foram disciplinadas conseguiram “o que todas nós queremos”, que é a obtenção de um corpo *magro*. Além disso, temos mais um exemplo potente que precisamos trazer nesse momento, no qual falamos de controle-estimulação que são as imagens dos “antes e depois” das pessoas que *emagreceram* após um tratamento realizado, conforme alguma prescrição que consta na revista. Assim, essa tecnologia de poder funciona quando olhamos para essa imagem de “sucesso” e somos incitadas a perseguir também a obtenção de um corpo *magro*.

Desse modo, quando nos submetemos a dietas alimentares visando alcançar um corpo *magro*, não precisamos ter conduta de disciplina e autocontrole? E quando frequentamos uma academia de ginástica, submetemos nossos corpos a um treinamento muitas vezes exaustivo, horas e horas de exercícios físicos, por muitos dias, meses, até mesmo anos, o que estamos fazendo quando nos submetemos a esse tipo de rotina? Não estamos treinando, visando moldar o corpo? E por que moldamos nossos corpos? Por que submetemos nossas práticas a certas

rotinas e tantas vezes perseguimos estratégias que possibilitam nosso *emagrecimento*? E ao optarmos pela medicalização dos nossos corpos, ou até mesmo pela realização de procedimentos cirúrgicos em prol da obtenção de um corpo *magro*?

Tais questionamentos não têm respostas definitivas, são problematizações para que pensemos no quanto as tecnologias de poder funcionam e nos capturam de algum modo, para que vivamos de uma forma e não de outra. Importante demarcar que não estamos aqui fazendo nenhum tipo de juízo de valor sobre quaisquer práticas, não nos interessa pensar se são boas ou ruins, podemos fazer dietas, praticarmos exercícios, buscarmos o *emagrecimento*, ou não. Podemos fazer dos nossos corpos o modelo que considerarmos melhor para cada um de nós. Assim, com essas problematizações estamos nos remetendo a pensar sobre algumas estratégias de poder que funcionam e que atuam diretamente em nossos corpos e de algum modo, nos subjetivam.

Pensemos agora em algumas estratégias biopolíticas, que efetivam a operacionalização do biopoder em nosso cotidiano, considerando que elas são da ordem biológica, da prevenção, de medicalização e de manutenção das nossas vidas. Tomemos, para tanto, nosso objeto de pesquisa, o *emagrecimento* em discurso, quando nos remetemos a pensar sobre as estratégias que reverberam na mídia e que nos incitam a perseguirmos a obtenção de um corpo *magro*.

Quando nos vemos almejando o *emagrecimento*, estamos pensando em um padrão estético vigente, que se encontra nas revistas, na televisão, nas redes sociais, um padrão de corpo *magro*, torneado, saudável, será que pensamos que assim seremos mais produtivos, mais ágeis, mais rentáveis em nossas atividades laborais? Será que compreendemos que somos incitados a perseguir a obtenção de um corpo *magro* para corroborarmos para que um sistema neoliberal se instaure ainda mais, pois quanto mais *magros*, saudáveis e ágeis, mais produtivos seremos? Será que pensamos sobre nossas escolhas pessoais quando optamos por perseguir o objetivo de *emagrecimento*? Ou quem sabe, autorregulados, vamos disciplinadamente visitar profissionais como nutricionistas, nutrólogos, educadores físicos, por acreditarmos que ser *magro* é melhor mesmo para a nossa saúde e para as nossas vidas? Compreendemos que tudo o que existe na sociedade em que vivemos é uma fabricação discursiva? Será que quando decidimos nos aproximar de uma norma que mensura que o “normal” é o *magro*, pensamos que essa norma

também é fabricada e que esse conceito de *magreza* é tão subjetivo quanto todos os outros tantos conceitos que nos rotulam recorrentemente o seio social?

Assim, o poder funciona sobre nossos corpos e não existe benevolência de um ser superior prezando pela nossa integridade, nem somos ingênuos ao ponto de pensarmos que isso existiria, sabemos que as engrenagens do poder estão engendradas em prol da governamentalidade e do andamento dessa sociedade de normalização que habitamos, que tem em seu funcionamento mecanismos regulamentadores e disciplinares atuando concomitantemente e em plena atividade.

Portanto, será que compreendemos o quanto somos subjetivados, quando buscamos viver de um modo, conforme os discursos que por nós perpassam e nos constituem enquanto sujeitos? Nessa pesquisa, não temos a intenção de mensurar o que é bom ou o que é ruim para cada um de nós, queremos apenas que possamos pensar sobre nossas escolhas, entendendo que somos sim sujeitos subjetivados/subjetivantes e plenamente engendrados nas relações de poder, tão producentes, que fabricam as estruturas sociais em que vivemos, conforme os saberes produzidos sobre o que nos cerca. Para finalizar, trazemos um texto muito emblemático do inspirador filósofo Foucault:

O domínio, a consciência de seu corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo do próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu esse efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as regras morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo...[...] Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua. (FOUCAULT, 2006c, p. 146)

Nessa perspectiva, demarcamos nosso entendimento sobre o conceito de corpo numa correnteza foucaultiana, pois compreendemos que os nossos corpos são disciplinados, docilizados, fabricados, conduzidos, subjetivados, a partir dos discursos que por eles perpassam e das relações de poder e saber em que estão engendrados. Desse modo, esperamos que com esse mapeamento, bem como com as provocações apresentadas, tenhamos conseguido explicar como estamos tomando o corpo nesse trabalho, um corpo que é subjetivado e engajado em relações de poder que o produzem e o fabricam.

3. CONTORNOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: MAPEANDO ALGUNS CONCEITOS E/OU FERRAMENTAS POTENTES PARA A INVESTIGAÇÃO

Ao começarmos este capítulo é importante delinear alguns caminhos que tomamos para a construção teórico-metodológica dessa investigação. Como anteriormente explicitamos, o *corpus* empírico escolhido para a operacionalização das análises são exemplares da revista *AnaMaria*. Porém, é relevante ressaltar que estamos olhando, também, para os demais artefatos midiáticos contemporâneos de uma maneira muito questionadora, entendendo que os ditos que aparecem na mídia estão de algum modo imbricados nas reportagens investigadas. Assim, acabamos nos deparando com alguns discursos hegemônicos, que de tanto reverberarem por diversos ambientes por onde circulamos, acabam adquirindo uma certa força de verdade.

Michel Foucault, ao tratar do conceito de autoria, ressalta: “O que importa quem fala?” (FOUCAULT, 2009, p.264). Assim, nesse trabalho não estamos preocupadas com os autores do discurso, não nos interessa quem os proferiu, mas sim estamos tomando a potência de alguns ditos que circulam, reverberam e tomam uma proporção que não é mensurável. Em outras palavras, estamos preocupadas com os efeitos produzidos por um discurso de *emagrecimento* que parece estar tão forte em nossa atualidade.

Todos os discursos, sejam quais forem seus *status*, sua forma, seu valor e seja qual for o tratamento que se dê a eles, desenvolviam-se no anonimato do murmúrio. Não mais se ouviam as questões por tanto tempo repetidas: “Quem realmente falou? Foi ele e ninguém mais? Com que autenticidade ou originalidade? E o que ele expressou do mais profundo dele mesmo em seu discurso?” Além destas, outras questões como as seguintes: “Quais são os modos de existência desses discursos? Em que ele se sustentou, como pode circular, e quem dele pode se apropriar? Quais são os locais que foram ali preparados para possíveis sujeitos? Quem pode preencher as diversas funções de sujeito?” E, atrás de todas essas questões, talvez apenas se ouvisse o rumor de uma indiferença: “Que importa quem fala?” (FOUCAULT, 2009, p. 288) [grifos do autor]

Com base no exposto, podemos compreender que não importa nessa pesquisa quem são os autores das reportagens da revista, ou ainda, quem é o *youtuber*⁹ do canal, ou a personagem da novela, do filme, do seriado, do livro, enfim. Importa, sim, perceber como é produzida uma rede discursiva, pela qual somos

⁹ *Youtuber*, é a forma como são chamados os sujeitos que ganharam visibilidade na mídia contemporânea pela popularidade de seus vídeos no *YouTube* – que é uma plataforma de compartilhamento de vídeos.

interpelados, nos mais diversos ambientes por onde circulamos, nas múltiplas mídias que nos atravessam e que nos remetem a um discurso que incita ao *emagrecimento*.

Desse modo, gostaríamos de explicar de que forma operamos em nossas análises. Tomamos como *corpus* empírico as reportagens da seção “Dieta”, bem como as chamadas de capa, situadas em uma tarja amarela¹⁰ das edições semanais da revista *AnaMaria*. Assim, problematizamos algumas discursividades prescritivas, que ensinam às consumidoras desses conteúdos, semanalmente, modos de ser e de viver. Tais ditos estão situados na promessa do “tão almejado” *emagrecimento* dos corpos das leitoras. Foram analisados trinta e um exemplares da revista, que perfazem as edições semanais desde julho do ano de 2017 até dezembro de 2017, período este que compreendeu desde a escolha do material empírico até a finalização da escrita do projeto de qualificação.

A operacionalização das mencionadas análises está situada na perspectiva foucaultiana, com o aporte de algumas de suas ferramentas conceituais. Importante ressaltar, porém, que olhar para o mundo dessa forma, é trabalhar com os estudos do filósofo para além de um método fechado, já que ele sugere que utilizemos seus conceitos, conforme as possibilidades para nossas pesquisas, como se eles pertencessem a uma “caixa de ferramentas”:

Todos meus livros, seja História da Loucura seja outro podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram... pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT, 2006e, p. 52).

Nesse contexto, situamos essas articulações na perspectiva de uma analítica discursiva, utilizando alguns conceitos foucaultianos como ferramentas. Organizamos as enunciações a partir de sua recorrência e regularidade discursiva, buscando mapear os engendramentos e a rede de ditos que se formam. Nosso objetivo inicial era o de delimitar algumas unidades analíticas, porém, sabemos que uma pesquisa se constrói para além de nossas intenções iniciais, então podemos dizer que nosso estudo foi ganhando “vida” ao longo de sua construção. Pois, quando nos debruçamos sobre as enunciações extraídas das reportagens vimos que elas são um conjunto coeso de ditos e que se reinventam, se reafirmam, se

¹⁰ Na página 26 dessa pesquisa, consta uma analogia que fizemos sobre o semáforo de trânsito, para evidenciar que a cor amarela da tarja, para a qual estamos olhando na capa da revista *AnaMaria* está sinalizando, de algum modo, para que “prestemos atenção” no que está ali posto.

reproduzem e perfazem estratégias que reforçam o funcionamento e a produtividade do discurso de *emagrecimento*. Desse modo, nos ocupamos em reconhecer essa rede discursiva em que essas enunciações estão inseridas, não somente no nosso material empírico mas também em outros artefatos midiáticos contemporâneos, a fim de tensioná-las, articulando-as com alguns conceitos foucaultianos. Assim, no capítulo quatro dessa dissertação apresentamos de que modo realizamos essas articulações.

Antes de mais nada é importante assumirmos o conceito de discurso a partir de Michel Foucault (2014a). Nessa perspectiva, entendemos que os discursos são produzidos e nos produzem enquanto sujeitos, bem como a realidade em que estamos inseridos. Ou, em outras palavras, os discursos fabricam as verdades, e, desse modo, fabricam, também o mundo em que vivemos. Nessa pesquisa, olhamos para algumas enunciações que produzem um discurso que nos incita a adotarmos condutas que nos oportunizem viver um modo de ser *magro*.

Entendemos que há um padrão estético fabricado, onde os sujeitos ditos “normais” são *magros*, belos, felizes, saudáveis. Assim, de certa forma, há um imperativo de *emagrecimento* que reverbera entre nós, a partir de regras ditadas pelos veículos de comunicação, sugerindo padrões, por vezes tão distantes daquilo que somos, que acabamos vivendo frustrados e em busca de nos tornarmos alguém distante do que somos, apenas para pertencermos a esse padrão estético contemporâneo. Muitos de nós passamos uma vida inteira tentando alcançar tal modelo, sem sequer refletirmos se essa é uma verdade que nos serve ou se estamos apenas reproduzindo comportamentos naturalizados culturalmente.

Desse modo, cabe referenciar o entendimento de Rosa Fischer, “sobre discurso e análise enunciativa” em Michel Foucault:

[...] para o filósofo, trata-se sempre de práticas; trata-se sempre de práticas dentro das relações de poder e saber, que se implicam mútua e incessantemente; trata-se também de modos de ser sujeito. Ou seja, [...] enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem-se como práticas sociais, por definição amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam. E para nos pormos a analisar discursos, [...] era preciso construir para nós mesmos um aporte metodológico, no qual nossa concepção de discurso tivesse uma formulação muito particular: discurso como algo que ultrapassa a simples referência a “coisas”, como algo que existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, e que não pode ser entendido como mera “expressão” de algo. Enfim discurso como um conjunto de enunciados com regularidades intrínsecas a ele mesmo, por meio das quais poderia ser possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. (FISCHER, 2012, p. 16).

Considerando que nossa pesquisa tem o objetivo de problematizar uma produção discursiva acerca do *emagrecimento*, que constitui um modo de ser, é importante nos remetermos a pensar sobre a forma como os discursos produzem sujeitos. Foucault trata os discursos “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2008a, p.55). No trecho acima, Fischer (2012) fala também sobre as práticas, que estão sempre imbricadas em alguma relação, ela explica que “as práticas não existem fora dos discursos” e que não é possível “dizer que as coisas não sejam práticas, que as coisas ‘não existam’”. Trata-se sempre de práticas, inclusive e principalmente quando se fala de discursos” (FISCHER, 2012, p. 39) [grifos da autora]. Assim, entendemos que somos recorrentemente subjetivados, de algum modo, nas práticas discursivas, que vão nos produzindo, nos constituindo enquanto sujeitos.

Nessa perspectiva, para que possamos de algum modo compreender como vimos nos produzindo enquanto sujeitos desta sociedade ocidental, moderna e contemporânea, precisamos atentar para o entendimento do filósofo Michel Foucault sobre sujeito. Ele se ocupou em seus estudos em tentar entender como nos tornamos aquilo que somos, Foucault (1995), olhando para os “diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 231). Assim, segundo o filósofo, vivemos subjetivados e engajados em relações de poder e saber. Nessa perspectiva, o sujeito é fabricado, é inventado, é alguém que está assujeitado a si mesmo ou a outro. O sujeito não está preso a uma identidade fixa, ele produz e é produzido pelas e nas relações de poder, podendo exercer diferentes posições conforme o momento e a situação. Segundo Foucault “[...] há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade, por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a.” (FOUCAULT, 1995, p.235).

Assim, importa compreender, também, que “viver em sociedade é, de qualquer maneira, viver de modo que seja possível a alguns agirem sobre a ação dos outros. Uma sociedade ‘sem relações de poder’ só pode ser uma abstração” (FOUCAULT, 1995, p.245) [grifos do autor]. Ou seja, as relações de poder são uma tentativa de domínio da ação de um sobre a ação do outro, podendo haver inversão. Nessa perspectiva, quando olhamos para o nosso material empírico, percebemos que a revista *AnaMaria* se utiliza de várias estratégias de poder, nos incitando em

suas enunciações para que sejamos cada vez mais disciplinados e conduzidos. Um poder que é sutil, que nos interpela e nos subjetiva, quando adquirimos os exemplares semanais e reproduzimos nas nossas práticas diárias alguma dieta, por exemplo. São modos de ser e de viver que nos estão sendo ensinados nas reportagens. Porém, ao consumirmos os conteúdos veiculados fazemos isso por escolha própria, somos convidados, interpelados a participar de determinada construção discursiva, não por sermos ingênuos, mas sim porque há uma forma de poder funcionando nas relações sociais que conduzem, de algum modo, as nossas condutas.

A "conduta" é, ao mesmo tempo, o ato de "conduzir" os outros (segundo mecanismos de coerção mais ou menos estritos) e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades. O exercício do poder consiste em "conduzir condutas" e em ordenar a probabilidade. O poder, no fundo, é menos da ordem do afrontamento entre dois adversários, ou do vínculo de um com relação ao outro, do que da ordem do "governo". Devemos deixar para este termo a significação bastante ampla [...] Ele não se referia apenas às estruturas políticas e à gestão dos grupos: governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias, dos doentes. Ele não recobria apenas formas instituídas e legítimas de sujeição política ou econômica; mas modos de ação mais ou menos refletidos e calculados, porém todos destinados a agir sobre as possibilidades de ação dos outros indivíduos. Governar, nesse sentido, é estruturar o eventual campo de ação dos outros. (FOUCAULT, 1995, p.243-244) [grifos do autor]

Desse modo, somos atravessados e construídos pelas e nas relações de poder que por nós perpassam e que compõem o corpo social do qual fazemos parte. Segundo Veiga-Neto (2014), Foucault não tomou o poder como seu objeto principal de estudo, mas através dele buscou compreender de que modo nos subjetivamos engendrados em suas redes. Assim, numa perspectiva foucaultiana, o poder é produtivo, positivo e oportuniza saberes, diferente de uma ideia de poder opressivo e violento. O poder funciona a partir de relações de força, está situado na tentativa de uns dominarem a ação dos outros.

Além disso, numa perspectiva foucaultiana, refuta-se o entendimento de um poder palpável ou, ainda, passível de ser conquistado em decorrência de acumulação de capital. Foi o que Oksala (2011) compreendeu como "economicismo dessas teorias", algumas vertentes de pensamento compreendem o poder como uma espécie de mercadoria, um poder negociável. Porém, para Foucault (2010), o poder funciona em cadeia, os indivíduos ocupam diferentes posições de sujeito, de acordo com o contexto em que estão inseridos. Ocupamos diferentes posições nesses jogos, exercemos poder ou somos seu alvo, assim, dá-se a microfísica do

poder perpassando e circulando através do corpo social.

Dessa maneira, podemos compreender que, conforme Foucault (1995) o poder só existe porque os indivíduos se relacionam com seus pares, em vários âmbitos de suas vidas. Nessa perspectiva, compreendendo o poder como uma engrenagem em pleno funcionamento na sociedade, entendemos que alguns de seus efeitos manifestam-se em nossos corpos. O corpo, neste estudo, é entendido como construção cultural e social. Segundo Oksala (2011) nossos corpos são esculpidos pelas nossas rotinas, são deturpados pelo que nos alimentamos e pelos princípios que seguimos. Nossos corpos “[...] só existem em sociedade. São moldados por normas de saúde, gênero e beleza, por exemplo. São concretamente moldados por dieta, exercícios e intervenções médicas. Em suma, eles também têm uma história”. (OKSALA, 2011, p. 68).

Nessa correnteza, tendo em vista que nosso corpo é moldado e esculpido no seio da sociedade, vimos percebendo que existe reverberando no corpo social uma espécie de padronização estética e, esse modelo, também é construído discursiva e culturalmente. Porém, somos interpelados das mais diversas formas, pelos artefatos midiáticos, por exemplo, e acabamos subjetivados, de algum modo, a perseguir a conquista ou a manutenção de um corpo *magro*. Compreendemos que quando somos incitados a viver de um modo, quando somos subjetivados por redes que produzem discursos, as relações de poder se exercem, atuando como uma forma de governo dos nossos corpos.

Desse modo, há um grande apelo midiático voltado ao *emagrecimento* da população, a exemplo disso podemos encontrar na revista *AnaMaria* semanalmente uma receita diferente que nos ensina como *emagrecer*. Nas novelas, filmes, seriados, comumente podemos verificar que as personagens principais vestem um estereótipo condizente com padrões vigentes. Capas de revista, comerciais de produtos e serviços, *outdoors*, etc., nos mais variados ambientes por onde circulamos vemos estampados sorrisos alegres provenientes de modelos bem vestidos, detentores de corpos esguios, *magros* e bem torneados. Somos convidados a consumir estilos de vida pautados em várias regras, mas o que parece estar mais latente, atualmente, são aquelas voltadas para a produção de corpos *magros* e saudáveis.

Mas além dos recorrentes apelos midiáticos, existem outras estratégias de captura que nos persuadem para as questões de cuidados com o corpo e a saúde.

Há uma rede discursiva em torno dessas questões que se articulam, se fortalecem, funcionam em auxílio. Recentemente, encontramos publicadas duas pesquisas que entendemos ser significativo articular a nossa discussão, pois tratam-se de dados estatísticos¹¹, legitimados pelos saberes da ciência, que têm como objetivo alertar a população para uma necessidade de *emagrecimento* de cunho patológico. Uma delas foi uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde, onde a chamada para o texto completo era: “Pesquisa revela que 51% da população brasileira está acima do peso¹²”. A outra está disponível no *site* da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica, e é intitulada “Pesquisa Nacional de Saúde¹³”, foi realizada com o incentivo do Ministério da Saúde, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Abaixo um excerto extraído do texto completo:

Quanto à análise do excesso de peso da população adulta, estratificada por grupos de idade, estimou-se que **mais da metade da população apresentou excesso de peso (56,9 %)**, ou seja, cerca de 82 milhões de pessoas apresentaram o IMC¹⁴ igual ou maior do que 25 kg/m². [grifos nossos]

Importante, porém, demarcar, que estamos entendendo a obesidade, a *magreza* e quaisquer estereótipos corpóreos, como fabricações. Compreendemos, nessa correnteza, a norma “como um grande guarda-chuva que abriga tudo e todos, classificando-os, hierarquizando-os, dividindo-os em grupos por semelhanças entre si” (SILVA e HENNING, 2014, p. 849). Desse modo, na medida em que um sujeito, de algum modo, escapa de uma norma vigente ele logo estará capturado por outra e todas elas são produzidas e fabricadas discursivamente.

¹¹ Estamos entendendo neste estudo a estatística como um saber muito potente e capaz de produzir uma certa realidade, pois, os dados numéricos comumente são utilizados para legitimar os discursos científicos, medindo, calculando, antecipando, diagnosticando a realidade, visando assim um gerenciamento e governamento das condutas dos sujeitos.

¹² Portal Brasil: Obesidade atinge mais da metade da população brasileira, aponta estudo. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2013/08/obesidade-atinge-mais-da-metade-da-populacao-brasileira-aponta-estudo>> Acesso em: 21 de Setembro de 2017.

¹³ Pesquisa nacional de saúde 2013: ciclos de vida. Brasil e grandes regiões / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 92 p. Disponível em: <www.abeso.org.br/uploads/downloads/102/59496C2f9561d.pdf> Acesso em: 21 de Setembro de 2017.

¹⁴ Importante ressaltar que IMC, na perspectiva do estudo elaborado pelo IBGE, é a sigla para o Índice de Massa Corporal, sendo uma medida de massa calculada a partir dos valores de peso e altura dos sujeitos. Esse índice é reconhecido pela organização Mundial da Saúde, e, determina que com IMC abaixo de 25 kg/m² a pessoa é considerada magra, de 25 kg/m² a 30 kg/m² tem sobrepeso e superior a 30 kg/m² o sujeito é obeso.

Nessa perspectiva, na sociedade contemporânea em que vivemos, o poder se exerce profundamente a partir de discursos que tomam força de verdade e circulam como verdadeiros. O que nos parece, a partir do que estamos analisando nesse estudo, é que há um discurso de *emagrecimento* reverberando e tomando força de verdade na sociedade contemporânea. Nas pesquisas mencionadas anteriormente podemos perceber que existem dados estatísticos, legitimando um discurso científico que aponta para a obesidade como uma patologia. Nessas pesquisas, parecem existir enunciações que formam uma rede discursiva articulando dados estatísticos com ações no campo da prevenção e da medicalização de doenças. Essas estratégias podem ser compreendidas como estratégias biopolíticas para a ação de mecanismos do biopoder.

Entendemos que as biopolíticas são políticas da vida e podem ser entendidas como estratégias de fazer viver a população e deixá-la morrer somente em última instância. Essas estratégias biopolíticas estão situadas em uma forma de regulação e de controle da população, são políticas sobre a vida que só funcionam em sociedades disciplinadas e bem regulamentadas. Desse modo, o biopoder, na correnteza dos estudos foucaultianos, pode ser considerado um elemento da governamentalidade, que se utiliza de tecnologias disciplinares e regulamentadoras para implementar estratégias que viabilizem a vida em sociedade.

Assim, o biopoder pode ser entendido como protetor da vida, por ser uma tecnologia de poder que incide sobre a coletividade, ou seja, está situado em oportunizar que os sujeitos vivam por muito mais tempo e da melhor forma possível. No entanto, é importante atentarmos para o fato de que não existe um governo benevolente que preza por nossa saúde e nosso bem estar social, o que acontece é que somos parte de uma lógica neoliberal de organização social e que somos governados a vivermos mais e melhor para que sejamos cada vez mais eficientes e produtivos, garantindo a manutenção da sociedade em que vivemos. Conforme Veiga-Neto (2014) para Foucault o biopoder, que teve sua emergência principalmente a partir do final do século XVIII, pode ser caracterizado como uma tecnologia que atua sobre a população e, que nessa perspectiva, população pode ser entendida por um corpo múltiplo, “com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e de *habitat*.” (FOUCAULT, 2017, p. 28).

Concomitantemente à emergência dessa tecnologia de poder, também emergem técnicas de gerenciamento e de governo das populações visando não só controlar, gerir, numerar, estatizar, como também prevenir esse corpo múltiplo de possíveis riscos e, também, de regulamentar a população e de aproximá-la o máximo possível de uma certa padronização, onde a recorrência das características compõem categorias. Assim, estando todos categorizados e hierarquizados torna-se possível perceber as discrepâncias e atacá-las, buscando a correção e a máxima aproximação do diferente, do discrepante, para o todo populacional. Devido a essa lógica de organização social foram implementados alguns métodos para que se oportunizasse conhecer cada vez mais essa população, e, com isso, eclodiram novos saberes, a exemplo da Estatística, da Medicina Social, de Estudos Demográficos, entre outros.

Importante demarcar que estratégias biopolíticas, da ordem da prevenção e da medicalização da sociedade viabilizam a ação do biopoder e são investidas para o controle, para a prevenção e para a regulamentação do corpo populacional, no entanto, somente uma sociedade disciplinada e capturada por mecanismos de docilização, permitirá a ação do biopoder. Conforme Veiga-Neto (2014) o biopoder age por meio de mecanismos regulamentadores na esfera populacional e o poder disciplinar age na esfera do corpo por meio de mecanismos disciplinares, assim, as esferas disciplinares e regulamentadoras complementam-se, as tecnologias de poder funcionam imbricadas em uma grande engrenagem, garantindo o funcionamento da nossa sociedade.

Um exemplo que podemos mencionar a esse respeito é o das campanhas de vacinação. A vacinação nada mais é do que uma estratégia biopolítica, da ordem da prevenção de doenças, que busca atingir o maior número possível de sujeitos e, por sua vez, regulamentá-los.

Os idosos, para acompanharem o universo de práticas e condutas que lhe são impostas nos dias de hoje como por exemplo, as campanhas de vacinação, precisam estar com seus corpos disciplinados a ponto de serem capturados e conduzidos para determinadas práticas. (GIUSTI, 2015, p. 58)

Nesse contexto, é viabilizada a ação do biopoder sobre o corpo social, pois somos subjetivados, incitados a nos vacinarmos, porém, não somos obrigados a comparecer nos postos de vacinação, vamos até lá procurar as doses das vacinas

por nossa própria vontade¹⁵, pois somos docilizados, disciplinados, obedientes, porque fazemos parte de uma rede de poder, ou em outras palavras, por que somos governamentalizáveis. Nesse exemplo, percebemos tecnologias disciplinares e regulamentadoras funcionando conjuntamente. “Pode-se mesmo dizer que, na maioria dos casos, [...] os mecanismos disciplinares do corpo e os mecanismos regulamentadores da população, são articulados um com o outro”. (FOUCAULT, 2010, p. 211).

Segundo Foucault (2010) incontáveis relações de poder produzem o corpo social, nessa perspectiva, na nossa pesquisa compreendemos a manifestação de relações de poder quando olhamos para nosso material empírico e percebemos que o poder sutilmente se exerce na revista *AnaMaria* nos subjetivando pelos discursos que por ela perpassam e que nos capturam, a adotarmos certas práticas em nossas rotinas diárias, motivados por uma promessa de *emagrecimento*. Mas além disso, também percebemos relações de poder funcionando quando a ciência, que é a voz autorizada para proferir saberes médicos, legitima um discurso que patologiza uma população obesa. Importante destacar que também somos subjetivados por nós mesmos, quando submetemos nossos próprios corpos a determinadas práticas e intervenções. Assim, percebemos, com as inquietações motivadas por Michel Foucault, o quanto temos nossos corpos conduzidos às ações de funcionamento das tecnologias de poder e nas diferentes relações que estabelecemos com os outros ou conosco mesmo

Assim, então, colocamo-nos a pensar sobre o quanto nos subjetivamos por uma rede discursiva e tomamos certos ditos como verdadeiros. Será que nós olhamos com desconfiança para alguns desses discursos cientificamente legitimados? A exemplo dessa problematização vemos, na atualidade, pesquisas que relatam que alguns grupos alimentares são saudáveis e, com isso, passamos a consumi-los, porém há pouco tempo atrás não utilizávamos em nossas dietas tais alimentos, pois haviam pesquisas que demonstravam dados que comprovavam que os mesmos trariam efeitos nocivos para a nossa saúde. Desse modo, as relações de poder “não podem dissociar-se, nem se estabelecer, nem funcionar, sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro” (FOUCAULT, 2010, p.22). Nessa correnteza, a circulação de discursos

¹⁵ Importante ressaltar que o termo “vontade” está sendo tomado no contexto dessa pesquisa numa perspectiva foucaultiana, desse modo, é, também, uma fabricação discursiva.

tomados como verdadeiros subjetivam os sujeitos, que passam a viver e a compreender o mundo de uma maneira e não de outra.

Dessa forma, estamos constantemente nos confrontando com verdades fabricadas em um determinado contexto histórico, político e social. Verdades que entram na ordem do verdadeiro e que são consideradas por muitos de nós inquestionáveis, naturalizadas e, recorrentemente reproduzidas em nossas práticas. É nessa perspectiva que o poder funciona, vamos sendo subjetivados em redes discursivas, como as operacionalizadas pelos artefatos midiáticos, por exemplo.

Nessa correnteza, compreendemos que o pensamento do filósofo Michel Foucault nos possibilita olharmos para o mundo no qual estamos inseridos de uma forma diferente. Já não é mais possível acreditarmos em tudo o que nos é informado o tempo todo por essas redes discursivas. Entendemos que existem possíveis linhas de fuga, que nos permitem resistir a algumas práticas ditas hegemônicas. Para tanto, é necessário que tenhamos entendimento que esses ditos totalizadores e universais foram inventados em um dado momento, e que podem ser reinventados.

Quando olhamos para o nosso entorno percebemos que há, na mídia contemporânea, uma produção discursiva que faz algumas afirmações que têm sido naturalizadas na nossa sociedade. A exemplo disso, podemos vislumbrar estereótipos e biotipos padronizados, que foram inventados em um dado momento da nossa história e que reverberam até nossos dias, de uma forma tão potente que acabamos reproduzindo nas nossas práticas certos comportamentos voltados à busca por atingirmos alguns padrões. Então, nessa pesquisa, temos nos perguntado como um discurso de *emagrecimento* tem tido uma força tão hegemônica que tem capturado tantos sujeitos? Percebemos que os sujeitos ditos gordos têm estado à margem de uma norma inventada. Temos observado o quanto esse mundo em que vivemos foi construído para ser habitado por uma população dita *magra*. Quando vamos ao *shopping*, por exemplo, nos deparamos com uma infinidade de opções de consumo voltadas aos sujeitos que pertencem ao padrão estético vigente, ao passo que em uma gama enorme de possibilidades, encontramos apenas algumas lojas ou algumas seções voltadas ao manequim *plus size*¹⁶.

¹⁶ *Plus size* é o termo contemporâneo utilizado para fazer menção à moda das pessoas que se encontram “acima do peso”. Considerando que esse “estar acima do peso” também é uma fabricação discursiva, que rotula sujeitos. Além disso, compreendemos que a existência de um tipo de manequim *plus size* é uma forma de atualização de uma norma que versa sobre corpos *magros*, tentando atingir essa parte da população que se encontrava à margem.

Outro aspecto que tem nos chamado atenção são os transportes coletivos, podemos observar a dificuldade dos obesos na utilização das funções básicas nesses locais, percebemos que os assentos disponíveis, catracas e corredores são apertados, além disso, podemos lembrar dos aviões, assentos e sanitários, fabricados para sujeitos “normais”, onde novamente obesos ficam à margem. Nessa perspectiva, é importante percebermos o quanto a obesidade atualmente tem sido tratada como uma patologia, uma anormalidade, que requer medicalização e cura:

O exercício moderno do poder é, para Foucault, fundamentalmente da ordem da normalização dos indivíduos e das populações. [...] As sociedades modernas estão submetidas a um processo contínuo e indefinido de medicalização. As condutas, os comportamentos, o corpo humano, a partir do século XVIII, integram-se a um sistema de funcionamento da medicina que é cada vez mais vasto e que vai muito mais além da questão das enfermidades. O termo “medicalização” faz referência a esse processo que se caracteriza pela função política da medicina e pela extensão indefinida e sem limites da intervenção do saber médico. (CASTRO, 2016, p. 299)

Nesse contexto, o sujeito gordo, obeso, acima do peso, no viés dessa pesquisa, é um sujeito que nos parece possível de ser considerado um “anormal”. Nessa perspectiva, estamos compreendendo a partir dos estudos de Foucault, esse sujeito dito “anormal” como alguém que é diferente do dito “normal”, pois sendo eles comparados, o dito anormal tem características díspares daqueles ditos normais. Importante ressaltar, nesse contexto, o quanto em nossa sociedade vivemos categorizando, hierarquizando, numerando e rotulando as pessoas. Nesse sentido, existem saberes que legitimam e tornam com efeito de verdade teorizações que versam sobre padrões, corpóreos por exemplo, balizados por dados estatísticos que fabricam realidades e oportunizam comparações entre os sujeitos. “A partilha do normal e do anormal designa o limiar no qual, na relação entre o ser vivo e o seu meio, o ponto de equilíbrio é rompido, tendo-se o desvio dos desempenhos e das exigências tornado demasiado importante.” (EWALD, 1993, p. 117)

Nesse sentido, o “anormal” é “[...] um incorrigível, que terá de ser colocado em um meio de correção apropriado” (CASTRO, 2016, p. 33). Nessa perspectiva, podemos articular essa dita anormalidade ao advento das cirurgias bariátricas, como um exemplo bem contemporâneo do quanto a obesidade tem sido pensada e medicada como uma patologia. Ou seja, essa cirurgia seria uma forma de medicalização e de correção em praticamente última instância, do sujeito dito gordo, com o objetivo de aproximá-lo cada vez mais da norma em voga, que neste viés, versa sobre um sujeito dotado de um corpo *magro* e esteticamente condizente com

os padrões vigentes. O sujeito gordo está sendo considerado incorrigível, no contexto deste exemplo, na medida em que as modalidades possíveis de disciplinamento, controle e regulação falharam e o sujeito permanece à margem de uma norma estipulada social e culturalmente, que determina índices que mensuram e estabelecem padronizações.

Isto posto, compreendemos a importância de nos debruçarmos sobre o conceito de norma em Michel Foucault, entendendo que somos parte de uma sociedade de normalização que fabrica padrões que capturam os sujeitos, os incitando a viver de um modo e não de outro.

O que é, pois, uma norma? Uma maneira de um grupo se dotar de uma *medida comum* segundo um rigoroso princípio de auto referência, [...]. A norma designa uma regra de juízo. É uma maneira de ordenar multiplicidades, de as articular, de as relacionar consigo mesmas segundo um princípio de pura referência a si. [...] A norma igualiza; torna cada indivíduo comparável a cada outro; fornece a medida. (EWALD, 1993, p. 108-109) [grifo do autor]

A norma é uma forma de poder que se exerce sobre a população e o que a caracteriza é “uma maneira de o poder refletir as suas estratégias e definir seus objetos. [...] aquilo que faz que a ‘vida’ possa ser objeto de poder e o tipo de poder que toma a seu cargo a ‘vida’”. (EWALD, 1993, p.78) [grifos do autor]. Nesse contexto, é importante ressaltar o quanto nos parece significativo e atual pensarmos sobre a existência de estratégias biopolíticas empreendidas sobre o corpo social, como uma forma de governo das condutas dos sujeitos, a fim de prolongar e fazer viver da melhor maneira possível os indivíduos da sociedade em que vivemos. Nesse contexto, sendo a obesidade compreendida como uma forma de adoecimento da população, estipulam-se patamares “aceitos” no que tange à gordura corporal e os sujeitos são incitados, a partir dos discursos que por eles perpassam, a persegui-los.

Nessa perspectiva, o dito gordo está fora de uma norma fabricada e vive persuadido, convidado a “entrar em forma”. Através dos mais diversos meios de comunicação vemos proliferada uma ideia que subjuga o sujeito dito gordo e o compara e o qualifica como alguém que é considerado pelo senso comum como um sujeito despreocupado com seus cuidados pessoais, esse sujeito tem sido percebido como alguém que não tem força de vontade para encarar uma jornada de exercícios físicos regularmente e, que, além disso, não tem disciplina e nem autocontrole para comer apenas aqueles alimentos ditos saudáveis e em quantidades suficientes para

a manutenção de suas funções vitais. O dito gordo é visto como compulsivo, preguiçoso, feio, fraco, desleixado, entre outros tantos adjetivos que têm sido atribuídos a esses sujeitos. Mas como será que essas concepções em relação à *magreza* e à gordura foram sendo produzidas ao longo dos anos em nossa sociedade?

Quando problematizamos o que está naturalizado, quando desconfiamos do que esteve desde sempre ali inquestionavelmente, percebemos que existem alguns ditos com uma enorme força de verdade reverberando ao nosso entorno por todos os ambientes por onde circulamos. Quando nos colocamos a pensar sobre um discurso de *emagrecimento* tão latente no nosso material empírico e também nas outras mídias que nos interpelam o tempo todo, podemos ver que essa urgência de que a população seja *magra* foi inventada, não nos dedicamos aqui a estudar as condições de emergência para a constituição de uma população dita magra, porém compreendemos que se há uma fabricação de discurso, podemos escapar, resistir, questionar, problematizar...

Suponhamos, nessa correnteza, conforme Foucault (2008b), que os ditos universais não existam. Nessa perspectiva, o que interessava para Foucault em seus estudos não era mostrar se um dito era verdadeiro ou falso, mas sim encontrar na história qual o regime de veridicação oportunizava que “uma coisa que não existe possa ter se tornado uma coisa” ou seja, “um conjunto de práticas, e de práticas reais, que estabeleceu isso, e, por isso, o marca imperiosamente como real.” (FOUCAULT, 2008b, p.27). Nesse sentido, importante trazermos as palavras do autor, para tentarmos compreender como se dá o seu entendimento sobre o método de veridicação:

O objeto de todos esses empreendimentos [...] é mostrar como o par “série de práticas/regime de verdade” forma um dispositivo de saber-poder que marca efetivamente no real o que não existe e submete-o legitimamente à demarcação do verdadeiro e do falso. (FOUCAULT, 2008b, p. 27) [grifos do autor]

Nessa perspectiva, é importante ressaltarmos que essa é uma questão de método muito importante, pela qual somos atravessadas nessa investigação, pois quando colocamos em suspenso algumas verdades universais e totalizadoras compreendemos que existem outros modos de compreender o mundo. Assim, nossas análises e problematizações se situam no nível do dito, não procuramos encontrar uma verdade oculta, não nos posicionamos contra ou a favor das

discursividades, sejam elas sobre o corpo *magro* ou sobre o corpo gordo. Nos interessa, sim, investigar quais os efeitos de verdade produzidos pelos discursos, tendo em vista eles são fabricados pelas e nas redes discursivas que reverberam na sociedade. “Digamos que o que permite tornar inteligível o real é mostrar simplesmente que ele foi possível” (FOUCAULT, 2008b, p. 47). É importante ainda demarcar que as verdades são construídas, fabricadas e entram em um regime de verificação aceito como verdadeiro por cada um de nós, a partir das relações de poder em que estamos engendrados na sociedade em que vivemos.

Desse modo, ao problematizarmos produções discursivas que tomamos como verdadeiras, podemos pensar sobre algumas possibilidades de resistência existentes. Neste estudo, nos colocamos a tensionar um discurso de *emagrecimento*, a pensar nos efeitos de verdade que são produzidos a partir desse discurso. Assim, uma possibilidade de resistência dessa perspectiva parece ser tentar escapar dos ditos hegemônicos, e compreender que não existe um modo mais correto de se viver. Assim, pensar o mundo com base nos estudos deixados por Michel Foucault nos possibilita que consigamos olhar não só para o nosso material empírico, para nosso objeto de pesquisa, mas para os tantos outros discursos que perpassam pelos ambientes por onde circulamos de forma questionadora. Assim, no próximo capítulo apresentamos as análises do material empírico, articulando algumas enunciações extraídas da revista *AnaMaria*, bem como de outros artefatos midiáticos, com alguns conceitos foucaultianos tomados como ferramentas analíticas. Mostramos que existe um discurso de *emagrecimento* operando na mídia, que funciona atrelado a outros discursos, especialmente os da ciência e da saúde, provocando efeitos subjetivantes que atravessam os corpos e dos sujeitos. Além disso, demarcamos o caráter prescritivo das abordagens das reportagens da revista, especificidade esta que também está em outros artefatos midiáticos contemporâneos. Desse modo, compreendemos que o modo como os textos midiáticos são elaborados proporcionam uma forma de interlocução com os leitores que se configuram como uma espécie de manual de condução das suas condutas. Nessa perspectiva, observamos que a mídia fabrica um discurso de *emagrecimento*, que funciona apoiado em outros discursos e, que, os sujeitos convencidos da “necessidade” de manterem-se ou tornarem-se *magros* têm à disposição um arsenal de prescrições possíveis de serem seguidas. Tais manuais estão disponíveis nos mais diversos veículos de comunicação, e nos incitam para que insiramos em

nossas rotinas algumas práticas ditas saudáveis, com a promessa do *emagrecimento*, saúde, inteligência, beleza e longevidade.

4. A PALAVRA DE ORDEM É: EMAGREÇA!

Neste capítulo vamos discorrer acerca da operacionalização das análises do material empírico, articulando algumas discursividades que foram extraídas das trinta e uma reportagens da seção “Dieta” da revista semanal *AnaMaria*, que compõem nosso *corpus*, com alguns conceitos do filósofo francês Michel Foucault, os quais estamos tomando como ferramentas analíticas. Nosso objetivo de pesquisa é problematizar o *emagrecimento* em discurso, colocando sob suspeita alguns ditos hegemônicos que aparecem na revista *AnaMaria*, mas que também reverberam em outros artefatos midiáticos contemporâneos. Tais ditos versam sobre questões relacionadas ao corpo, porém não se trata de qualquer corpo, mas sim aquele que parece ser o grande modelo estético vigente na atualidade: um corpo *magro*. Compreendemos a relevância deste capítulo quando nos colocamos a pensar de que modo pode se dar pela e na mídia a fabricação de um corpo.

Intitulamos esse capítulo de “a palavra de ordem é: EMAGREÇA!”, mas antes de nos debruçarmos nas articulações que permeiam este trecho da dissertação é importante demarcarmos essa “palavra de ordem”... Ao longo desta pesquisa temos nos deparado com inúmeras enunciações que versam sobre uma espécie de “dever” que temos conosco mesmos, acerca da necessidade de adquirirmos ou de mantermos um corpo *magro*, esguio, saudável, belo, inteligente, longínquo. Recorrências discursivas perfazem ditos emblemáticos que circulam pela e na mídia, não só nos convidando a adquirirmos tal corpo, mas também ratificando informações balizadas por vários campos de saber, que tomam força de verdade neste tempo em que vivemos e que poucos de nós ousaríamos questionar sua “veracidade”. Independente da dieta que esteja prescrita na revista *AnaMaria*, da prática ensinada no *Instagram* da musa *fitness*, ou dos estudos apresentados em programas de televisão sobre alimentação dita saudável, entre outros tantos exemplos possíveis, somos convidados a participar desta ordem discursiva que nos dita regras de o que fazer para *emagrecer!*

Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é ‘necessário’ pensar, reter, esperar, etc. A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas – o que é bastante diferente – transmissão de palavras de ordem, [...] (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 16-17, *apud* GOMES, 2003, p. 65) [grifo da autora]

Assim, na perspectiva dos estudos realizados por Gomes (2003) o que está na mídia se torna realidade, pois não há como negar sua força e produtividade no nosso cotidiano e a forma intensa como faz parte de nossas vidas. Mas de que modo que o que está na mídia se torna realidade? Pensemos sobre nossas práticas mais corriqueiras de nossas rotinas diárias e observemos o quanto somos interpelados por uma gama incontável de discursividades midiáticas que nos ensinam modos de ser e de estar neste mundo. E dessas tantas informações que consumimos, quantas remetem ao fato da “necessidade” de *emagrecimento* dos nossos corpos? Nas rodas de conversas despreziosas que vivenciamos, quantas vezes ouvimos alguém mencionar que “precisa *emagrecer*”? E nas novelas, quantas vezes vemos a personagem de destaque vestindo um estereótipo diferente do padrão vigente (*magro*)? E nos desenhos animados, como são os corpos da maioria das princesas que encontram seus príncipes e vivem felizes para sempre? Nas passarelas tradicionais, que corpos vestem hegemonicamente as modelos? Não seria a mídia uma espécie de tecnologia de controle conduzindo nossas condutas? “Trocando em miúdos, uma palavra pode funcionar como *dispositivo disciplinar*, educando na configuração por ela oferecida e nas articulações que deriva desta configuração.” (GOMES, 2003, p. 67).

Ainda que questões de diversidade atravessem nosso seio social e nos ensinem que temos de aceitar nossos corpos e vivermos felizes como somos. Ainda que presenciemos alguns movimentos de resistência que oportunizam certos lugares de visibilidade para os sujeitos “à margem” da norma vigente. Ou, ainda, que em função de uma organização social balizada por uma sociedade de consumo em que todos “precisamos” consumir, nos deparemos com a visibilidade de alguns manequins *plus size*¹⁷, por exemplo. Ainda assim parece que neste contexto histórico e social em que vivemos, mesmo com a emergência de alguns deslocamentos em relação a padrões corpóreos, decorrentes de inúmeras condições de possibilidade, o que vemos disseminado pela e na mídia, é a reafirmação da “necessidade” do *emagrecimento*.

Assim, ao nos depararmos com a palavra *emagreça* e com todas as articulações possíveis no que tange a ela, apresentadas pela e na mídia, consideramos nessa pesquisa que ela é a “palavra de ordem”, que parece ser a

¹⁷ Traduzindo do inglês para o português “tamanho maior”.

peça central para o entendimento das análises que apresentamos ao longo deste capítulo. Se a palavra de ordem é *emagreça* então discursos são colocados em funcionamento, articulados a esse discurso de *emagrecimento*, mostrando sua produtividade bem como sua “veracidade” dentro desta ordem discursiva. Se a palavra de ordem é *emagreça*, medidas prescritivas podem ser encontradas nas reportagens da revista *AnaMaria*, mas também em outros tantos artefatos midiáticos contemporâneos. Se a palavra de ordem é *emagreça* “precisamos” estar convencidos de tal “necessidade” de *emagrecimento*, “precisamos” ser disciplinados e responder aos apelos midiáticos que nos chegam, então, “precisamos” que nossos corpos sejam subjetivados e subjetivantes. Se a palavra de ordem é *emagreça* como prerrogativa de uma vida mais saudável, longínqua, feliz e inteligente, “precisamos” então atender às expectativas de aquisição ou manutenção de um corpo *magro*, praticando atos que nos permitam tal conquista, corroborando, portanto não só para a manutenção como também da reafirmação dessa ordem discursiva.

Assim, para demarcar algumas articulações sobre as quais mencionamos nesta introdução, organizamos esse capítulo em duas seções. Na primeira delas nos debruçamos em mostrar o funcionamento do discurso de *emagrecimento*. Sabemos, no entanto, que um discurso não funciona sozinho, mas sim articulado com outros, por isso destacamos alguns excertos emblemáticos da revista *AnaMaria* e também de outros artefatos midiáticos contemporâneos, com eles mostramos a articulação desses discursos, especialmente o da ciência e o da saúde, que corroboram para que o discurso de *emagrecimento* permaneça reverberando e se reafirmando pela e na mídia.

Na segunda seção compreendemos que está uma importante pista da pesquisa, pois durante todo esse trabalho temos mostrado o quanto um discurso de *emagrecimento* funciona, nos subjetiva e nos incita para que tenhamos um modo de vida e não outro, pois assim seremos saudáveis, felizes, inteligentes, longevos, etc., estamos capturados por alguns discursos, somos constituídos por outros, fazemos parte desse mundo tão organizado a partir de verdades cientificamente legitimadas, então, de algum modo já estamos convencidos disso. Mas ainda assim permanecemos com dúvidas: mas o que “afinal” eu “devo” fazer para alcançar esse corpo *magro* “dos sonhos”? Ora! Consulte um manual, alguém responderia. Mas que manual seria esse? A resposta: o “manual para um corpo *magro*, saudável, feliz e inteligente”! Assim, na segunda parte deste capítulo, iremos mostrar o quanto a

seção “dieta” da revista *AnaMaria*, articulada com outros excertos retirados da mídia contemporânea, compõem uma espécie de manual de condução das condutas para que os sujeitos vivam um modo de ser *magro*, como prerrogativa de uma vida feliz, saudável e até mesmo inteligente.

4.1 Precisamos *emagrecer*: o autocontrole e a autorregulação do corpo e da mente dos sujeitos

A palavra de ordem é: *emagreça!* Mas será que precisamos *emagrecer*? Ao longo da elaboração desta pesquisa estivemos constantemente à espreita, seja observando os sujeitos com os quais convivemos, seja consumindo conteúdos midiáticos, modos de ser e de viver, seja numa simples caminhada no parque, ou seja, nas nossas práticas mais corriqueiras, estivemos ocupando uma posição de sujeito pesquisadoras. Nesse emaranhado de encontros e acontecimentos observamos que parece existir uma espécie de “epidemia da vontade de *emagrecer*”. Temos contato recorrentemente com uma ampla rede discursiva que nos incita a consumir um modo de ser *magro*, além disso, todos os dias alguém ao nosso entorno verbaliza que “precisa” *emagrecer*.

Como já anunciamos no capítulo 1, nosso objetivo de pesquisa é problematizar alguns ditos hegemônicos que reverberam pelos mais diversos ambientes de circulação social e que corroboram na fabricação de um padrão, que parece ser o modelo estético vigente na atualidade, onde os corpos “devem” ser *magros*. Compreendemos que existe uma fabricação discursiva sobre modos de ser e de viver na mídia contemporânea em geral, que por sua vez também é evidenciada em revistas femininas. Especialmente nas edições semanais da *AnaMaria*, temos nos inquietado com um discurso de *emagrecimento* que é reafirmado semanalmente e que convida as leitoras para que adotem em suas rotinas práticas voltadas ao *emagrecimento*.

Já tratamos do teor da revista também no capítulo 1 dessa dissertação, porém, consideramos importante reiterar que tomamos a revista como uma pedagogia cultural, que ensina, educa e fabrica sujeitos e subjetividades. Ela é um artefato midiático potente para ser utilizado como material empírico dessa pesquisa, pois atinge um público consideravelmente grande e apesar de existir uma seção chamada “Dieta”, que trata especificamente de questões relacionadas ao corpo, as

discursividades em relação ao *emagrecimento* aparecem imbricadas dentre outras temáticas, subjetivando, portanto, de forma sutil e convidativa. Além disso, a revista é composta por um conjunto de reportagens diversificado que compõe uma espécie de manual para o comportamento da mulher moderna, ensinando, portanto, modos de ser e de viver.

Realizamos o mapeamento do material empírico voltamos nossos esforços a colocar as enunciações em funcionamento, articulando-as a algumas ferramentas foucaultianas. Algumas recorrências discursivas nos provocaram inquietações e desconfortos nessa fase da pesquisa, dado que presumíamos que encontraríamos primordialmente ditos convidativos ao *emagrecimento* sob uma vertente estética. No entanto, apesar de termos encontrado algumas discursividades que versam sobre a beleza do corpo *magro*, fomos surpreendidas por um montante de enunciações que nos incitam a perseguirmos a obtenção e a manutenção deste corpo *magro* como prerrogativa de saúde e longevidade, em detrimento do argumento da beleza que supúnhamos encontrar majoritariamente.

[...] em lugar de dar fundamento ao que já existe, em lugar de reforçar com traços cheios de linhas esboçadas, em lugar de nos tranquilizarmos com esse retorno e essa confirmação final, em lugar de completar esse círculo feliz que anuncia, finalmente, após mil ardis e igual número de incertezas, que tudo se salvou, sejamos obrigados a continuar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habituados, em um terreno ainda não esquadrinhado e na direção de um final que não é fácil prever. (FOUCAULT, 2008a, p. 44)

Desse modo, como anunciamos, prevíamos uma certa comodidade, pois nos depararíamos com formações discursivas que nos remeteriam a padrões estéticos, situados na beleza como ponto alto das discursividades sobre o *emagrecimento*. Não existem previsões possíveis neste campo de estudos tão situado nas incertezas, principalmente antes de estarmos imersos nas formações discursivas que somente o próprio recorte do material empírico proporciona. Porém, ainda que tenhamos nossa forma de ver as coisas situada nos estudos foucaultianos, recusando os universais e tensionando o que está dado, pertencemos a um mundo organizado a partir de algumas verdades, por isso, por vezes buscamos certezas... Assim, observamos que em nosso recorte aparecem ditos que apelam para a consciência dos indivíduos, para que se autocontrolem, se autorregulem, para que coloquem em prática algumas medidas prescritas na revista, incitando-os a *emagrecerem* por motivos que estão muito além de um corpo belo, afinal, quem não almeja ter saúde, uma vida longa e ainda como consequência disso tudo ter um

corpo *magro*?

Existem nas reportagens imagens de corpos femininos ditos belos e condizentes com os padrões estéticos vigentes, porém seu foco está situado em legitimar cientificamente esse corpo *magro* como o padrão dito normal deste tempo, como uma urgência para que tenhamos saúde. Vemos que há perpassando por todas as reportagens, de modo potente, um discurso científico, da voz autorizada a falar sobre questões relacionadas ao corpo, e vemos também o quanto a voz da ciência é tomada como verdadeira. Observamos, nessa correnteza que existem imbricadas nas enunciações extraídas deste material uma ampla gama de estratégias biopolíticas que colocam em funcionamento, o biopoder, um poder sobre a vida, que nos subjetiva a vivermos cada vez mais e melhor, e, portanto, na perspectiva dos extratos nos quais nos debruçaremos, mais saudáveis e *magros*.

Desse modo, ao tensionarmos uma produção discursiva acerca da urgência do *emagrecimento* dos corpos dos sujeitos, estaremos a todo momento problematizando, assumindo uma posição de análise crítica a respeito das enunciações extraídas das reportagens e, desse modo, as colocando sob suspeita. Por isso, é importante demarcarmos de que modo estamos compreendendo o termo problematização:

Problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento. (FOUCAULT, 2004, p. 242)

Algumas discursividades reverberam na sociedade, em um dado momento histórico, e provocam efeitos que, muitas vezes, são assumidos pelos sujeitos e acabam funcionando como verdadeiros. Desse modo, há uma problemática existente que nos instiga na elaboração dessa pesquisa: os sujeitos na atualidade são recorrentemente convidados, a partir das mais diversas fontes de informação, a viverem um modo de ser que corrobore para a manutenção e/ou a obtenção de corpos *magros*. Não partimos nessa pesquisa de um objeto que não existe, estamos sim olhando para uma produção discursiva que tem funcionado como verdadeira e que se constitui como motivadora para alguns tensionamentos que consideramos importantes para pensarmos de que modo somos subjetivados pelos discursos que por nós perpassam.

Discurso, conforme Michel Foucault (2014a), é tudo aquilo que é visível e

enunciável e que é tomado pelos sujeitos como verdadeiro. Além disso, “[...] o discurso [...] é assumido a partir de uma ordem, a partir de um sistema de produção do discurso, a partir de princípios de controle, de seleção e exclusão que atuam sobre suas (re) produções de significados sobre práticas específicas.” (DÍAZ, 1998, p. 15). Nessa perspectiva, como falamos anteriormente, os discursos não funcionam isoladamente, desse modo, o discurso de *emagrecimento*, sobre o qual tratamos de problematizar nessa pesquisa, para que seja assumido como verídico pelos sujeitos, acaba se apoiando em outros discursos. Um deles muito forte neste material empírico é o discurso da ciência.

Apresentamos um bloco de enunciações extraído de uma das reportagens, demarcando algumas articulações do discurso científico ao de *emagrecimento*. A voz da ciência aparece ratificando a urgência do corpo *magro*, e, entrelaçam-se ainda apelos relacionados ao controle da mente dos sujeitos.

Enquanto o peso da balança aumenta, o seu QI (coeficiente de inteligência) diminui. É amiga, a realidade é dura, mas segundo cientistas de universidades americanas, é isso mesmo o que o excesso de gordura faz no cérebro. **Nada absurdo, mas sua capacidade de raciocínio diminui um pouco, sim. A explicação: a gordura saturada de origem animal atinge as artérias que alimentam o cérebro e se acumula nelas, entupindo-as.** “Esse processo afeta o hipocampo, região relacionada com a formação e o armazenamento da memória. Os neurônios murcham e provocam uma diminuição da agilidade, de concentração, de desempenho intelectual...” diz o pesquisador P. T.¹⁸, **professor de neurologia** na escola de medicina na U. da C. (EUA). E não é só a inteligência que perde com isso. O hipotálamo, área que controla a fome e a saciedade, sofre inflamação, **o que destrói os neurônios**. Resultado: **a pessoa não se sente mais saciada e come mais.** (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 18, Edição 1091) [grifos nossos]

A dieta que te deixa mais inteligente! Emagrecer é bom para o corpo, nós sabemos. Mas para a mente também! Pesquisas revelam que o excesso de gordura prejudica a memória e o raciocínio. (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 18 Edição 1091) [grifos nossos]

Gema de ovo **aumenta a concentração** e a produção de um neurotransmissor responsável pelas funções de memorização. Consuma até duas gemas todos os dias. (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 19, Edição 1091) [grifos nossos]

Inteligência pura. **A capacidade de memorização afetada pela gordura em excesso não é uma seqüela permanente – perder peso reverte o efeito**, ainda bem! (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 19, Edição 1091) [grifos nossos]

Nestas análises não estamos julgando o mérito das reportagens, estamos

¹⁸ Estamos utilizando neste trabalho apenas as abreviaturas dos nomes dos sujeitos, bem como das instituições a que estão vinculados, uma vez que nosso objetivo é o de problematizar os ditos que constam nas reportagens, não importando quem os profere.

olhando para o quanto os ditos que aparecem na revista, independente de por quem tenham sido proferidos, nos subjetivam para que persigamos um modo de viver e não outro. Assim, estamos olhando para os efeitos que tais formações discursivas produzem nos corpos e nas condutas dos sujeitos. “[...] são sempre o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas e cujas justificativas devem ser controladas”. (FOUCAULT, 2008a, p. 28).

Nas enunciações que destacamos podemos observar a existência de um apelo para a consciência dos indivíduos, relacionando questões fisiológicas, à dificuldade ao *emagrecimento*. Além disso, vemos que em uma das enunciações o autor do texto tem uma interlocução direta com as leitoras, chamando-as de “amiga”. Essa é uma prática utilizada pela revista *AnaMaria*, já que a sua missão é “ser a amiga que estimula, orienta e acolhe a mulher, ajudando-a a melhorar sua autoestima, seu convívio familiar e tornando sua vida mais prática e prazerosa”¹⁹. Desse modo, compreendemos que o diálogo entre a leitora e a revista fica estabelecido informalmente, como uma estratégia subjetivante e atraente. Afinal, qual a amiga que quer o mal da outra?

Ademais, embora enunciações da ordem do “emagreça e fique inteligente” não seja uma recorrência no material, e tenham sido extraídas de um mesmo exemplar da revista, compreendemos que fazem parte da ordem de uma regularidade discursiva do discurso de *emagrecimento*. Na obra “A arqueologia do saber”, Foucault (2008a) trata de problematizar as unidades, mostrando que elas são compostas por um emaranhado de entrecruzamentos que fazem parte de uma mesma ordem discursiva. Por isso, trazemos o próprio autor, a fim de justificarmos nossa escolha por discutirmos enunciações que não fazem parte de uma recorrência em diversificadas edições da revista, mas compõem o discurso de *emagrecimento*:

E que importância dar às cartas, às notas, às conversas relatadas, aos propósitos transcritos por seus ouvintes, enfim, a este imenso formigamento de vestígios verbais que um indivíduo deixa em torno de si, no momento de morrer, e que falam, em um entrecruzamento indefinido, tantas linguagens diferentes? [...] as inumeráveis cadernetas em que se misturam notas de lavanderia e projetos de aforismos. (FOUCAULT, 2008a, p. 26-27)

Assim, nosso olhar de pesquisadoras, não poderia deixar de registrar uma discursividade tão peculiar que parece provocar múltiplos efeitos. Nesta pesquisa,

¹⁹ Missão da revista *AnaMaria* extraída de sua página na rede social *Facebook*, disponível em: https://www.facebook.com/pg/revistaanamaria/about/?ref=page_internal, acesso em: 03 de agosto de 2018.

nos importamos em problematizar aquilo que nos salta aos olhos e que nos motiva a perseguir nosso problema, não estamos preocupadas com a quantidade de vezes que algum dito aparece nas reportagens, mas sim estamos preocupadas com a qualidade das nossas discussões, com o recheio do nosso texto. Nos interessamos em dar condições para as articulações de nosso pensamento com conceitos foucaultianos, bem como com o material sobre o qual estamos debruçadas, em decorrência daquilo que nos atravessa, e que nos provoca modificações intrínsecas.

Consideramos muito emblemático o teor da reportagem, ao relacionar a perda de peso com a capacidade de inteligência dos sujeitos. Existe uma convocação que versa sobre o autocontrole e à autorregulação da mente das leitoras, pois o fato de seus corpos estarem fora dos padrões estéticos vigentes, na correnteza da reportagem, está relacionado também à diminuição do QI (coeficiente de inteligência). Abaixo uma imagem extraída da mesma reportagem, nela podemos observar o quanto existem tecnologias de subjetivação que funcionam na revista, nos incitando de um modo sutil, porém eficaz, a adotarmos certas práticas *emagrecedoras* em nossas rotinas diárias.



Figura 3: Fonte Edição 1091 da revista AnaMaria

A enunciação e a imagem, no centro da reportagem, falam por si. A moça ilustrada veste um estereótipo diferente daquele do dito popular, situado em uma construção cultural que é reproduzida pelo e no senso comum, que atribui a “burrice” às mulheres loiras – “loira burra”. A “loira burra” já foi tema de uma música brasileira nos anos 90, de autoria do *rapper* Gabriel, o Pensador, além disso, encontramos na

revista Superinteressante uma matéria²⁰ intitulada “De onde vem o mito da loira burra?”, onde aparecem alguns atravessamentos históricos, que representam pontos de emergência para que esse dito popular tenha entrado na ordem do discursivo.

Na imagem destacada, a mulher inteligente, e *magra*, segura alguns vegetais e pensa: “a dieta te deixa mais inteligente”. Não há nada a ser revelado, interpretado ou desvelado nessa enunciação, existe sim uma relação entre o visível e o enunciável. A revista *AnaMaria*, assim como outras mídias contemporâneas, se configura como um espaço de visibilidade que propicia a proliferação de discursos relacionados ao contexto histórico, cultural e social em que se inserem. “Desse modo, os artefatos midiáticos instauram o visível e o enunciável, seja por imagens emblemáticas, seja por afirmações [...]” (GARRÉ e HENNING, 2015, p. 67). Assim, não houvessem discursividades que circulam pelos mais diversos espaços, reafirmando e reiterando a construção do senso comum, essa imagem talvez não nos remetesse a nada. O contexto histórico e social de uma época também é prerrogativa para a existência de uma rede discursiva ou de outra, pois no tempo e no espaço os discursos são atualizados, reatualizados e reinventados.

Tratar de visibilidades, na análise enunciativa proposta por Foucault, significa tratar dos espaços de enunciação de certos discursos [...] como é o caso da mídia, em sua relação com os vários poderes, saberes, instituições que nela falam. Nesse sentido, seria possível dizer que a mídia constitui um espaço de “visibilidade de visibilidades”; ela e suas práticas de produção e circulação de produtos culturais constituiriam uma espécie de reduplicação das visibilidades do nosso tempo. (FISCHER, 2012, p. 136-137) [grifos da autora]

Assim, neste regime de visibilidade em que vivemos, as enunciações que vemos circular pela e na mídia nos subjetivam e nos produzem enquanto sujeitos deste tempo. Quando falamos de uma relação entre o visível e o enunciável, estamos nos referindo a tantas recorrências discursivas com as quais nos deparamos diariamente em nossas rotinas e que, muitas vezes, não enunciam apenas com narrativas, mas sim e também com imagens. Essas imagens fazem parte de uma ordem discursiva a qual pertencemos, que têm significados fabricados culturalmente.

Nessa perspectiva, quando a ilustração mostra que a moça “inteligente” está buscando ter uma alimentação dita saudável, baseada em alimentos naturais, não é preciso que se explique que tais alimentos ilustrados são os ditos saudáveis, pois na

²⁰ Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/de-onde-vem-o-mito-da-loira-burra/>>; acesso em 23 de outubro de 2017.

ordem de significados e significantes a qual pertencemos, já estamos “convencidos” por outros tantos discursos (que também são fabricações discursivas deste tempo) que ratificam que alimentação natural é a base para a saúde. Desse modo, ciência, saúde, *emagrecimento* são discursos que funcionam imbricados, se reafirmam, tomam força de verdade e nos subjetivam.

Além disso, a imagem nessa ordem do visível e do enunciável, também remete inteligência a escolhas alimentares ditas saudáveis. Nessa perspectiva, cabe demarcar, que ainda que não seja o objetivo da reportagem de onde a ilustração foi extraída, existem no contexto histórico e social em que vivemos alguns rótulos atribuídos aos sujeitos “acima do peso”, e esse convite ao *emagrecimento* atrelado à inteligência parece nos remeter também a tais marcações. Desse modo, as pessoas ditas gordas são consideradas desleixadas, descuidadas, desprovidas de autoestima e, em analogia à imagem e à reportagem que destacamos, o *magro* é também, entre outros tantos predicados, o sujeito inteligente do nosso tempo.

Nos fragmentos destacados vemos ditos que articulam alimentação e inteligência, bem como capacidade de memorização. A reportagem nos incita para que persigamos a aquisição e/ou a manutenção de um corpo *magro*, como prerrogativa de bem-estar físico, disposição, esperteza e ainda remete ao fato de que para *emagrecer* é preciso ter disciplina. Assim, compreendemos que existem relações de poder funcionando de um modo produtor nas edições semanais da *AnaMaria*. Nesta reportagem, especialmente, vemos tecnologias disciplinares e regulamentadoras funcionando imbricadas e promovendo efeitos subjetivantes.

Subjetividade e relações de poder não se opõem: a subjetividade é um artefato, é uma criatura, das relações de poder; ela não pode, pois, fundar uma ação contra o poder. É esse precisamente o sentido da expressão “tecnologias de subjetividade”: a subjetividade é um efeito, não a origem. (SILVA, 1998, p. 10) [grifo do autor]

Entendemos, ainda, que as enunciações extraídas da reportagem estão inscritas numa ordem discursiva atual, pois também aparecem em outras mídias. Quando pesquisamos no *site* de buscas *Google* a seguinte frase: “situações que relacionem *emagrecimento* com inteligência” encontramos algumas recorrências que versam sobre a mesma temática. No *site* “M de Mulher²¹” nos deparamos com a seguinte reportagem: “Magra e inteligente: os alimentos que fazem bem para a

²¹ Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/dieta/magra-e-inteligente-os-alimentos-que-fazem-bem-para-a-silhueta-e-para-o-qi/>>; Acesso em: 18 de Out de 2018.

silhueta e para o QI”. Na revista digital “Época Negócios²²”: “10 alimentos para ficar mais inteligente e produtivo”. Na plataforma de vídeos *YouTube* “6 Alimentos Capazes de Turbinar o seu Cérebro²³”, bem como na figura abaixo, extraída de uma página da *internet*²⁴ que também apresenta na reportagem da qual foi extraída uma prescrição de rotinas alimentares, que traz a promessa do incremento da inteligência daqueles que adotarem tais práticas.



Dieta da inteligência

Figura 4: Dieta da inteligência²⁵

Importante trazer, na correnteza dessas discussões, algumas considerações sobre as quais tratamos no capítulo 2 desta dissertação, onde nos detemos em falar sobre o corpo como alvo das tecnologias de poder. Naquele trecho deste trabalho apresentamos alguns deslocamentos importantes ao longo do pensamento do filósofo francês Michel Foucault, sobre o quanto temos nossos corpos construídos, fabricados e subjetivados pelas e nas relações de poder que se engendram em nossa sociedade.

Nessa perspectiva, a revista *AnaMaria* se mostra como um artefato significativo para pensarmos sobre tais questões, haja vista que ela coloca em funcionamento ditos muito potentes sobre modos de subjetivação. Temos

²² Disponível em: < <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2014/09/10-alimentos-para-ficar-mais-inteligente-e-produtivo.html>>; Acesso em: 18 de Out de 2018.

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v_OfAY5wzTQ&t=17s>; Acesso em: 18 de Out de 2018.

²⁴ Disponível em: <http://blog.suportesaude.net/2016/07/10/dieta-da-inteligencia/>, Acesso em 18 de Out 2018.

²⁵ Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/dieta/magra-e-inteligente-os-alimentos-que-fazem-bem-para-a-silhueta-e-para-o-qi/>>; Acesso em: 18 de Out de 2018.

compreendido que existem tecnologias biopolíticas que corroboram para o funcionamento do biopoder, subjetivando os sujeitos para que vivam um modo de ser que os permita serem saudáveis e, por conseguinte, *magros*. Assim, os indivíduos são subjetivados a promoverem, em suas rotinas, hábitos ditos saudáveis.

Além disso, não é novidade para ninguém que a ordem do discurso do contexto histórico e social em que vivemos, parece ser um convite a todos para que vivam de um modo dito saudável, como uma promessa de longevidade e de juventude prolongada. Desse modo, o discurso científico que circula nas reportagens que temos analisado, e circula também nas mais diversas mídias contemporâneas, nos convida a adotarmos certas práticas de prolongamento das nossas vidas. Abaixo, destacamos uma imagem extraída de uma das reportagens que mostra a operacionalização deste convite a uma vida longa e *magra*.



Figura 5: Edição 1092 da revista *AnaMaria*

Em “O nascimento da medicina social” Foucault (2006a) apresenta uma discussão muito instigante em relação à medicina moderna. O filósofo demarca ao longo desse texto alguns fenômenos políticos e sociais que aconteceram em diversos países nos séculos XVIII e XIX, e que foram fundamentais para que hoje possamos compreender a medicina como uma estratégia biopolítica. Podemos observar que existe um apelo para que a população promova ações preventivas que visem a obtenção de saúde. É interessante que vivamos mais e melhor, por isso desde a mais tenra até a mais avançada idade, somos incitados a adquirirmos tais hábitos ditos saudáveis. No texto de Camargo (2012) intitulado “O governo dos excessos” a autora é provocativa, quando menciona que somos incitados por uma

razão governamental, na perspectiva foucaultiana do termo, para que sejamos “empresários de si”, melhorando nossa saúde individual e coletivamente e, assim, corroborando para o funcionamento da sociedade neoliberal em que vivemos.

A necessidade de corte de custos governamentais em saúde, o reforço da ideia do excesso de peso e das doenças crônicas não transmissíveis como oneroso custo para a sociedade e o investimento em promover mudanças nos níveis individuais e comunitários através do estímulo ao autogerenciamento/autovigilância da saúde, são algumas noções desse modelo de governamentalidade. (CAMARGO, 2012, p. 76)

Nessa perspectiva, as reportagens que temos analisado articulam um discurso que incita a vivermos saudavelmente, legitimado por um discurso científico. Além disso, tais discursividades na revista colocam em funcionamento o discurso de *emagrecimento*, pois observamos que existe uma recorrência que versa sobre um modo saudável e dito correto de se viver, que é aquele que está situado na manutenção e/ou na obtenção de um corpo *magro*. “Promover a saúde envolve modificações nas condições de vida das pessoas, ou seja, individualmente e coletivamente são orientadas e guiadas para realizarem ações que promovam qualidade de vida ao longo de suas vidas.” (GIUSTI, 2015, p. 47). Em seguida, apresentamos alguns extratos das reportagens que versam sobre longevidade, prevenção de doenças, relacionando muitas vezes, tais questões ao *emagrecimento* dos corpos.



Figura 5: Edição 1094 da revista *AnaMaria*

Aos 40 anos controle tudo. Agora é hora de preparar o corpo para a menopausa, prevenir o aumento das taxas de colesterol e triglicédeos e manter os ponteiros da balança bem equilibrados. Não é um período fácil: as alterações hormonais podem elevar o peso e diminuir a firmeza e os contornos do corpo. [...] **Aos 50 anos controle tudo.** A menopausa provoca oscilação de humor, uma dorzinha no corpo, rugas e gordura localizada (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 23, Edição 1092) [grifos nossos]

Doses reforçadas de frutas, verduras e legumes também equilibram os ponteiros da balança, **rejuvenescem a pele e o cabelo e mantêm a disposição**. (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 22, Edição 1093) [grifos nossos]

Coma alimentos ricos em proteínas magras, frutas, verduras, legumes, grãos, cereais e gorduras boas, que ajudam a ativar o metabolismo. Uma dieta equilibrada em vitaminas, proteínas minerais é perfeita **para combater a diminuição da massa óssea e muscular e os sinais de envelhecimento**, que já começam a aparecer. Importante também comer de forma fracionada, a cada três horas, para não estocar pneuzinhos. [...] Invista também em flavonoides (antioxidantes) **para driblar o envelhecimento precoce**. Suco de uva integral e chocolate meio amargo (um tablezinho!) são boas fontes. (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 22, Edição 1092) [grifos nossos]

Por que o açúcar faz tão mal? Tudo em excesso faz mal e com o açúcar não é diferente. 'Além de ser um produto químico sem nenhuma fonte de vitaminas e minerais, ele faz a gente engordar e também prejudica muito a nossa saúde. Entre os problemas mais comuns estão o aumento do colesterol e triglicérides, a piora do sistema imunológico, **falta de concentração**, distúrbios gastrointestinais e **envelhecimento precoce**', diz M. F. S., nutricionista. (ANAMARIA, Dezembro de 2017, p. 16, Edição 1103) [grifos nossos]

E não descuide da ingestão de cálcio (couve, brócolis, leite) para evitar a perda de massa óssea e **prevenir osteoporose**. (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 23, Edição 1092) [grifos nossos]

Os alimentos refinados são pobres de nutrientes e, por isso, geram mais fome e vontade de comer doces, além de aumentar **o risco** de prisão de ventre, **problemas cardíacos e diabetes**. (ANAMARIA, Dezembro de 2017, p. 24, Edição 1104) [grifos nossos]

O que é a biomassa de banana verde? Ela consiste numa preparação feita com a polpa de bananas verdes cozidas. [...] 'Assim, ela **dificulta a absorção de gorduras, melhora a imunidade, contribui para o bom funcionamento do intestino, reduz o risco de câncer de intestino, controla os níveis de colesterol, previne o diabetes e evita o acúmulo de gordura abdominal**', explica M. F. S., nutricionista. (ANAMARIA, Dezembro de 2017, p. 16, Edição 1103) [grifos nossos]

Na correnteza da discussão realizada por Giusti (2015), vemos a autora problematizar algumas discursividades que ditam um modo de ser e de viver dito saudável, e que ao adotá-lo teríamos garantidas maiores probabilidades de vivermos vidas mais longevas. Segundo ela, somos ensinados e subjetivados, pelos e nos mais diversos veículos de informação contemporâneos, a praticarmos algumas rotinas, que de algum modo nos levariam a uma velhice dita saudável. Nos fragmentos extraídos da revista *AnaMaria* temos algumas recorrências ao discurso científico, legitimado por um discurso dito saudável, fabricando, portanto, uma realidade. Eles trazem um convite subjetivante para que nos mantenhamos em plena atividade na terceira idade, para que assim possamos promover longevidade.

O trabalho de Giusti (2015) versa sobre o dispositivo da velhice e nele são apresentados alguns atravessamentos emblemáticos, condizentes com a pesquisa que estamos realizando, pois quando atendemos à essa urgência do *emagrecimento* que reverbera na sociedade em que vivemos, somos incitados a adotarmos práticas ditas saudáveis em nossas rotinas. Tais práticas podem ser consideradas estratégias biopolíticas, de ordem biológica, da prevenção de doenças, da diminuição dos riscos aos danos à nossa saúde, bem como, do prolongamento das nossas vidas.

Essa noção de risco é trabalhada por Camargo (2012), inspirada por Michel Foucault, e vale ser destacada, pois temos compreendido que um discurso de medo dos danos que podemos causar às nossas saúdes, vem sendo propagado na contemporaneidade de forma bem incisiva, criando “a sensação de controle e responsabilização dos indivíduos no gerenciamento dos riscos associados a sua vida” (CAMARGO, 2012, p. 50). A autora diferencia os termos risco e perigo relacionando perigo a uma ordem natural, real, que já está dada no mundo e os riscos a construtos culturais. Além disso, ela demarca alguns atravessamentos condizentes com a pesquisa que estamos desenvolvendo, quando articula essa ideia de gerenciamento dos riscos, como algo que pode ser quantificável, ao aparecimento de perigos reais nocivos à saúde, e a questões relacionadas ao *emagrecimento*:

[...] é a própria identificação e o cálculo dos riscos que dá existência ao perigo e às atitudes de condições perigosas. Desta forma, a noção de risco não cria somente o perigo [a epidemia do excesso de peso, por exemplo], cria também – a partir disso – novos saberes [no campo da Nutrição e da Medicina], novas profissões, [*personal trainer*, *personal diet*], novos produtos [suplementos alimentares emagrecedores, alimentos *diet* e *light*], novas técnicas e novas possibilidades de intervenção nos corpos [cirurgias bariátricas, lipoaspirações]. (CAMARGO, 2012, p. 51)

Desse modo, podemos observar na citação que existem relações de poder e de saber funcionando articuladamente, pois a gestão dos riscos pode ser considerada uma forma de fabricação do aparecimento de alguns campos de saber. Além disso, outra recorrência que observamos nas reportagens analisadas, bem como no trecho de Camargo (2012) destacado é que o *emagrecimento* está atrelado a um discurso legitimado pela ciência e proferido por profissionais da área da saúde, se fazendo valer da presença do saber estatístico como uma estratégia que demonstra com números os benefícios de adotarmos em nossas rotinas algumas práticas ditas saudáveis.

Assim, profissionais são convocados a fazerem uma interlocução junto às leitoras da revista a qual nos propomos a analisar, ratificando as informações, já que eles “têm” as vozes autorizadas a ensinar sobre o *emagrecimento*. Nessa perspectiva, o saber estatístico aparece reafirmando dados científicos, como uma estratégia de convencimento sobre a veracidade do discurso de *emagrecimento* ali apresentado. A seguir, trazemos mais alguns fragmentos das reportagens analisadas, nos quais podemos observar algumas questões das quais acabamos de tratar:

Se você não gosta de carne, ovos, leite, queijo... não vai querer adotar uma dieta como esta, sem produtos de origem animal. Mas, diante do uso de rações turbinadas e até de hormônios na criação de bichos, é um caso a se pensar: Isso porque **certas substâncias provocam doenças mesmo em quem não tem predisposição**. Veja só: o estudo I.P.E. sobre Câncer e Nutrição descobriu que pacientes que cortaram ou reduziram drasticamente o consumo de carne **diminuíram em 93% o risco de desenvolver diabetes, 81% o perigo de sofrer um ataque cardíaco, 50% as chances de derrame e 36% a ameaça de ter câncer. E emagreceram 2,5 kg a mais!** (ANAMARIA, Novembro de 2017, p. 22, Edição 1100) [grifos nossos]

A maioria das pessoas que está acima do peso já fez algum regime que deu certo... Por um tempo. Mas por que é tão difícil permanecer magra? S. C., professor [...], neurologista e psiquiatra [...] fez um estudo com mil pessoas de São Paulo para descobrir o motivo. **Das mil pessoas, 925 que emagreceram voltaram a engordar, e as outras 75 não conseguiram perder peso**. Isso acontece porque a maioria ainda tem a ilusão de que a privação de alimentos é a fórmula ideal’, explica.” (ANAMARIA, Outubro de 2017, p. 22, Edição 1095) [grifos nossos]

Você definitivamente magra. Um estudo revela que **85% das mulheres** com dificuldade para emagrecer têm alguma sensibilidade genética à gordura ou a carboidrato. E você?” (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 14, Edição 1096) [grifos nossos]

De acordo com as S. B. de C. e de D., as caminhadas diminuem em **34%** o risco de problemas cardíacos e em **58%** o de diabetes. (ANAMARIA, Setembro de 2017, 2017, p. 16, Edição 1094) [grifos nossos]

Segundo o Ministério da Saúde, **um em cada cinco brasileiros está acima do peso**. (ANAMARIA, Agosto de 2017, p. 16, Edição 1087) [grifos nossos]

[...] uma pessoa obesa só precisa perder **10%** do peso para melhorar a qualidade de vida. Portanto, com **100 kg**, ela deve se preocupar em eliminar, no primeiro momento, apenas **10 kg**. Parece mais fácil! (ANAMARIA, Outubro de 2017, p. 21, Edição 1097) [grifos nossos]

Um estudo [...] mostra que o quadro é mais corriqueiro do que se imagina. Das mulheres que participaram da pesquisa, **46%** mostraram sensibilidade a carboidratos e **39%** a gorduras. E, para todo esse grupo, emagrecer só é possível mediante a diminuição do agente causador da irritação do processo digestivo.” (ANAMARIA, Outubro de 2017, p. 14, Edição 1096) [grifos nossos]

Ao manter o corpo no peso ideal, é possível aumentar em, no mínimo, **20%** o desempenho da memória. Um estudo comprovou que adultos com

sobrepeso têm em média **4%** menos tecido cerebral que indivíduos com peso normal. Nos obesos, essa perda era tão insignificante que o cérebro parecia ser 16 anos mais velho quando comparado com o de pessoas em forma. Os resultados da pesquisa foram baseados em imagens do cérebro de 94 pessoas com faixa dos 60 anos. As mais cheinhas apresentavam maior perda de tecidos e problemas com memória e concentração. De acordo com P. T., essa condição pode servir de gatilho para o mal de Alzheimer e outras doenças cerebrais.” (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 18, Edição 1091) [grifos nossos]

Compreendemos, nessa correnteza, conforme Travessini e Bello (2009) que as estatísticas fabricam a realidade em que vivemos e, corroboram para o funcionamento do biopoder, um poder que atua no sentido da promoção de um estado de vida da população, buscando, portanto, a sua longevidade. Desse modo, quando nos convencemos de que nos encontramos em uma situação de risco, acabamos subjetivados, disciplinados e conduzidos a tentar viver mais e melhor. Por isso, tendemos a adotar condutas, tais como as que aparecem na revista, e a perseguirmos um modo de ser e de viver condizente com um discurso dito saudável.

Além disso, a obtenção e/ou manutenção de um corpo *magro* acaba sendo uma grande conquista para muitos de nós, pois o discurso de *emagrecimento* está colado ao discurso da saúde nas reportagens analisadas. Em um dos excertos destacados, os sujeitos que pararam de consumir produtos de origem animal, reduziram a probabilidade de adquirirem problemas de saúde e “emagreceram 2,5 kg a mais”. Vemos, portanto, que há uma urgência do *emagrecimento* que não está situada apenas em fins estéticos, mas também em que nos mantenhamos saudáveis e ativos pelo maior tempo possível.

O discurso científico também está em funcionamento nas reportagens articulando ditos legitimados pela voz autorizada a proferir tais discursividades, as dificuldades no *emagrecimento* dos sujeitos atreladas a questões fisiológicas. Estamos compreendendo que a ciência é a episteme da modernidade.

Por episteme, se entende, de fato, o conjunto das relações que podem unir, em uma época dada, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados; [...] ela é o conjunto de relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências quando se as analisa ao nível das regularidades discursivas. (CASTRO, 2016, p. 140)

Entendemos, no entanto, que a ciência não é imparcial e que nela não existe neutralidade, pois também é uma construção desse tempo histórico e social. Desse modo, o que estamos problematizando não é o binômio verdadeiro ou falso a respeito do discurso científico deste tempo. Mas sim, estamos tensionando a

existência de uma ciência racional, onde o homem é o detentor dos saberes, uma ciência que é respaldada por métodos de comprovação. Problematizamos este regime de verificação em que estamos inseridos, onde alguns sujeitos estão autorizados a falar sobre algumas coisas, embasados em conhecimentos científicos que também são fabricações e construtos deste tempo em que vivemos.

Nesta correnteza, podemos nos valer do pensamento do sociólogo polonês Bauman (2001) quando ele se ocupa em falar sobre a modernidade líquida. É sobre essa modernidade que estamos falando quando compreendemos que a ciência é a episteme da modernidade. Para ele as convicções, as construções, as invenções, os modos de ser e de viver são líquidos, são efêmeros, fluem como fluem as águas, neste contexto histórico ao qual pertencemos. Assim, podemos pensar sobre o conhecimento científico, sobre o quanto também a ciência, mesmo sendo legítima, balizada em empirias, sendo testável e comprovável, também admite deslocamentos e alterações. Desse modo, temos conhecimentos cientificamente comprovados, muitas vezes antagônicos, em um mesmo tempo e espaço e que, no entanto, também compõem as verdades deste regime em que estamos imersos. Talvez um exemplo que possa demarcar o que falamos possa ser o consumo de ovos nas nossas dietas alimentares. Há bem pouco tempo atrás pesquisas comprovavam que consumir ovos era uma prática que poderia trazer danos para a nossa saúde, tendo em vista que esse alimento, por sua composição bioquímica, acionaria em nossos corpos maior probabilidade de adquirirmos algumas doenças. Recentes pesquisas, no entanto, comprovam o contrário, que consumir ovos faz bem para a saúde, admite-se até consumir alguns ovos por dia.

Desse modo, é importante demarcar o quanto estamos capturados e imersos em relações de poder, que constituem as verdades as quais assumimos como verdadeiras, assim, a ciência se constitui como uma dessas verdades, assim, “o regime político, econômico, institucional da produção de verdade” (FOUCAULT, 2006d, p.14) desse tempo fabrica os discursos científicos, os quais assumimos e reafirmamos, legitimando a ciência como o grande regime de verdade contemporâneo.

Porém, a ciência se torna verdadeira pois, em nossa sociedade, os discursos científicos são aceitos por cada um de nós e por isso funcionam como verdadeiros. Compreendemos, no entanto, que a verdade conforme Foucault (2008b) está situada em uma recusa aos universais. Para ele, não importa se uma

ciência diz a verdade, importa “é determinar que regime de verificação foi instaurado num determinado momento” (FOUCAULT, 2008b, p. 50). Desse modo, estamos nessa pesquisa problematizando a existência de um discurso científico, sem nos interessar se é verdadeiro ou falso, mas sim compreendendo que ele produz efeitos que nos subjetivam a perseguirmos modos de ser que colaborem para que nossos corpos sejam *magros*.

Ressaltando ainda, que a verdade para Foucault é “sempre, apenas, o produto de um jogo de forças, resultado de um agenciamento – complexo, singular, móvel – de poderes em luta e não alguma realidade incorruptível ou eterna” (DELEUZE, 2006, p. 38). Assim, quando nos subjetivamos e perseguimos o objetivo da obtenção e/ou manutenção de corpos *magros*, são as relações de poder que estão funcionando, fabricando uma verdade - bastante mutável - que entra no regime de verificação verdadeiro deste tempo e espaço em que vivemos.

Abaixo, destacamos alguns trechos que demarcam como um discurso científico tem funcionado e tem sido reafirmado nas reportagens que estamos analisando:

Alguns **estudos mostram** que praticar atenção plena ao comer desperta o desejo por alimentos mais saudáveis, ou seja, mais naturais e menos processados, garante a especialista. A vontade de praticar exercícios físicos aparece! (ANAMARIA, Novembro de 2017, p. 20-21, Edição 1102) [grifos nossos]

Pesquisadores [...] mediram o número de passos diários de 592 adultos de meia-idade, durante uma semana, e concluíram que quem caminhou cerca de oito quilômetros (ou deu 10 mil passos) para executar as atividades habituais reduziu mais o índice de massa corporal, a circunferência abdominal, os triglicerídeos, o colesterol e a glicemia em comparação às pessoas que andaram menos. (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 16, Edição 1094) [grifos nossos]

Para perder peso, atenção: Nunca pule o café da manhã. **Um estudo** [...] **mostra** que quem não faz a primeira refeição matinal tende a sentir mais fome e a preferir alimentos mais calóricos durante o dia. **A pesquisa diz ainda** que o hábito de comer bem logo cedo desencadeia um processo de autocontrole do consumo nas horas seguintes, já que o corpo fica satisfeito com refeições saudáveis e sem excessos. (ANAMARIA, Agosto de 2017, p. 22, Edição 1089) [grifos nossos]

As friorentas de plantão agora têm um bom motivo para enfrentar a estação mais gelada do ano com um sorriso no rosto: passar frio ajuda a emagrecer! **Segundo estudos científicos**, o metabolismo fica mais acelerado no inverno, tornando a queima de calorias maior. (ANAMARIA, Julho de 2017, p. 26, Edição 1085) [grifos nossos]

Segundo um estudo finlandês, quem toma de três a cinco xícaras de café por dia tem menos chance de desenvolver Alzheimer. O índice é 65% menor se comparado aos que bebem menos de dois cafezinhos

diariamente. O ideal é ingerir três xícaras de café ou chá-verde todo dia para manter a concentração e a agilidade. (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 19, Edição 1091) [grifos nossos]

Um grupo de pessoas que caminhava 10 mil passos por dia mudou o ritmo da atividade para uma pesquisa. Elas passaram a andar 1350 passos diários, trocando, por exemplo, a escada pelo elevador. Após duas semanas, os **cientistas descobriram** que o metabolismo de lipídeo e açúcar dos participantes piorou e a gordura corporal migrou para a cintura. (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 17, Edição 1094) [grifos nossos]

Converse mais. Uma **pesquisa** [...] **revelou** que mulheres que têm conversas animadas todos os dias dobram a perda de peso, mesmo sem dieta. Motivo: há uma redução dos níveis de ansiedade e do hormônio cortisol (ligado ao estresse e ao aumento do apetite). Quanto mais feliz e saudável a pessoa estiver, maiores são a saciedade e a sensação de bem-estar.” (ANAMARIA, Outubro de 2017, p. 20, Edição 1097) [grifos nossos]

Nessa perspectiva, vamos tomando alguns discursos como verdadeiros e incitados a vivermos de um modo e não de outro. Nas enunciações destacadas das reportagens da *AnaMaria* vemos um discurso fortemente situado na voz da ciência. Assim, nos colocamos a tensionar o quanto existem imbricadas algumas tecnologias de poder que nos subjetivam para que tenhamos controle sobre nós mesmos. Com autogoverno e autodisciplinamento das nossas condutas, nas práticas mais ínfimas de nosso cotidiano vamos vivenciando algumas rotinas visando o alcance de um corpo *magro*. Assim somos capturados pelo discurso de *emagrecimento* que reverbera pelos mais diversos ambientes por onde circulamos e também pelas e nas mídias as quais nos abastecem de informação das mais variadas temáticas constantemente.

No extrato abaixo observamos a voz da ciência sendo acionada, mas dessa vez com o objetivo de ratificar questões relacionadas com a consciência das leitoras. Destacamos algumas expressões: “efeito sanfona”; “engorda e emagrece sem fim”; “algo desregulado em sua cabeça”; “descontrole”; “comer compulsivamente”. A reportagem vai sendo construída de um modo convidativo, que instiga as leitoras a tentarem compreender quais são “afinal de contas” as causas de insucesso no processo de *emagrecimento*, pois os ditos culminam na reversão da obesidade e da oscilação na balança:

Para algumas pessoas, o difícil não é só perder o peso, mas **escapar de vez do efeito sanfona (aquele engorda e emagrece sem fim)**. Se identificou com o problema? Saiba, **algo pode estar desregulado na sua cabeça**. Por algo entenda o hipotálamo, área do cérebro que regula a fome, o apetite e a sede. Pesquisas da U. E. de C. [...] relacionam o alto consumo de gordura saturada com uma inflamação nessa região, comprometendo o envio da mensagem de satisfação ao organismo. “**Esse descontrole** pode gerar perda de saciedade e fazer a pessoa **comer compulsivamente**”,

explica J. L., fisioterapeuta dermatofuncional [...], “um processo que indica a reprogramação do hipotálamo como peça-chave para **reverter a obesidade e a oscilação na balança.**” (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 18, Edição 1090) [grifos nossos]

Abaixo, destacamos mais alguns trechos das reportagens que demonstram de que modo vem funcionando um discurso de *emagrecimento* com o apelo à consciência dos indivíduos. Os excertos tratam de questões como compulsão, culpa:

Você pode comer tudo! **Veja como a culpa sabotava a sua dieta.** (ANAMARIA, Novembro de 2017, Edição 1107) [grifos nossos]

E quando a vontade de doce chega, a ânsia por comer um chocolate é tanta que já coloca logo dois quadradinhos na boca. De repente, percebe que lá se foi quase a barra inteira sem que você saboreasse de verdade nenhum pedaço. **E logo vem a culpa,** afinal, chocolate é um alimento considerado proibido para quem está tentando manter a forma.” (ANAMARIA, Novembro de 2017, p. 20, Edição 1102) [grifos nossos]

O problema é que, **quando comemos algo que está fora dessas regras a culpa acaba aparecendo.** E essa consciência pesada mais atrapalha do que ajuda. Por causa dela podemos desenvolver até comportamentos compulsivos. (ANAMARIA, Novembro de 2017, p. 22, Edição 1107) [grifos nossos]

Programe a mente para perder até 15 kg. Não é mágica, não! **É um método simples que acaba com a compulsão alimentar.** (ANAMARIA, Setembro de 2017, Edição 1090) [grifos nossos]

Compulsão alimentar: **como sair do ciclo vicioso.** Sua relação com a comida e com o doce se tornou uma compulsão? Saiba identificar e como vencê-la de maneira saudável. [...] **O momento da compulsão é uma fuga da realidade, é um prazer.** Mas quando a dependência passa, o sofrimento é muito maior’, afirma R. Z., endocrinologista. (ANAMARIA, Dezembro de 2017, p. 18, Edição 1106) [grifos nossos]

Observamos, nos trechos destacados, modos de subjetivação sendo acionados no sentido da autorregulação e do autocontrole dos sujeitos, pois autodisciplinados respondemos a essa urgência do *emagrecimento*. Desse modo, um discurso científico aparece legitimando o discurso de *emagrecimento*, e ambos utilizam-se de estratégias discursivas que os reforçam, os reafirmam e são colocados em funcionamento a partir de tecnologias disciplinares de autogoverno e autodisciplinamento que exercemos sobre nós mesmos, bem como de tecnologias regulamentadoras que nos incitam a vivermos mais e melhor enquanto população.

Nessa perspectiva, em poder-corpo, Michel Foucault (2006c) trata de estratégias de poder voltadas ao corpo de um modo emblemático e que consideramos extremamente relacionado com o que temos tratado nessa pesquisa, um poder “que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’” (FOUCAULT, 2006c,

p. 147) [grifo do autor]. Então, nos remetemos a pensar sobre o quanto, em nosso cotidiano, estamos recorrentemente de algum modo reforçando alguma tecnologia disciplinar ou regulamentadora, que nos disciplina e nos controla.

O controle-estimulação de que fala Foucault, nos parece ser a forma de poder que funciona, por exemplo, através do *corpus* empírico, onde podemos observar o quanto a revista *AnaMaria* veicula semanalmente ditos subjetivantes, que se situam nessa estratégia de estimulação das leitoras. Assim, uma tecnologia significativa da qual a revista se vale recorrentemente é a apresentação de imagens de mulheres vestindo um corpo dito *magro*. Abaixo destacamos algumas dessas imagens.



Figura 5: Edição 1083 da revista *AnaMaria*

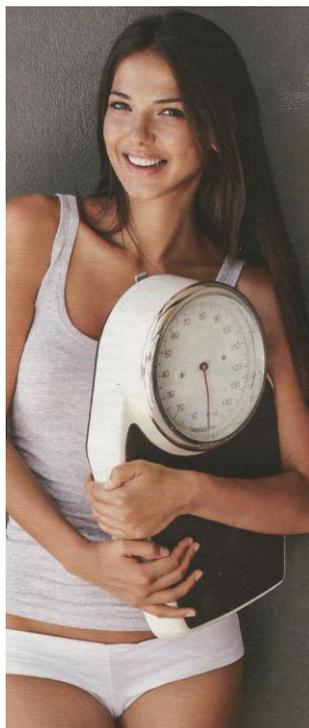


Figura 6: Edição 1100 da revista *AnaMaria*

Além disso, temos mais um exemplo relevante que precisamos trazer nesse momento em que falamos de controle-estimulação que são as imagens dos “antes e depois” das pessoas que *emagreceram* após um tratamento realizado. Assim, essa tecnologia de poder funciona quando olhamos para a imagem do corpo dito gordo, em contraste com a do dito *magro*, obtido pelo sujeito da imagem e, com isso, somos estimulados ao *emagrecimento*. Trazemos, abaixo, exemplificações deste tipo de quadro de sucesso do *emagrecimento* que aparecem na revista e em seguida apresentamos outros encontrados na mídia, mostrando assim, o quanto essa estratégia é recorrente e faz parte de uma ordem discursiva sobre o *emagrecimento*:



Figura 7: Edição 1086 da revista *AnaMaria*



Figura 8: Edição 1079 da revista *AnaMaria*



Figura 9: Instagram²⁶ Whindersson Nunes



Figura 10: Simone Gutierrez (Atriz)²⁷

²⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bm6tSnFhowE/?hl=pt-br&taken-by=whinderssonnunes>> Acesso em 24 de Outubro de 2017.

²⁷ Disponível em: <<https://www.google.com/search?safe=off&client=firefox-b-ab&tbm=isch&q=o+antes+e+depois+emagrecimento&chips=q:o+antes+e+depois+emagrecimento,onli>>



Figura 11: Antes e depois de um casal²⁸



Figura 12: Leandro Hassum (Ator)²⁹

ne_chips:instagram&sa=X&ved=0ahUKEwjrnfnGpp7eAhXRI5AKHT6MAfsQ4IYILigH&biw=1366&bih=632&dpr=1#imgcr=U6sk1Qm1xnq5sM:> Cesso em 24 de Outubro de 2017.

²⁸ Disponível em: < https://www.google.com/search?safe=off&client=firefox-b-ab&biw=1366&bih=632&tbm=isch&sa=1&ei=-v_PW7bqCcewggTt-IWQCw&q=antes+e+depois+de+emagrecimento&oq=antes+e+depois+de+emagrecimento&gs_l=img.3..0j0i5i30k1.11288.15433.0.15798.27.20.1.4.4.0.293.2771.0j8j6.14.0....0...1c.1.64.img..12.15.2036...0i67k1j35i39k1.0.IFFSpX51dQ#imgcr=xDLLQtA_ks1MgM: > Acesso em 24 de Outubro de 2018.



Figura 13: Edição 1078 da revista AnaMaria

Aqui, nos debruçamos em mostrar como as imagens do “antes e depois” de um processo de *emagrecimento* podem ser subjetivantes e parecem provocar efeitos. Trouxemos imagens que aparecem na revista *AnaMaria*, mas também nos ocupamos em apresentar alguns exemplos que aparecem na mídia em geral de corpos de sujeitos anônimos, além de imagens de algumas celebridades midiáticas deste tempo.

Destacamos a figura 9, imagem do Whindersson Nunes, ele se autointitula em suas mídias como um influenciador digital. Os influenciadores “utilizam as mídias digitais para expor suas rotinas, suas preferências, incitando seus seguidores a adotarem práticas semelhantes às suas. Podemos observar que existe uma grande gama de áreas abordadas por estes influenciadores digitais, a citar, moda, estilos musicais, etc.” (ROCKEMBACH, COSTA e GARRÉ, 2018, p. 4). No artigo citado, os

²⁹ Disponível em: <

autores problematizam discursividades que versam sobre questões relacionadas ao corpo e à saúde, proferidas e vivenciadas por celebridades midiáticas em suas páginas pessoais e que convencem seus seguidores, a partir de seus exemplos, a adotarem em suas rotinas algumas práticas ditas saudáveis como uma promessa de obtenção de um corpo *magro*, saudável e jovem pelo maior tempo possível. Desse modo, temos observado que um discurso de *emagrecimento* está presente, também, nesses espaços e é veiculado, dentre outras temáticas, pelas quais cada um desses influenciadores é atravessado, subjetivando e incitando seguidores para que vivam de um modo e não de outro.

Além disso, é importante analisarmos a potência das imagens acima, pois elas fazem parte de uma rede discursiva do contexto histórico e social em que vivemos. Não há nada a ser desvelado nas imagens, elas utilizam-se de uma estratégia situada no corpo-estimulação, sobre a qual tratamos anteriormente e que nos incitam para que persigamos o objetivo do *emagrecimento*. Na revista, bem como em outros artefatos midiáticos, observamos algumas falas de sujeitos que *emagreceram*, algumas delas destacamos abaixo, para mostrar de que modo elas estão articuladas às imagens, a fim de provocar efeitos nos sujeitos que forem capturados por tais discursividades:

Quem se lembra da personagem Bebel, do seriado *A Grande Família* (Globo), que terminou em 2014, e vê a faxineira religiosa do filme *Ninguém Entra Ninguém Sai*, lançado este ano, se surpreende. De lá para cá, a atriz Guta Stresser emagreceu 15 kg. **“Aprendi que alimentação e saúde andam juntas.** E que um ser vivo precisa de comida viva. Muito ovo, frutas, legumes e vegetais”, explica Guta, que quase não come mais glúten e alimentos industrializados. [...] **“Hoje, faço exercícios pelo menos três vezes por semana”**, diz. Corridas de 40 minutos pelas ladeiras do Rio, com piques intercalados, também são frequentes. **“No período que mais emagreci, corria pelo menos duas vezes na semana, sem falhar”**, relembra Guta Stresser, atriz. [...] **“Não dá pra dizer que foi supertranquilo. Há sacrifícios, mas o ganho é bem maior”**, comemora. [...] A ideia de emagrecer veio principalmente por causa da saúde, mas Guta Stresser não nega estar feliz com sua nova forma física. **“É maravilhoso entrar em uma calça 36 outra vez”**. (ANAMARIA, Agosto de 2017, p. 14, Edição 1086) [grifos nossos]

Perder 60 kg sem cirurgia nem remédio parece milagre, mas foi o que aconteceu com F. Z. S., 39 anos. Em 16 meses, ela passou dos 140 kg para os 80 kg. **“Comecei sozinha, cortando sanduiches, pizza e chocolate, mas percebi que não conseguiria seguir sozinha”**, lembra. Dos profissionais, ouvia que deveria se submeter a uma cirurgia bariátrica ou tomar remédios. Porém, esse não era o desejo dela. **“Sofria de descontrole alimentar e queria ter comando sobre mim. A cirurgia não resolveria isso”**, diz a moça. [...] **“Nos primeiros meses, saía do nutricionista direto para uma hamburgueria. Hoje não tenho dia para fugir da dieta. Quando quero comer algo diferente, faço sem culpa. Afinal, a dieta saudável virou costume”**, afirma. Quando F. escapa do

regime, não pensa em compensação: retoma o padrão sem sofrência. (ANAMARIA, Junho de 2017, p. 16, Edição 1078) [grifos nossos]

Quando engravidou, há dois anos Q. viu o ponteiro da balança disparar. **“Até planejei ser uma grávida *fitness* mas só queria dormir. Também comia três vezes mais do que antes”**, relembra. Cinco meses após dar à luz, ela perdeu 20 kg e, em um ano lá se foram 34 kg. (ANAMARIA, Julho de 2017, p. 27, Edição 1084) [grifos nossos]

“Quem quer, arruma um jeito, quem não quer arruma desculpa. 15 kg a menos!” (Fonte: *Instagram* – Acesso em 26 de Outubro de 2018. Legenda da imagem referente à figura 9 do influenciador digital Whindersson Nunes) [grifos nossos]

“Hoje, 62 quilos depois. #vitória”. (Fonte: Gente - iG @ <https://gente.ig.com.br/2016-04-11/leandro-hassum-emagreceu-62kg-e-chocou-com-imagem-de-antes-e-depois.html> Acesso em 26 de Outubro de 2018. Referente à figura 12 do ator Leandro Hassum) [grifos nossos]

Ao todo, Simone eliminou da balança 37 quilos e passou do manequim 46 para o 38. **“Já atingi a meta colocada pela médica, agora estou em manutenção”, comemora ela, satisfeita com a conquista**. (Fonte: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2016/04/simone-gutierrez-sobre-perder-papel-em-filme-apos-eliminar-37kg-chorei-e-dei-risada.html> Acesso em 26 de Outubro de 2018. Referente à figura 10 da atriz Simone Gutierrez) [grifos nossos]

Um casal de americanos ganhou o Instagram após compartilhar uma foto do antes e depois de terem perdido incríveis 180 quilos. L. e D. R. iniciaram um projeto de perda de peso no início de 2016 e a jornada atraiu muitos apoiadores nas redes sociais. Desde o início da empreitada, eles já acumularam 519 mil seguidores na rede social. **“Fazer isso em casal nos ajudou em tantas maneiras. Em dias que estávamos desmotivados, obrigávamos um ao outro a ir para a academia. Também começamos a preparar as nossas refeições juntos, estabelecendo metas. Dia a dia, quilo a quilo, fomos ficando cada vez mais próximos nesta jornada”**, disse L. em entrevista ao *ABC News*. [...] **“Não existem palavras que possam descrever o sentimento de estar salvando a própria vida. Não sou mais uma prisioneira do meu corpo”**, afirmou L. ao *ABC News*. (Fonte: <https://veja.abril.com.br/blog/virou-viral/casal-emagrece-180-quilos-e-antes-e-depois-viraliza-no-instagram/> Acesso em 26 de Outubro de 2018. Referente à Figura 11) [grifos nossos]

Destacamos algumas falas de sujeitos que alcançaram um “tão almejado” corpo *magro*. Elas foram extraídas da mídia contemporânea e, com elas, temos a finalidade de demarcarmos alguns modos de subjetivação que são acionados nos sujeitos capturados pelo discurso de *emagrecimento*, na correnteza do “corpo-estimulação” conforme Foucault (2006c). Observamos, nesses extratos, que existem imbricadas tecnologias disciplinares e regulamentadoras, mas também um forte apelo à consciência, ao autocontrole dos indivíduos.

Assim, um ponto importante a ser discutido a partir de tais falas, é que a obtenção de um corpo *magro*, para esses sujeitos é uma questão de obtenção também de um corpo saudável. Desse modo, o discurso de *emagrecimento* e o

discurso da saúde estão muito próximos e funcionam em uma engrenagem que parece não se dissociar. Compreendemos, no entanto, que o conceito de saúde também é uma fabricação deste tempo em que vivemos, por isso, nos detemos a problematizar que saúde é essa que buscamos? Uma saúde que é balizada por ciências testáveis e efêmeras, assim como tratamos anteriormente, uma ciência que não é imparcial e que também é uma construção discursiva, que toma força de verdade, porque assumimos tais discursos como verdadeiros.

No texto de Camargo (2012) a autora trata da emergência do “discurso do saúdismo”, compreendendo alguns deslocamentos e acontecimentos discursivos que deram solo para tal emergência, no final do século XX. Nessa perspectiva, ela vai demarcando o quanto pesquisas científicas do campo das ciências da saúde, naquele contexto histórico, passaram a mapear que o excesso de peso estava relacionado ao desenvolvimento de algumas doenças crônicas não transmissíveis e passaram a tomar a obesidade como uma “epidemia” do nosso tempo.

[...] o discurso do saúdismo, no qual a saúde funciona não somente como uma condição médica, mas como um grupo de conhecimentos usados para acessar diferentes grupos da população, através de variadas estratégias governamentais. [...] a busca por uma boa saúde passa a ser um fim em si mesmo, e não mais um meio para atingir outros fins. Nas sociedades – como a brasileira contemporânea – em que este discurso do saúdismo funciona de maneira cada vez mais intensa, os conceitos de saúde e de cuidados com o corpo tornaram-se centrais no processo de construção das subjetividades. [...] com o saúdismo sendo colocado em prática, o corpo ideal passou a ser um corpo civilizado, controlado racionalmente. O objetivo passa a ser o de manter a boa saúde e aumentar a longevidade. [...] Possuir esta saúde – espécie de bem cuja posse necessita ser constantemente reafirmada; que é tornada visível através do corpo magro, firme e exercitado – parece ser uma questão de bom gosto, de autonomia, de desenvolvimento pessoal. (CAMARGO, 2012, p. 65-66)

Desse modo, as falas que compõem o grupo de enunciação anteriormente listado demonstram que aqueles sujeitos se consideram felizes e vitoriosos por que *emagreceram*, por estarem vestindo um manequim menor, por terem perdido peso, em quilogramas. Consideram que *emagrecer* é um fato a ser celebrado, é uma grande conquista, mas que requer autodisciplina, autocontrole, motivação, estabelecimento de metas, ou seja, uma constante autorregulação das suas condutas individuais. Em uma das falas, a atriz faz uma analogia do *emagrecimento* com estar “salvando a própria vida”. São ditos emblemáticos que colocam nosso pensamento em funcionamento e nos fazem tensionar tais questões. Além disso, nos extratos vemos também que saúde e magreza andam juntas, são discursos que

se complementam e que perfazem o que parece ser a grande máxima discursiva do nosso tempo.

Assim, nesta seção, mapeamos o discurso de *emagrecimento* sobre o qual temos tratado desde as primeiras linhas desta pesquisa, seu funcionamento na mídia contemporânea, bem como mostramos algumas articulações com outros discursos. Desse modo, parece que nós, sujeitos deste contexto histórico e social em que vivemos já estamos convencidos que de um modo ou de outro vivemos imersos numa rede discursiva que nos incita para que sejamos *magros*.

Seja por conta da saúde, seja para nos aproximarmos daquilo que parece ser o padrão estético vigente, seja para perseguir uma melhora no nosso coeficiente de inteligência, seja pela prevenção de doenças, enfim, somos convencidos pelas mais diversas estratégias discursivas de que “devemos” adquirir e/ou manter nossos corpos *magros*. Mas afinal de contas, de que modo podemos atingir esse “tão almejado” corpo? Perguntariam os sujeitos capturados por tais discursividades? A resposta? Consulte a próxima seção deste trabalho, nela está apresentado o “manual para um corpo *magro*, saudável, feliz e inteligente”! Brincadeiras à parte, na próxima seção vamos nos debruçar em tensionar algumas recorrências que aparecem na revista e também na mídia contemporânea e que estão organizadas de um modo que parecem perfazer um manual de condutas dos sujeitos do nosso tempo, para que atinjam um corpo *magro*, saudável, feliz, inteligente, jovem e longínquo.

4.2 Manual para um corpo *magro*, saudável, feliz e inteligente!

Na seção anterior mostramos o funcionamento de um discurso de *emagrecimento* em conjunto com outros discursos potentes que nos subjetivam e que nos incitam para que persigamos a obtenção e/ou a manutenção de um corpo *magro* como prerrogativa de uma vida feliz, saudável e até mesmo inteligente. Nesta seção, mostramos a potência das enunciações extraídas da revista *AnaMaria* e também de outros artefatos midiáticos contemporâneos. Elas demarcam, de uma forma emblemática, de que modo “devemos” viver, agir, nos comportar para que tenhamos o “privilegio” de possuímos um corpo condizente com os padrões estéticos vigentes, ou seja, *magro*.

Já tratamos do teor das reportagens da revista *AnaMaria* no capítulo 1 desta pesquisa, lá destacamos que essa mídia impressa se constitui como uma espécie de manual da mulher do nosso tempo. Esse artefato compõe um conjunto de discursividades e imagens que versam sobre temáticas que tangenciam o universo feminino. Encontramos dicas de beleza, de saúde, de bem-estar, de religiosidade, de receitas, de dietas, de maternidade, de infância, de juventude, entre outras, que reafirmam algumas verdades hegemônicas, bem como ensinam modos de ser mulher. São “manuais e referências de práticas, verdades, saberes e discursos sobre o que somos e o que devemos ser. Espécie de guia da vida contemporânea, manual do que devemos almejar e conquistar”. (FONSÊCA, 2017, p. 60).

Um caráter pedagógico é dado ao tom das reportagens. Pelas mais diferentes estratégias discursivas somos convencidos de que “precisamos” *emagrecer* ou mantermo-nos *magros*. Observamos que a noção de risco (sobre a qual nos debruçamos na seção 4.1 desta dissertação) é uma estratégia de convencimento potente. Um exemplo recorrentemente utilizado nas edições semanais é demonstrar o risco que os sujeitos correm quando engordam ou não *emagrecem*, de adquirirem doenças crônicas não transmissíveis, como diabetes e hipertensão. São informações legitimadas pela ciência³⁰, a partir de vozes autorizadas a proferir tais discursividades, muitas vezes, com a estatística ratificando dados.

Assim, convencidos da importância da “perda de peso”, os leitores têm acesso semanalmente a diferentes manuais que ensinam e prescrevem modos de ser e de viver. São convidados a inserirem em suas rotinas algumas práticas ditas saudáveis, sendo ensinados como “devem” e o que “devem” fazer visando *emagrecer* ou manter-se *magros*.

Uma estratégia discursiva que é bem recorrente na mídia que estamos analisando, que também é visualizada em outros artefatos midiáticos, é a utilização de verbos no imperativo como uma forma de prescrição das condutas dos sujeitos para que alcancem este corpo *magro* sobre o qual temos tratado. Temos observado que existe, na mídia contemporânea, uma rede composta por discursividades neste

³⁰ Lembramos, no entanto, conforme discutimos na seção 4.1, que tomamos a ciência como uma fabricação discursiva do contexto histórico e social em que vivemos, que problematizamos os discursos ditos verdadeiros e que suspeitamos das hegemonias.

tempo verbal, que se mostram como uma espécie de manual de instruções onde encontramos como “devemos” proceder, a fim de combater doenças, de preveni-las, de termos bem-estar, saúde e longevidade.

Assim, temos compreendido que existem tecnologias disciplinares funcionando de um modo produtor, em consonância com tecnologias regulamentadoras. “Devemos” praticar tais atitudes em nossas rotinas, pois “precisamos” *emagrecer*, “precisamos” de saúde, “precisamos” viver mais e viver melhor, pelo maior tempo possível. “Precisamos”, a cada momento, nos aproximar de uma norma fabricada discursivamente que nos quantifica, nos estatiza o tempo todo, nos coloca em caixas numeráveis, hierarquizáveis, que nos objetiva para que sejamos fonte para novos saberes.

“Precisamos” corresponder às expectativas que geramos sobre nós mesmos, superar nossos medos, nossas culpas, nossas compulsões, nossas metas, nossos maiores desafios, pois “precisamos” perseguir padrões estéticos e de modos de ser e de viver, os quais somos bombardeados pela e na mídia recorrentemente. Assistimos a novela e almejamos ter o corpo da personagem principal, seguimos uma *blogueira fitness* e desejamos viver do modo como ela vive, consumimos objetos e modos de ser ali apresentados. Lemos a revista *AnaMaria* e semanalmente nos deparamos com uma série de prescrições que nos ensinam outras tantas coisas, condizentes com essa ordem discursiva do fazer viver, do viver mais e do viver melhor.

Mas além disso, “precisamos” nos manter ativos, jovens, belos e esbeltos. Essa parece ser a grande máxima do nosso tempo! Em uma das reportagens que analisamos encontramos a frase “Magra a vida inteira”. Quantas coisas essa frase está nos dizendo, considerando a ordem discursiva a qual pertencemos em que a prerrogativa de saúde e longevidade parece ser essa manutenção e/ou obtenção de um corpo *magro*. Mas por que mesmo “precisamos” de tudo isso? Com certeza não temos respostas definitivas para essa pergunta.

A seguir destacamos algumas enunciações que colocam em funcionamento o caráter prescritivo das reportagens:

Tempere! As especiarias estimulam o processo digestivo, auxiliam na queima de gorduras, melhoram o funcionamento do fígado, da vesícula e dos intestinos, e dão energia. (*AnaMaria*, Outubro de 2017, p. 20, Edição 1097) [grifos nossos]

Ingira gorduras boas, como oleaginosas, abacate e azeite. Elas fornecem energia sem prejudicar a saúde e saciam. (ANAMARIA, Dezembro de 2017, p. 19, Edição 1106) [grifos nossos]

Pratique exercícios físicos: quando fazemos atividades, como a corrida, bicicleta e caminhada, nosso corpo libera endorfina, hormônio responsável pelo aumento do bem-estar e diminuição da ansiedade e do estresse. (ANAMARIA, Dezembro de 2017, p. 19, Edição 1106) [grifos nossos]

Durma bem, “é durante o sono que liberamos a maior parte do hormônio GH, que atua para o ganho de massa muscular e perda de gordura”, explica G. D., coaching. Dormir bem também ajuda a combater o estresse, que eleva o nível de cortisol no organismo. “Quando o cortisol sobe, a testosterona desce e dificulta o ganho de massa muscular, além de comprometer o sistema imunológico e diminuir a capacidade de recuperação do treino”. (ANAMARIA, Julho de 2017, p. 20, Edição 1083) [grifos nossos]

Afine a cintura e turbine o cérebro! O cardápio ao lado foi elaborado pela nutricionista A. e é baseado em alimentos que eliminam toxinas, aceleram a **perda de peso e aumentam a esperteza**. [...] E você ainda vai se sentir bem mais disposta ao resistir às tentações. **Vale a pena ter disciplina!** Siga por 30 dias ou mais. (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 20, Edição 1091) [grifos nossos]

Por isso, quando engordamos nosso cérebro passa a pensar, sentir e agir como uma pessoa gorda. Isto é, nossos neurônios ficam repetindo atitudes que engordam. Por isso, a partir de hoje **tenha atitudes de pessoas magras: coma de tudo, mas apenas quando tiver fome de verdade**. (ANAMARIA, Outubro de 2017, p. 23, Edição 1095) [grifos nossos]

Como podemos observar nos extratos as prescrições estão situadas em estratégias biopolíticas, da ordem do fazer viver, corroborando para a manutenção desta ordem discursiva na qual estamos imersos. Os sujeitos são convidados a alimentarem-se de um modo e não de outro, a praticarem atividades físicas, a dormirem bem. Nas enunciações, aparecem algumas considerações em relação ao que “faz bem” ou “não faz bem” para a saúde³¹. Além disso, vemos a existência de um apelo à consciência dos indivíduos, “vale a pena ter disciplina”, “tenha atitudes de pessoas magras”, entre outros. São modos de subjetivação e de objetivação que vão sendo acionados, incitando os sujeitos para que se autorregulem, se autocontrolem, para que assim possam escolher ser *magros* e, portanto, saudáveis.

Os modos de subjetivação são, precisamente, as práticas de constituição do sujeito. [...] Foucault fala dos modos de subjetivação como modos de objetivação do sujeito, isto é, modos em que o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e de poder. Com efeito, os modos de subjetivação e de objetivação não são independentes uns dos outros; seu desenvolvimento é mútuo. [...] trata-se da história de um jogo de

³¹ Considerando que estamos tomando o conceito de saúde, conforme demarcado na seção 4.1 deste trabalho, como uma fabricação discursiva do nosso tempo.

verdades nos quais o sujeito, enquanto sujeito, pode converter-se em objeto do conhecimento. (CASTRO, 2016, p. 408)

Nessa correnteza, os sujeitos tornam-se subjetivados pelas e nas relações de poder em que estão engendrados, pelas verdades que entram na ordem discursiva como verídicas de um contexto histórico. Mas, ao mesmo tempo, esses mesmos sujeitos são objetos dos campos de saber que dão condições de possibilidade para que um discurso de *emagrecimento* reverbere e se reafirme nessa mesma sociedade, oportunizando, também, um solo positivo para que as enunciações que articulam a noção de que um corpo *magro* é um corpo saudável entrem nesse mesmo regime de verdade e fortaleçam um discurso de *emagrecimento*. É uma engrenagem que não se dissocia e que permanece constantemente em movimento. Os sujeitos mudam de posição nessas relações de poder em que se engendram, porém, permanecem sendo objetivados e subjetivados nessa imensa teia que se configura nosso seio social. Vale ressaltar que nesse jogo de objetivação e subjetivação, o próprio sujeito se coloca como objeto de intervenção, submetendo-se a certos processos que incidem sobre seu próprio corpo.

Outro ponto importante a ser demarcado nessa discussão sobre manuais de condução das nossas condutas são as redes sociais. Mídias sociais, como *Instagram*³², *Facebook*³³ e *YouTube*³⁴ podem ser considerados espaços de produção de verdades e de subjetividades. Elas são locais de visibilidade onde os usuários interagem entre si, produzindo conteúdos, compartilhando e seguindo pessoas conforme seus interesses. Algumas dessas pessoas acabam sendo conhecidas e tornam-se famosas, são as chamadas “celebridades midiáticas” ou “*digital influencers*”. Nesses espaços os usuários, famosos ou não, compartilham suas rotinas, seus interesses, suas imagens pessoais, familiares. Temos observado que o corpo parece ser a figura central de muitas dessas publicações, mas não

³² *Instagram* é uma rede social de compartilhamento de vídeos e fotos entre os usuários, bem como entre outras redes sociais. Também utilizado para fins empresariais, com anúncios de produtos e serviços.

³³ *Facebook* é uma rede social onde os usuários interagem entre si, compartilhando “o que estão pensando”, “como estão se sentindo”, “o que estão assistindo”, participação em eventos, bem como compartilhamento de conteúdos publicados em outras mídias como *Instagram* e *YouTube*. É também uma ferramenta utilizada para fins comerciais, para anúncios de empresas, corroborando para o funcionamento dessa sociedade de consumo em que vivemos.

³⁴ *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos.

qualquer corpo, sim um corpo *magro*, esbelto, feliz, jovem, ou seja, condizente com os padrões que parecem ser os modelos estéticos vigentes da atualidade.

[...] há uma incitação ao consumo, através de uma forte interpelação, de comportamentos, hábitos e atitudes que atingem de modo potente os sujeitos [...]. Compreende-se há uma visibilidade cada vez maior dessas celebridades midiáticas, sejam elas *youtubers*, *blogueiros*, *gamers*, diferentes influenciadores digitais, que se tornam, de algum modo, vozes autorizadas a proferir um discurso tomado como verdadeiro, e, como promessa de uma vida feliz. (ROCKEMBACH, COSTA e GARRÉ, 2018, p. 1) [grifos dos autores]

Nessa correnteza, vemos que os usuários subjetivados pelas e nas mídias sociais acabam as utilizando como uma espécie de atualização de confessionários. Nesses espaços, são publicados pelos próprios usuários seus anseios, suas dúvidas, suas conquistas, suas imagens. Produzimos e consumimos conteúdos midiáticos, reafirmando ainda mais a força desses espaços sociais contemporâneos. Agimos por nossa vontade, somos sujeitos, atores e telespectadores, confessamos e ouvimos confissões. “[...] confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito que é enunciado; é também um ritual que se desenrola em uma relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro [...]” (FOUCAULT, 2017, p. 69). Assim, as relações se engendram e de algum modo, conduzimos nossas condutas pautados em informações que se encontram nesses locais.

Nutricionistas, médicos, educadores físicos, artistas de televisão, pessoas comuns, músicos, enfim, independente da categorização em que se encontrem, os influenciadores digitais tornam-se visíveis nessas mídias e prescrevem, mas têm suas condutas prescritas por outrem, subjetivando e sendo subjetivados acerca de modos de ser e de viver. Na correnteza da discussão acerca de subjetividades que são acionadas quando consumimos o conteúdo dessas redes, muitos de nós tantas vezes nos sentimos culpados, por sermos “indisciplinados” com nossa alimentação, ou por não termos uma rotina condizente com as prescrições que encontramos nesses espaços. “Sem espaços para falhas e negligências, em todas as etapas da vida o corpo feminino deve ser submetido a rotinas de exercícios e dietas da boa forma, sendo, então “digno” de visibilidade” (FONSÊCA, 2017, p. 70) [grifos da autora].

Assim, compreendemos que para além das reportagens da revista *AnaMaria*, a mídia contemporânea, como um todo, é o lugar onde mais são disseminados manuais que conduzem nossas condutas nas mais diversas instâncias

das nossas vidas. Como nessa pesquisa estamos olhando para o corpo, um corpo *magro* e condizente com os padrões estéticos vigentes., problematizamos, então, os usos que fazemos de tais tecnologias, reconhecendo a sua produtividade e positividade, mas pensando no quanto somos subjetivados, ao ponto de nossos estereótipos corpóreos serem motivo de preocupação por tantos de nós. “A preocupação com pessoas gordas tornou-se uma verdadeira obsessão. Basta ligar a televisão, abrir o jornal, uma revista, um livro que encontramos ensinamentos, regras, normas e conceitos acerca do corpo saudável, [...]” (MARTINS e COSTA, 2009, p. 121).

Desse modo, destacamos um bloco de enunciações que corresponde aos títulos dados às reportagens da seção dieta da revista *AnaMaria*, destacando também o caráter prescritivo de tais abordagens, bem como o quanto acionam modos de subjetivação nos sujeitos que consomem tais conteúdos:

Coma batata-doce e emagreça. (ANAMARIA, Outubro de 2017, p. 22, Edição 1098) [grifos nossos]

Truques que deixam magra sem neura. Você não se exercita todos os dias nem tem tempo de preparar refeições *light*? **Então, incorpore estes hábitos no seu cotidiano** e conquiste um corpo enxuto. (ANAMARIA, Outubro de 2017, p. 20, Edição 1097) [grifos nossos]

A dieta que te deixa mais inteligente! Emagrecer é bom para o corpo nós sabemos. Mas para a mente também! [...] **Conheça os alimentos que devem subir à sua cabeça!** (ANAMARIA, Setembro de 2017, Edição 1091) [grifos nossos]

Programe sua mente para você emagrecer. Conheça o **método** que desinflama o hipotálamo, a região do cérebro que regula a fome. (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 18, Edição 1090) [grifos nossos]

Livre-se do cortisol e seque 2 kg por semana. Relacionado ao estresse, esse hormônio favorece o acúmulo de gorduras na barriga e é o inimigo número 1 da balança. (ANAMARIA, Novembro de 2017, p. 22, Edição 1101) [grifos nossos]

Emagreça sem esperar por milagres. Ainda dá tempo de perder peso até as festas de final de ano. **Mas como fazer isso** de maneira saudável? **Nós te ajudamos!** (ANAMARIA, Dezembro de 2017, p. 24, Edição 1104) [grifos nossos]

Compulsão alimentar: como sair do círculo vicioso. Sua relação com a comida e com o doce se tornou uma compulsão? **Saiba identificar e como vencê-la** de maneira saudável. (ANAMARIA, Dezembro de 2017, p. 18, Edição 1106) [grifos nossos]

Comer intuitivo: **descomplique a alimentação! Repense seus hábitos, livre-se da culpa e saiba identificar os sinais do seu corpo** para voltar a ter uma relação saudável (e natural) com a comida! (ANAMARIA, Dezembro de 2017, p. 22, Edição 1107) [grifos nossos]

Nas enunciações destacadas podemos observar que existe um forte apelo à consciência dos indivíduos, fortalecendo e reafirmando um discurso de *emagrecimento*, que funciona concomitantemente com outros discursos e são disseminados pela e na mídia. Mas além disso, vemos que os títulos das reportagens já fazem menção às prescrições que poderão ser encontradas no texto completo de cada uma das reportagens. Importante ressaltar, nessa perspectiva, o quanto somos incentivados a sermos empreendedores de nós mesmos, “precisamos” *emagrecer*, sem culpa, sem estresse, livres da compulsão, conhecendo nosso corpo, controlando nossa mente, colocando em prática “truques” que auxiliam nesse processo.

O corpo “imperfeito” é alvo de ansiedade, insegurança e mal-estar. Gerenciar essa “não adequação” é a forma de “acalmar” essas angústias, em uma “trégua discursiva” em que todo esforço individual deve ser investido na correção dessas imperfeições, que só são toleradas devido à luta eterna que o indivíduo empreende para combater a essência orgânica do corpo, mais do que nunca em todas as fases da vida. (FONSÊCA, 2017, p. 122) [grifos da autora]

Na citação, Fonsêca (2017) está referindo-se a um corpo orgânico, aquele livre de intervenções cirúrgicas ou estéticas, seria aquele corpo que vestimos ao nascer e que, portanto, não é “perfeito”. No seu texto, ela apresenta algumas análises contundentes sobre o quanto somos incitados a partir de um regime de visibilidade para que vivenciemos certas práticas como prerrogativa de adquirirmos um corpo belo e condizente com os padrões vigentes. No bloco de enunciações que destacamos acima, vemos que em diferentes edições as reportagens estão situadas em ensinar táticas que facilitaríamos essa “luta contra a balança” em busca de um corpo “perfeito”.

O governo da alma depende de nos reconhecermos como, ideal e potencialmente certo tipo de pessoa, do desconforto gerado por um julgamento normativo sobre a distancia entre aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar e do incremento oferecido para superar essa discrepância [...] (ROSE, 1998, p. 44)

Desse modo, ao nos autogovernarmos, autorregularmos e autocontrolarmos, na busca desenfreada por alcançar um padrão estético vigente, nos tornamos cada vez mais empresários de nós mesmos e correspondemos àquilo que nos é prescrito nos mais diversos veículos de comunicação com os quais nos deparamos cotidianamente. Assim, são modos de subjetivação que são acionados e que nos incitam a perseguirmos tais padrões, que nos aproximemos de uma norma

discursivamente fabricada, reafirmando um discurso de *emagrecimento* e o fortalecendo.

Em seguida, apresentamos outro bloco de enunciações. Todas elas foram extraídas das chamadas de capa da revista, convidando para a leitura do conteúdo da seção “dieta”, nelas vemos o quanto esses ditos são emblemáticos e convidativos. Observamos que as reportagens mostraram a existência de um problema (que seria a necessidade do *emagrecimento*, por exemplo) mas já na capa há o anúncio de que ali teremos formas para solucioná-lo :

DIETA DO APP DOS PASSOS. PERCA PESO CAMINHANDO COM A AJUDA DO CELULAR. (ANAMARIA, Setembro de 2017, Edição 1094) [grifos nossos]

Dieta das estrelas. GURU DAS FAMOSAS DÁ **15 DICAS PARA VOCÊ ENTRAR EM FORMA.** (ANAMARIA, Julho de 2017, Edição 1083) [grifos nossos]

ELA PERDEU 60 KG! **E agora ensina você a entrar em forma SEM CIRURGIA NEM REMÉDIO.** (ANAMARIA, Junho de 2017, Edição 1078) [grifos nossos]

A DIETA QUE TE DEIXA mais ESPERTA. Você ainda perde peso e fica disposta. (ANAMARIA, Setembro de 2017, Edição 1091) [grifos nossos]

Método vigilantes. DÁ PARA COLOCAR MACARRÃO E CHOCOLATE NA DIETA! (ANAMARIA, Dezembro de 2017, Edição 1105) [grifos nossos]

Dieta do brigadeiro funcional. NESSE REGIME A SOBREMESA AJUDA! (ANAMARIA, Dezembro de 2017, Edição 1103) [grifos nossos]

PERCA PESO ANTES DO ANO-NOVO. Com saúde e sem sofrer. (ANAMARIA, Dezembro de 2017, Edição 1104) [grifos nossos]

É SAUDÁVEL! **PERCA 15 KG EM 15 DIAS** E ainda afaste doenças. (ANAMARIA, Setembro de 2017, Edição 1093)

DIETA EM FAMÍLIA. As tentações diminuem e vocês secam mais rápido. **Confira as dicas e aplique-as em casa!** (ANAMARIA, Agosto de 2017, Edição 1087) [grifos nossos]

21 DICAS PARA VOCÊ EMAGRECER sem neuras. (ANAMARIA, Outubro de 2017, Edição 1097) [grifos nossos]

Neste grupo de enunciações vemos que aparecem vários discursos funcionando de modo articulado para dar sustentação a um discurso de *emagrecimento*. Porém, em todos extratos, também observamos o quanto as reportagens são organizadas como uma espécie de “manual solucionador de problemas”. Para exemplificar o funcionamento de tais discursividades na mídia em geral, mostrando que o caráter prescritivo das abordagens não está apenas nas edições semanais da *AnaMaria*, mas em outros tantos artefatos midiáticos,

apresentamos algumas imagens que apareceram quando realizamos uma busca no Google com a seguinte expressão: “O que fazer para *emagrecer*”:



Figura 14: Substituição do café da manhã³⁵



Figura 15: O que fazer para emagrecer?³⁶

³⁵ Disponível em: < <https://www.atrevida.com.br/index.php?uriA=beleza&uriB=se-cuida&uriC=como-emagrecer-e-perder-a-barriga-neste-verao&uriD=&uriE=&uriF=>> Acesso em 06 de Novembro de 2018.

³⁶ Disponível em: < <https://www.tuasaude.com/como-pensar-magro-para-emagrecer/> > Acesso em 06 de Novembro de 2018.



Figura 16: O que fazer para emagrecer rápido³⁷

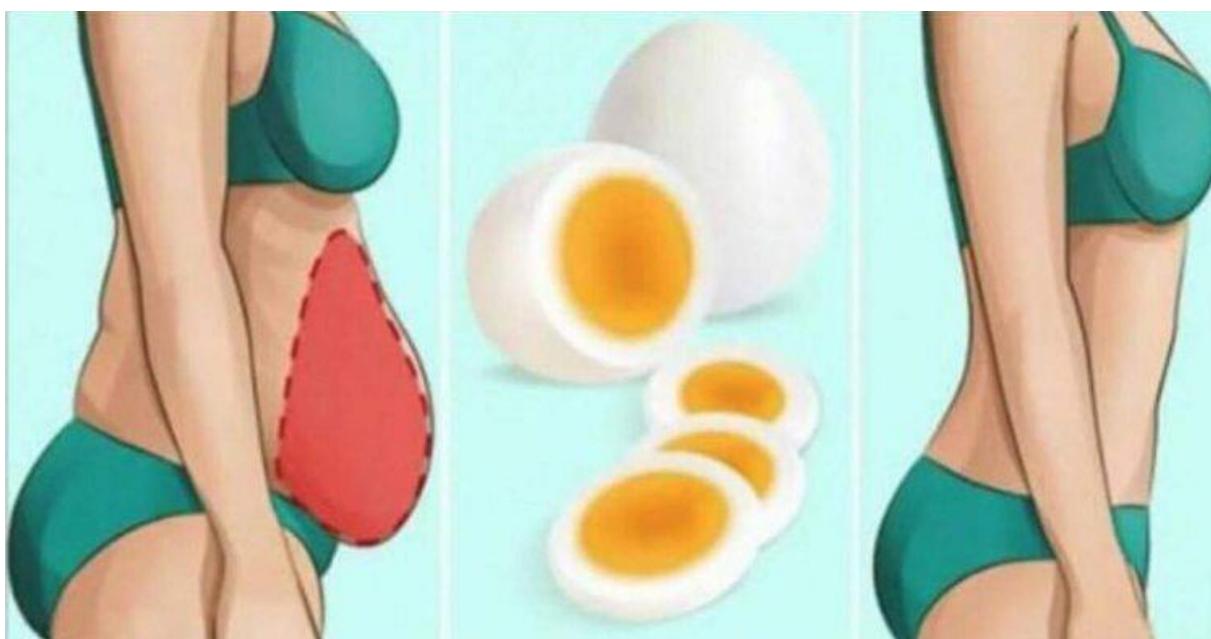


Figura 17: Dieta do ovo³⁸

³⁷ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7NmtBfPeIM8> > Acesso em 06 de Novembro de 2018.

³⁸ Disponível em: < <http://www.sitedebelezaemoda.com.br/saiba-como-fazer-a-dieta-do-ovo-para-emagrecer-rapido/> > Acesso em 06 de Novembro de 2018.

Nas imagens vemos o quanto temos reafirmado pela e na mídia uma forma de prescrição das nossas condutas, visando a obtenção de um corpo *magro*. Na primeira imagem uma substituição de grupos alimentares na rotina matinal. Na segunda imagem uma espécie de “passo a passo” do que se “deve” fazer para *emagrecer*. A terceira trata-se de uma imagem chamando para assistir o vídeo que explica “como emagrecer rapidamente” e a última imagem é uma chamada para a leitura da reportagem que ensina como fazer a “dieta do ovo”. Lembramos que essas imagens foram escolhidas ao acaso, dentre outras tantas possíveis que apareceram quando realizamos no *Google* uma busca por imagens com as palavras “o que fazer para *emagrecer*”.

Nessa perspectiva, podemos observar que existe uma rede discursiva que é reafirmada pela e na mídia que nos ensina modos de ser *magros* como prerrogativa para uma vida saudável. Não estamos aqui fazendo juízo de valor respeito de tais prescrições, pois não é a proposta desta pesquisa. Estamos, sim, tensionando a existência de uma recorrência discursiva que versa sobre algumas formas de condução das nossas condutas e que dá condições para o funcionamento de um discurso de *emagrecimento*. O que, por sua vez, proporciona a emergência de alguns ditos hegemônicos que acabam sendo reproduzidos por muitos de nós e reafirmados nos mais diversos espaços por onde circulamos. Portanto, compreendemos que existem formações discursivas que dão solo para este tipo de recorrência. Desse modo, trazemos como estamos tomando o conceito de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 2008a, p. 43) [grifo do autor]

Além disso, uma formação discursiva também pode ser composta por recorrências que correlacionam o visível e o enunciável, conforme as imagens anteriormente destacadas. Traremos, em seguida, um bloco de enunciações extraídas das reportagens, que mostram o funcionamento de uma regularidade discursiva que versa sobre o caráter prescritivo das abordagens da revista *AnaMaria*. Além disso, quando consultados os textos completos de tais reportagens vemos que seus ditos estão rodeados de imagens que produzem significados dentro do contexto em que se inserem. Nessa perspectiva, “é possível entender que é a

partir de uma formação discursiva que se produz um modo específico de ver e de fazer ver. Assim como, se produz uma determinada maneira de dizer.” (GARRÉ e HENNING, 2015, p. 67). Assim, a mídia fabrica a realidade em que vivemos, quando coloca em funcionamento discursividades que mesclam o dito e o não dito, o visível e o enunciável, ou seja, diferentes formações discursivas nas quais pautamos, muitas vezes, nossos modos de ser e de estar, bem como de compreender este mundo que habitamos.

Nessa perspectiva, trazemos outro bloco de enunciações demarcando o funcionamento dessa regularidade a que nos referimos, e que perfaz uma formação discursiva que oportuniza o funcionamento de um discurso de *emagrecimento* conduzindo nossas condutas, nos ensinando modos de ser e de viver.

Adoce a sua manhã. O cortisol, hormônio do estresse, tem maior concentração no início do dia. Combata-o com doses moderadas de doces (um pedaço de bolo, três biscoitos, um suco adoçado) e evite passar o resto do dia atacando a comida. (ANAMARIA, Outubro de 2017, p. 20, Edição 1097) [grifos nossos]

Comece agora! Não espere a segunda-feira, o próximo verão, a volta das férias ou qualquer outra ocasião para mudar seus hábitos. Isso só abre brechas para a postergação. Encontre a sua automotivação o quanto antes.” (AnaMaria, Outubro de 2017, p. 20, Edição 1097) [grifos nossos]

Troque o elevador pela escada, leve o cão para passear, brinque com seus filhos... Felizmente, conseguimos queimar calorias fazendo qualquer atividade. [...] (ANAMARIA, Junho de 2017, p. 19, Edição 1080) [grifos nossos]

Não suje a louça. Quando comemos saladas e proteínas magras, ao fim da refeição parece que o prato nem foi usado. No caso de frituras e molhos, é preciso muito detergente e água quente para higienizar a louça. Mantenha essa analogia em mente ao montar seu cardápio. (ANAMARIA, Outubro de 2017, p. 21, Edição 1097) [grifos nossos]

Ande: Se anda de ônibus, trem ou metrô, **salte um ponto antes do seu destino.** [...] Faz tudo de carro? **Estacione a um ou mais quarteirões de onde vai.** [...] **Dê preferência às escadarias.** [...] Está de bobeira? **Vá passear** na rua, no shopping, no parque... Vale até dentro da área de lazer do condomínio. [...] **Arrume a casa.** O vaivém de um cômodo para o outro faz diferença. [...] **Faça feira.** Sim, as populares nas ruas. Percorra as barracas de ponta a ponta. [...] **Circule no local de trabalho.** Aproveite para ir ao banheiro e beber água. [...] **Saia com o marido ou as amigas para dançar.** Ou coloque na sala um som que você curte e comece a se agitar. É uma maneira prazerosa de acumular passos. (ANAMARIA, Setembro de 2017 p. 17, Edição 1094) [grifos nossos]

“Batata frita e açúcar são permitidos, mas fazem mal à saúde. **Invista nos vegetais integrais,** que não passaram por processos industriais, livres de conservantes e gorduras”, alerta o preparador físico cubano M. B.. Assim, afina até 3 kg na primeira semana.” (ANAMARIA, Novembro de 2017, p. 23, Edição 1100) [grifos nossos]

Para emagrecer com saúde, **adote nutrientes de que o corpo necessita em cada fase da vida**. Conheça o menu ideal para você e enxugue 4 kg em 20 dias. (ANAMARIA, Setembro de 2017, p. 22, Edição 1092) [grifos nossos]

Quer emagrecer? Peça um suco de laranja! Tomar dois copos da bebida ainda combate o diabetes e reduz o colesterol ruim. (AnaMaria, Outubro de 2017, p. 22, Edição 1088) [grifos nossos]

“Levamos 21 dias para criar ou largar um hábito. **Indico viver esse desafio por 22 dias para passar do ponto onde a maioria das pessoas falha**. E funciona: tenho pacientes que perderam 40 kg”, diz o preparador físico M. B.. Isso não significa que o plano dura só nesse período. É a desintoxicação para um estilo de vida que pode (ou deve) ser seguido para sempre. (ANAMARIA, Novembro de 2017, p. 23, Edição 1100) [grifos nossos]

Reaprender a comer para viver melhor. **Conheça a prática que revoluciona sua relação com a comida** e faz você desenvolver hábitos mais saudáveis (e ficar de bem com o corpo). (ANAMARIA, Novembro de 2017, p. 20, Edição 1102) [grifos nossos]

Ser saudável vai além de ficar doente: **é preciso comer bem, fazer exercícios, ter momentos felizes, paz e, sobretudo, cuidar da mente**. (ANAMARIA, Junho de 2017, p. 18, Edição 1079) [grifos nossos]

Experimente praticar exercícios físicos não para se livrar das calorias do dia anterior, mas sim observando como você se sente depois de se exercitar. Se a sua única meta for perder peso, fica difícil ter uma motivação para levantar da cama. **Faça pelo seu bem-estar!** (ANAMARIA, Novembro de 2017, p. 23, Edição 1107) [grifos nossos]

No bloco de enunciações acima vemos, novamente, o quanto alguns modos de subjetivação que são acionados com um forte apelo à consciência dos indivíduos. Destacamos, ainda, o quanto elas remetem a estratégias biopolíticas, que colaboram para o funcionamento do biopoder nesta sociedade em que vivemos. Sobre este conceito já nos debruçamos nos capítulos 2 e 3 desta pesquisa, por isso, aqui fica somente uma retomada, com o objetivo de demarcar como estamos o compreendendo, para que fiquem melhor articuladas as análises do material empírico.

[...] o conceito de biopoder procura individualizar estratégias e configurações que combinam três dimensões ou planos: uma forma de discurso de verdade sobre os seres vivos; um conjunto de autoridades consideradas competentes para falar aquela verdade; estratégias de intervenção sobre a existência coletiva em nome da vida e da morte; e modos de subjetivação, nos quais os indivíduos podem ser levados a atuar sobre si próprios, sob certas formas de autoridade em relação a estes discursos de verdade, por meio de práticas do self, em nome da vida ou da saúde individual ou coletiva. (RAINBOW e ROSE, 2006, p. 37)

Assim, juntamente com o caráter prescritivo das abordagens que nos ensinam, educam e subjetivam, vemos tecnologias regulamentadoras, da ordem do fazer viver, para que os sujeitos do nosso tempo sejam incitados a viver melhor, do

modo dito mais saudável possível. Somos conduzidos a inserirmos diversas práticas em nossas rotinas, conforme as enunciações destacadas. Tais práticas demarcam o funcionamento do biopoder nas reportagens. Somos incitados a utilizar as escadas, caminhar com os animais, ter momentos felizes, consumir os alimentos ditos corretos, controlar o estresse. Enfim, nesta ordem discursiva, a qual Bauman (2001) chama de modernidade líquida, somos interpelados pelas mais diversas fontes de informação a vivermos não só rapidamente, como também o mais saudavelmente possível. O mundo está sempre em movimento, muitas vezes não temos tempo para nos dedicarmos aos nossos corpos, tantas outras vezes essa dedicação não é uma escolha que nos serve. Porém, ainda na perspectiva do pensamento de Bauman, “precisamos” nos manter ativos, participantes desta sociedade de consumo, colaborando para que o sistema neoliberal ao qual pertencemos não pare de funcionar. Mas, dentro dessa “vida agitada” que permeia nosso contexto, às vezes não somos capturados por discursividades que nos sugerem a adotarmos em nossas rotinas certas práticas ditas saudáveis, pois não almejamos ter um corpo belo, por exemplo. Para esses sujeitos que não são convencidos por algumas discursividades, outros discursos são acionados, como o da saúde e o da ciência por exemplo, todos de um modo ou de outro acabam sendo participantes. Assim, vamos sendo conduzidos das mais diversas formas, a colaborarmos para o funcionamento dessa ordem do discurso, para respondermos ao apelo do *emagrecimento* como prerrogativa de saúde e de longevidade. É desse modo que a mídia coloca em funcionamento o biopoder, utilizando-se de estratégias biopolíticas que nos subjetivam para que vivamos de um modo e não de outro.

Além disso, as enunciações contemplam alguns ditos sobre alimentação, corpo *magro* e prática de exercícios físicos como os grandes pilares para a obtenção da “saúde”. Porém, não somos ingênuos de pensar que existe um sujeito benevolente que temeroso pelas nossas saúdes individuais promovendo políticas e estratégias que nos incitam a perseguirmos um modo de ser dito saudável. Existe sim, nessa perspectiva, uma razão governamental que rege a sociedade neoliberal da qual somos parte. “[...] o governo da subjetividade exige, pois, que as autoridades ajam sobre as escolhas, os desejos e a conduta dos indivíduos de uma forma indireta [...]” (ROSE, 1998, p. 42). Assim, quando somos subjetivados por tais estratégias biopolíticas e pela nossa própria vontade buscamos meios para viver

mais e melhor, estamos oportunizando para que tais relações de poder funcionem e se reafirmem.

Para finalizar gostaríamos de reiterar o quanto essa seção nos parece potente para encerramento dessa pesquisa. Haja vista que com nosso olhar de pesquisadoras conseguimos demarcar algumas peculiaridades do nosso material de análise, as quais investigamos de uma forma produtora. Outros pesquisadores, com um mesmo recorte temporal e o mesmo material encontrariam outros achados de pesquisa. Aí está o ineditismo deste estudo! No primeiro capítulo quando destacamos que tínhamos a intenção de realizar uma pesquisa com o mínimo grau de ineditismo não imaginávamos que ao movimentar nosso material empírico nos depararíamos com tamanha gama de possibilidades de análise. Realizamos um recorte e selecionamos os extratos com os quais trabalhamos ao longo dessas páginas, conforme o andamento das discussões. Para tanto, foram preciso muitos abandonos e também muitas escolhas ao longo desse percurso.

Assim, parece que conseguimos mostrar o funcionamento de um discurso de *emagrecimento* na mídia contemporânea e também temos um achado da pesquisa: ao longo de trinta e uma reportagens da seção dieta, bem como de suas chamadas de capa da revista *AnaMaria* observamos a existência de um caráter prescritivo nas abordagens. Isso nos mobilizou a pensarmos sobre o quanto neste tempo em que vivemos temos presenciado outras formas de manuais que conduzem nossas condutas e nos incitam para que vivamos e sejamos de um modo e não de outro. Compreendemos a potência desse estudo ao oportunizarmos ao nosso leitor a capacidade de pensar sobre suas escolhas, porém sabemos que vivenciamos um tempo em que temos nossas liberdades reguladas pelas mais diversas formas de controle. Assim, escolher não representa ser livre, pois liberdade parece ser uma utopia nessa sociedade em que vivemos, no entanto, pensar a respeito de nossas escolhas parece ser um espaço de resistência, do qual podemos usufruir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de começarmos os apontamentos finais desta etapa de pesquisa, demarco que a partir de agora volto a escrever na primeira pessoa do singular, compreendendo que é necessário trazer alguns deslocamentos que este estudo provocou na Suélem pesquisadora. Como apontei no primeiro capítulo, essa escrita foi mobilizada por alguns atravessamentos pessoais que me constituíram uma pessoa preocupada com questões relacionadas ao corpo. Por muito tempo entendi que possuir um corpo esguio e condizente com os padrões vigentes era uma prerrogativa de vida bem-sucedida e feliz! Depois de uma longa imersão no referencial teórico e metodológico foucaultiano, venho desconfiando de algumas hegemonias e problematizando tais padronizações.

Comecei essa pesquisa com o intuito de problematizar o *emagrecimento* e as discursividades que nos cercam a respeito de padrões corporais. Meu problema de pesquisa foi: “de que modo a mídia impressa, mais especificamente a revista *AnaMaria*, participa da produção de um discurso de *emagrecimento*?”. Pode parecer até mesmo desestimulante em outras perspectivas teóricas encerrar uma dissertação e não encontrar respostas definitivas. No entanto, encerro este texto com a sensação de “dever cumprido”, me parece que realizei um trabalho potente, ainda que não tenha respondido definitivamente ao questionamento motivador. Saio desta etapa com o pensamento inquietado e com uma grande vontade de permanecer ocupando esta posição de sujeito pesquisador.

Este trabalho foi elaborado para o atendimento de um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação e Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Políticas e Práticas de Formação, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Aqui reitero minhas escolhas neste percurso de pesquisa, compreendendo a positividade e a produtividade de problematizar discursividades que circulam pela e na mídia e que nos subjetivam a vivermos de um modo e não de outro. Os artefatos midiáticos nos ensinam, nos educam e nos constituem para além dos muros escolares. Desse modo, a revista *AnaMaria* é uma mídia impressa que foi tomada neste estudo como uma pedagogia cultural, o que situa esse trabalho no campo dos estudos culturais em educação. Importante, também, apontar que não existe uma disciplina de estudos culturais nas escolas, seus domínios estão sim espalhados nos currículos

político-pedagógicos. Vale ressaltar, no entanto, que a mídia é um lugar de aprendizagem, que tem um viés formativo nas políticas de formação tradicionais. Além disso, questões relacionadas ao corpo estão imbricadas em outras temáticas contemporâneas nas escolas, sendo fundamental discuti-las, problematizando as hegemonias que versam sobre a “necessidade” de “todos” sermos *magros*, jovens, felizes, “bem sucedidos”, longevos e saudáveis.

Assim, nesta trajetória de pesquisa, compreendi que existe na contemporaneidade uma gama diversa de discursividades que versam sobre uma “máxima do corpo *magro* e saudável” que provocam múltiplos efeitos subjetivantes nos sujeitos envolvidos. A finalização desta etapa vem acompanhada de muitas incertezas, de inquietações e de desacomodações, além de uma grande vontade de tentar compreender como nos tornamos quem somos e quais as condições de possibilidade que oportunizam que nos tornemos quem somos. Por isso, nestas considerações finais não ousou dizer que compreendi como nos tornamos sujeitos preocupados com questões relacionadas ao corpo, nem tampouco quais os atravessamentos que nos fazem neste contexto histórico e social sermos deste modo e não de outro. Porém, permaneço refletindo sobre essas condições de emergência de um discurso de *emagrecimento*.

Com o pensamento em movimento, gostaria de encerrar essas primeiras linhas de uma longa jornada de pesquisas que terei pela frente retomando a primeira seção deste texto. Quando me confessei lá no princípio, apresentei alguns caminhos que me encorajaram a pensar sobre o *emagrecimento*. Hoje, confesso algumas modificações intrínsecas que realizar este trabalho fomentou. Não vou ser hipócrita ao afirmar para meu leitor que encerro esta etapa despida de todas minhas experiências e que abandonei o discurso de *emagrecimento* que me constituía. Pelo contrário, permaneço capturada por tais discursividades, permaneço colocando em funcionamento alguns “manuais” que aprendi ao longo dos anos, e mantenho-me preocupada com questões relacionadas ao corpo. No entanto, hoje olho para essas questões de uma forma mais “despretensiosa”. Desconfio das verdades universais e sinto-me com uma certa “liberdade” de escolhas, ainda que eu compreenda que é de uma liberdade regulada que se trata. Sinto-me “livre” para recusar algumas coisas, bem como acatar outras, ainda que compreenda que acatá-las é reafirmá-las, mas que não é possível resistir a todos os discursos que nos cercam, porque somos parte de um mundo fabricado discursivamente. A vertente de teorias críticas

indica que o conhecimento transforma, liberta e emancipa o sujeito, não é dessa liberdade que falo aqui. Refiro-me a uma liberdade regulada pelas e nas relações de poder que se engendram em nossa sociedade e que fabricam sujeitos e subjetividades.

Retomo ainda, o que parece ter sido um dos grandes achados desta pesquisa. Existe na contemporaneidade um discurso de *emagrecimento* que funciona pela e na mídia, de um modo sutil, porém eficaz, nos incitando e nos subjetivando para que sejamos todos *magros*, longevos, saudáveis e até mesmo inteligentes. E esse discurso funciona apoiado em outros discursos, que dão solo para seu funcionamento, como o da ciência e o da saúde.

Além disso, ao longo deste curso de formação tive a oportunidade de realizar um estágio de docência orientada. Em conjunto com minha orientadora ministramos uma disciplina chamada “Educação, Cultura e Diversidade”. Neste espaço, muitos atravessamentos e discussões emergiram para além da minha pesquisa de mestrado e me constituíram também uma pessoa diferente daquela que eu era outrora. Sem juízo de valor se tais deslocamentos foram bons ou ruins, compreendo que eles aconteceram. E, em consonância com os estudos que venho realizando, tenho observado a potência de algumas discursividades acerca do tema da diversidade na sociedade em que vivemos neste contexto sociocultural. Não me debrucei nesta pesquisa acerca do conceito de “Diversidade”, porém, considero provocativo encerrar essa escrita falando um pouco sobre isso.

“Diversidade” tornou-se uma palavra de ordem em torno da qual existem entendimentos distintos. [...] Do que e de quem estamos falando? [...] Alguém ficou mais ao centro ou mais à margem? De que modo os sujeitos envolvidos respondem às representações que se constroem acerca deles? E assim por diante. (JUNQUEIRA, 2014, p.4) [grifos do autor]

Tenho compreendido com as reflexões que me propus a realizar ao longo deste estudo, que problematizar as hegemonias acerca de um padrão estético corporal vigente está conectado com essa “palavra de ordem” sobre a qual Junqueira (2014) se refere no trecho destacado. Compreendo, hoje, que tensionar um discurso de *emagrecimento* e falar sobre questões relacionadas a uma padronização, que nos incita a que tenhamos um corpo *magro*, perfaz um foco de resistência que parece ser pensável, pelo fato de na atualidade estarmos recorrentemente nos deparando com uma gama muito ampla de discursividades sobre diversidade.

Pensar sobre o *emagrecimento* em discurso parece ser pensar sobre “do que e de quem estamos falando”, parece ser pensar sobre como temos respondido “às representações que se constroem acerca” de cada um de nós, conforme Junqueira (2014) provocou. Nesta pesquisa, procurei não me posicionar julgando a existência de alguns padrões estéticos vigentes. Procurei, sim, movimentar o pensamento, a escrita, o material empírico, o referencial teórico e metodológico, buscando compreender de que modo padrões tomam força de verdade e são assumidos por cada um de nós.

É importante demarcar que tenho observado a existência de um padrão estético que reverbera pelos mais diversos ambientes de circulação social, que é recorrentemente reafirmado pela e na mídia de um modo geral e que está situado nas discursividades que nos cercam de que os corpos “devem” ser *magros*. Porém, tenho também visto que tais modelos vigentes têm sofrido grandes deslocamentos. Sei que em outros contextos socioculturais, em outros momentos históricos, em outros lugares, os padrões podem ser outros. Além disso, na correnteza de Bauman (2001) a liquidez da modernidade oportuniza vivenciarmos estereótipos cada vez mais diversos e plurais. Os modelos são efêmeros, conforme (Goellner 2010) e se atualizam, se reinventam, se “refabricam” com uma velocidade correspondente àquela que temos vivenciado no nosso tempo e espaço.

Resistências feministas têm oportunizado alguns deslocamentos nos papéis da mulher na sociedade contemporânea, temos vivenciado ao longo dos tempos que algumas mulheres parecem estar cada vez menos importadas com padrões. Nessa correnteza, alguns movimentos feministas se valem do conceito de diversidade como uma forma de “aceitação” dos seus próprios corpos, como um jeito de compreender a vida e até mesmo de pertencer ao mundo.

Ao longo da elaboração dessa pesquisa venho pensando muito sobre isso e considerando ousado tratar deste assunto, pois reconheço que a necessidade de encerrar uma etapa de escrita e que tratar de feminismos e resistências de gênero são questões muito amplas, produtivas e inquietantes, que gerariam talvez até mesmo outras tantas pesquisas. Abri mão de tratar destas temáticas neste trabalho, pois não eram meu foco. Foquei em tentar compreender discursividades acerca do *emagrecimento*. Porém, não poderia me furtar de falar pelo menos superficialmente, ainda que nas linhas finais desta escrita sobre uma questão que me atravessou neste período de imersão nos estudos foucaultianos de uma forma tão forte. Além

disso, considero que essas discussões estão imbricadas em todas as linhas desta dissertação, uma vez que tive a “coragem” de olhar para meus maiores “traumas”, “descontroles” e “descontentamentos”, problematizando algumas hegemonias que versam sobre os estereótipos corpóreos, desconfiando daquilo que esteve sempre ali e para mim parecia totalizador.

Se a diversidade é a palavra de ordem, e se a diversidade tem como objetivo principal aproximar discussões acerca das infinitas pluralidades com as quais convivemos neste tempo, então de que modo será que alguns padrões estéticos vigentes se constroem e são aceitos como verídicos? Se vivemos em um tempo em que estamos cada vez mais “desprovidos de preconceitos”, como a mídia é capaz de participar de um processo de subjetivação tão denso que nos incita a tornarmo-nos sujeitos a alguns modelos? Será que a emergência de uma sociedade de consumo que abrange o mercado *pluz size* não seria um alargamento da norma vigente visando abarcar os sujeitos desviantes, fomentada por discussões acerca da diversidade? Se, em outros contextos socioculturais, os estereótipos corpóreos eram outros, que condições de emergência deram solo aos discursos sobre a “necessidade” da obtenção e/ou da manutenção de um corpo *magro* na atualidade? Se as mulheres parecem estar sendo protagonistas de tantas mudanças no contexto social de uma matriz heteronormativa, de que modo uma revista como a *AnaMaria*, que corresponde a uma espécie de manual para as mulheres deste tempo, é tão consumida? Não tenho respostas definitivas para essas perguntas!

Encerro essa etapa sem uma resposta definitiva para o problema de pesquisa proposto, porém compreendendo que a mídia contribui para a fabricação de sujeitos e subjetividades, persuadindo, convencendo e colocando em funcionamento relações de poder, que nos incitam a vivermos de um modo e não de outro. Entendo que ao longo deste estudo problematizei alguns discursos que fabricam a realidade em que vivemos, que são assumidos como verdadeiros e constroem modos de ser e de viver. Demarquei que vivemos em uma sociedade que nos controla, pelas e nas relações de poder em que estamos engendrados e que somos conduzidos por uma gama imensa de manuais que direcionam nossas condutas para que reafirmemos com nossas práticas muitas dessas hegemonias.

Por fim, demarco que foi Michel Foucault meu grande interlocutor e intercessor, não só deste estudo, mas também da forma com que tenho tentado compreender minha vida nas suas mais ínfimas nuances. Este filósofo edificante,

como o adjectivou o comentador Veiga-Neto (2014), foi quem deixou esta lição em seus tão potentes livros-bomba: a de que problematizar não é responder, mas sim tensionar e tentar compreender, reproblematicando perpetuamente. Então, encerro esta fase de pesquisa ávida por outras tantas, um pouco mais desconstruída, minimamente compreendendo algumas questões, porém, cada vez mais questionadora. E meu desejo agora é que eu tenha “coragem” de permanecer tensionando o mundo em que vivo, afinal de contas, pensar como Foucault nos convida é um exercício constante de romper com o absolutismo das certezas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Uma boa forma de ser feliz**: Representações de corpo feminino na revista Boa Forma. 2002. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 2001.

CAMARGO, Tatiana de Souza. **O governo dos excessos**: Uma análise das práticas de prevenção e controle do excesso de peso realizadas por profissionais da Atenção Básica à Saúde, em Porto Alegre/RS. 2012. 176f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

CASTRO, Edgar. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2ª Edição Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2016.

COSTA, Deyvisson Pereira da. **Corporeidades em tempos de biopoder**: O discurso midiático sobre o cuidado com o corpo. 2009. 115f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber e ANDRADE, Paula Deporte, de. **Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas**. 2015.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/32242>> . Acesso em 22 ago 2017.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2ª Edição Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Um pensador, mil faces**. In.: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault**: Entrevistas. São Paulo: Graal, 2006.

DÍAZ, Mário. **Foucault, docentes e discursos pedagógicos**. In.: SILVA, Tomas Tadeu (org). **Liberdades Reguladas: A pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. 2ª Edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1998. p. 14-29.

EWALD, François. **Foucault, a Norma e o Direito**. Lisboa. Editora Vega, 1993.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Corpo e visibilidade do sujeito neonarcisista como ética da existência**. In.: SOUSA, Katia Menezes de, Org.; PAIXÃO, Humberto

Pires da, Org. Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade. 1ª Edição São Paulo. Intermeios; Goiânia: UFG, 2015. p. 79-96.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: A arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. Apêndice da 2ª Edição. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In.: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974-1978). 1ª Edição. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2001.

_____. **O Cuidado com a Verdade**. In: FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos V – Ética, Sexualidade e Política. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 240-251.

_____. **O nascimento da medicina social**. FOUCAULT, Michel. In.: Microfísica do Poder. 22ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Graal, 2006a. p. 79-98.

_____. **Nietzsche, a genealogia e a história**. FOUCAULT, Michel. In.: Microfísica do Poder. 22ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Graal, 2006b. p. 15-37.

_____. **Poder-corpo**. FOUCAULT, Michel. In.: Microfísica do Poder. 22ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Graal, 2006c. p. 145-152.

_____. **Verdade e Poder**. FOUCAULT, Michel. In.: Microfísica do Poder. 22ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Graal, 2006d. p. 1-14.

_____. **Dos suplícios às celas**. In.: POL-DROIT, Roger. Michel Foucault: Entrevistas. São Paulo: Graal, 2006e.

_____. **A arqueologia do saber**. 7ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 2008a.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). 1ª Edição. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2008b.

_____. **Segurança, Território e População.** Curso no Collège de France (1977-1978). 1ª Edição. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2008c.

_____. **O que é um Autor?** In.: FOUCAULT, Michel. Coleção Ditos e Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

_____. **Em defesa da sociedade.** Curso no Collège de France (1975-1976) / Michel Foucault; tradução Maria Ermantina Galvão. 2ª Edição. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio - 24ª Edição. São Paulo. Edições Loyola, 2014a.

_____. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. 42ª Edição. Petrópolis, RJ. Editora: Vozes, 2014b.

_____. **Sobre a genealogia da ética:** um resumo do trabalho em curso. In.: Ditos e escritos volume IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade/Michel Foucault; organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros de Motta; tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2014c. p.214-237.

_____. **História da Sexualidade 1:** A vontade de saber. 5ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Graal, 2017.

FONSÊCA, Angélica Freitas. **Ruínas do corpo:** práticas de si e os sentidos da “boa forma” na contemporaneidade. 2017.127f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília. Faculdade de Comunicação. Programa de Pós-Graduação Linha de Pesquisa em Imagem, Som e Escrita, 2017.

GARRÉ, Bárbara Hees, HENNING, Paula Corrêa. **Visibilidades e Enunciabilidades do Dispositivo da Educação Ambiental:** A Revista *Veja* em Exame. ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.8, n.2, p.53-74, junho 2015.

GIUSTI, Patrícia Haertel. **O dispositivo da velhice na mídia impressa:** Verdades sobre saúde na contemporaneidade. 2015. 200f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciência). Universidade Federal do Rio Grande. 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção cultural do corpo**. In.: Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes; Felipe, Jane (Org.). 5ª Edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2010. (28-40).

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo**: Discorrer, Disciplinar, Controlar. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, SP. 2003.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo**. Educação & Realidade. v. 22, n. 2, jul/dez, 1997. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>> Acesso em 11 Set 2017.

JUNQUEIRA, Rogério. **Conceitos de Diversidade**. In.: Revista Diversidade e Educação [recurso eletrônico] / Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande. v.2, n.3 (Jan/Jun. 2014). Rio Grande, 2014.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Dispositivo da Maternidade**: mídia e produção agonística de experiência. 182f. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

MARTINS, Jaqueline. **Tudo, menos ser gorda**: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza. 2006. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

MARTINS, Jaqueline; COSTA, Marisa Vorraber. **Sem saída para gordinhos e gordinhas felizes**. In.: A educação na cultura da mídia e do consumo / Marisa Vorraber Costa (org.). Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Corpo, gênero e maternidade: algumas relações e implicações no cuidado em saúde**. 2010. Disponível em: <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/68/55>>. Acesso em 11 Set 17.

OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2011.

REVISTA **AnaMaria**. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1077, 2 de Junho de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1078, 09 de Junho de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1079, 16 de Junho de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1080, 23 de Junho de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1081, 30 de Junho de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1082, 07 de Julho de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1083, 14 de Julho de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1084, 21 de Julho de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1085, 28 de Julho de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1086, 04 de Agosto de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1087, 11 de Agosto de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1088, 18 de Agosto de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1089, 25 de Agosto de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1090, 01 de Setembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1091, 08 de Setembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1092, 15 de Setembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1093, 22 de Setembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1094, 29 de Setembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1095, 06 de Outubro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1096, 13 de Outubro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1097, 20 de Outubro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1098, 27 de Outubro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1099, 03 de Novembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1100, 10 de Novembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1101, 17 de Novembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1102, 24 de Novembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1103, 01 de Dezembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1104, 08 de Dezembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1105, 15 de Dezembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1106, 22 de Dezembro de 2017.

_____. São Paulo. Editora Caras. Ed. 1107, 09 de Dezembro de 2017.

ROCKEMBACH, Guilherme; COSTA, Suélem; GARRÉ, Bárbara. **Investigando alguns modos de subjetivação do corpo jovem na mídia contemporânea**. In.: RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society V. 04, ed. especial, fev., 2018, artigo nº 724.

ROSE, Nikolas. **Governando a alma**: a formação do eu privado. In.: SILVA, Tomas Tadeu (org.) **Liberdades Reguladas: A pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. 2 Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998. (p. 30-45).

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 4ª Edição. São Paulo. Editora Contexto, 2011.

SILVA, Gisele Ruiz; HENNING, Paula Corrêa. **Entre leis, decretos e resoluções...** A inclusão escolar no jogo neoliberal. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 43, p. 843-864, set./dez. 2014. Disponível em:

www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=14715. Acesso em 08Nov17.

SILVA, Tomaz Tadeu. **As pedagogias psi e o governo do eu**. In.: SILVA, Tomas Tadeu (org). *Liberdades Reguladas: A pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. 2ª Edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1998. (p. 7-13).

TRAVERSINI, Clarice e BELLO, Samuel Edmundo López. **O numerável, o mensurável e o auditável: estatística como tecnologia para governar**. In.: *Revista Educação e Realidade: Governamentalidade e Educação*. Nº 34 (2), maio-agosto, 2009, p.135-152.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Biopolítica, Estado Moderno e inclusão na escola**. *Cadernos IHU em formação*. São Leopoldo: UNISINOS, ano 2, n.7, 2006, p. 98-101.

_____. **Foucault e a Educação**. 3ª Edição; 1 reimpressão. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2014.